



W.R.Bion e o Conceito de Barreira de Contacto

ÉVORA, Maio 2017

Nuno Amado Sousa Monteiro

Tese apresentada à Universidade de Évora
para obtenção do Grau de Doutor em Filosofia
Especialidade: Psicanálise

ORIENTADORES : *Prof.Dr^a Irene Borges-Duarte*
Dr. Franco De Masi



W.R.Bion e o Conceito de Barreira de Contacto

Nuno Amado Sousa Monteiro

Tese apresentada à Universidade de Évora
para obtenção do Grau de Doutor em Filosofia
Especialidade: Psicanálise

Orientadores : Prof^a Doutora Irene Borges-Duarte
Doutor Franco De Masi

Évora, Maio 2017

Agradecimentos

Gostaria de agradecer ao Departamento de Filosofia da Universidade de Évora, em especial à Prof^a Irene Borges-Duarte, por ter recebido com entusiasmo este projecto e ter acedido a assumir a sua orientação.

Gostaria igualmente de exprimir a minha profunda gratidão ao Dr. Franco De Masi, pela fundamental orientação que deu a esta investigação, e pelo modo generoso como discutiu e criticou todos os aspectos deste trabalho.

Lisboa, Setembro 2016

Nuno Amado Sousa Monteiro

W. R. Bion e o Conceito de Barreira de Contacto

Sumário

Este trabalho resulta de uma investigação do conceito de “barreira de contacto”, do psicanalista inglês Wilfred Bion, numa aproximação e comparação metodológicas e conceptuais entre filosofia e psicanálise. A tese resultante é a seguinte: embora o autor defenda que esse conceito pode ter uma utilidade clínica singular ainda por desenvolver, o conceito de “barreira de contacto” é da maior relevância para o pensamento filosófico, no que respeita à concepção de consciência, aos limites do conhecimento e ao papel das emoções no processo de pensamento. As emoções, para Wilfred Bion, são os elementos fundadores de toda a vida mental, e a “barreira de contacto”, sendo constituída pelo produto das experiências emocionais transformadas internamente, é a estrutura responsável pela criação do consciente e o inconsciente e pela distinção entre ambos.

Esta tese indica igualmente propostas de investigação futuras: o desenvolvimento de uma linha de pensamento, quer no plano epistemológico quer hermenêutico, que incorpore esta singular concepção de consciência e o modo de atribuição de sentido na linguagem e no pensamento, implicados no conceito de “barreira de contacto”.

W. R. Bion and the Concept of Contact Barrier

Summary

This work is the result of an investigation on the concept of “contact barrier”, by the English psychoanalyst Wilfred Bion, through a methodological and conceptual comparison between philosophy and psychoanalysis. The resulting thesis is as follows: even though the author argues that the concept of “contact barrier” may have a singular clinical use, still underdeveloped, the concept of “contact barrier” is of great importance to philosophy, concerning the conception of consciousness, the limits of knowledge, and the role of emotions in thought processes. The emotions, for Wilfred Bion, are the fundamental elements of all mental life, and the “contact barrier”, being constituted by the product of the emotional experiences, internally transformed, it is the structure responsible for the distinction between the conscious and the unconscious, and for its inception.

This thesis also points to possible future investigation paths: the development of an investigative line, both on epistemology and hermeneutics, that integrates this singular conception of conscience and the way of attribution of meaning in language and thought, involved in the concept of “contact barrier”.

ÍNDICE

<u>Introdução</u>	p.1
<u>I. Filosofia e Psicanálise</u>	
1.1. Pontos de aproximação e conflito	p.11
1.2. Algumas críticas filosóficas à teoria e prática psicanalíticas	p.28
<u>II. O conceito de inconsciente</u>	
2.1. O <i>Inconsciente</i> antes de Freud	p.35
2.2. A descoberta do inconsciente – o caso “Anna O.”	p.46
2.3. O caso “Dora” – o conceito de transferência	p.54
2.4. A revolução freudiana: natureza e implicações	p.65
2.5. O problema epistemológico posto por Freud	p.73
<u>III. O Ponto de Viragem de Bion</u>	
3.1. Inconsciente em Bion: consciência e <i>awareness</i>	p.80
3.2. Função- α	p.92
<u>IV. Kant: <i>fenómenos e númenos</i></u>	
4.1. A importância deste problema	p.112
4.2. Como Kant apresenta o problema	p.116
4.3. A leitura de Freud	p.124
4.4. A leitura de Bion	p.127
4.5. A <i>5ª revolução</i> – Copérnico, Kant, Darwin, Freud, Bion	p.134
<u>V. Barreira de Contacto</u>	
5.1. <i>Barreira de contacto</i> em Freud	p.143
5.2. <i>Barreira de contacto</i> em Bion	p.147
5.3. O trabalho da barreira de contacto: operações envolvidas	p.152
5.4. O pensamento e o sonho	p.157
<u>Conclusão</u>	p.173
<u>Bibliografia</u>	p.177

Introdução

A decisão de apresentar uma tese de doutoramento acerca de Wilfred Bion num departamento de filosofia surge por uma razão essencial: a possibilidade de contribuir para um diálogo frutífero entre a filosofia e a psicanálise.

Um aspecto central da tentativa deste encontro é a consideração do que penso serem as principais diferenças de metodologia e objectivos entre psicanálise e filosofia. As investigações filosóficas, independentemente da época e escola de pensamento, tendem a procurar princípios universais que se apliquem ao Mundo e ao Homem globalmente considerados, sem a aplicação de uma perspectiva concreta de casos particulares. A psicanálise, por outro lado, tem como princípio metodológico a observação clínica. A investigação psicanalítica nasce e desenvolve-se a partir da observação de sintomas e de indícios dos processos mentais inconscientes, concentrando a sua atenção nas situações particulares concretas. Mesmo relativamente a um mesmo paciente 'X', cada novo dado ou situação deve ser objecto de análise tão independente quanto possível de um sistema de pensamento. O decurso do processo psicanalítico deve permitir um funcionamento espontâneo da intuição, em cada momento, mantendo sempre a possibilidade do espanto em ambas as pessoas envolvidas. Neste sentido, a noção de *tempo* em psicanálise ganha uma importância singular – Bion chama a nossa atenção para esse facto:

“A ‘observação’ psicanalítica não se ocupa do que aconteceu, nem do que vai acontecer, mas do que está a acontecer.” (Bion 1992, p. 380)¹

O que não significa, naturalmente, que não haja aspectos previamente assumidos² - mas estes derivam sempre da experiência de observação e análise particulares. Contudo, o conceito que está na génese deste trabalho – “barreira de contacto” – e não obstante derivar da observação clínica e se

¹ “*Psychoanalytic ‘observation’ is concerned neither with what has happened nor with what is going to happen, but with what is happening.*” (Bion 1992, p. 380)

² Como por exemplo, os estudos de casos anteriores; elementos básicos da técnica; a história do paciente; as regras do *setting*, etc.

destinar exclusivamente ao seu uso, trata-se de uma abstração³. Para além do interesse generalizado que a observação da vida mental, e a psicanálise em particular, têm suscitado em várias áreas das ciências humanas, penso que este facto torna o assunto desta tese particularmente interessante para a filosofia.

Neste contexto, considereei ser da maior relevância, como veremos no capítulo IV, propor uma leitura do trabalho de Kant a respeito dos limites do conhecimento, e em particular acerca da diferenciação entre fenómenos e númenos.

Do mesmo modo, procurei mostrar que as consequências implicadas no conceito de barreira de contacto de Bion - em particular no que respeita ao modo como se processa o pensamento humano, à atribuição de sentido, em particular na linguagem, e ao papel do processamento inconsciente das emoções - podem igualmente ser altamente relevantes para o pensamento filosófico.

O presente trabalho representa, assim, uma tentativa de aproximação entre duas áreas de investigação diferentes, com metodologias diferentes, com objectivos diferentes, mas com alguns pontos básicos de interesse em comum. A investigação que se segue mostra que um projecto com estes elementos – com este tema e em diálogo com a filosofia – foi, até agora, completamente inédito. Assim, apenas foi possível prosseguir este projecto graças à sua inserção na linha de investigação em Fenomenologia, Psicanálise e Análise Existencial do pólo de Évora Instituto de Filosofia Prática, coordenada pela Prof^a Irene Borges-Duarte.

Este trabalho, que agora apresento, é o resultado de uma investigação de quatro anos acerca deste conceito de Wilfred Bion. Após uma leitura inicial da primeira metade da obra de Bion *Learning From Experience* (1962), onde a barreira de contacto nos é apresentada, o meu objectivo foi o de recolher toda a relevante investigação anterior sobre o assunto, de modo a poder prosseguir a minha própria investigação.

³ O conceito de barreira de contacto é uma *ideia* retirada da observação clínica – o recurso a analogias como ‘fronteira’, ‘membrana’, etc. tem naturalmente a função de nos fornecer imagens que nos ajudem a construir uma concepção mais clara.

Independentemente do facto de *Learning From Experience* ter sido publicado em 1962, considero que o conceito de barreira de contacto tem estado ainda sub-explorado. Para além dos trabalhos de Grotstein (2004), Teising (2005), Ferro (2005, 2006), do mais recente trabalho de Kohon (2014), e ainda do trabalho de produção portuguesa de Sarsfield Cabral (1998), não se encontram muitas investigações relevantes acerca desta questão. Considero que os trabalhos citados não exploram suficientemente a natureza do conceito de Bion, nem as suas fundamentais consequências, quer no plano clínico quer no plano filosófico.

Assim, decidi dedicar-me pessoalmente a essa investigação, tentando enquadrá-la nas investigações psicanalíticas anteriores e posteriores ao trabalho de Bion, considerando igualmente a investigação e pensamento filosóficos, em particular o trabalho de Immanuel Kant.

Como veremos, o trabalho de Kant acerca da natureza da *coisa-em-si* e do *fenómeno*, inspirou tanto Freud como Bion no pensamento do problema da natureza do *inconsciente*. Penso que terá sido, não só propositado como esclarecedor, revisitar o pensamento de Kant a esse respeito e os comentários tanto de Freud como de Bion, no sentido de explicitar a natureza do *inconsciente* e a distinção entre *consciente* e *inconsciente*.

Para além de tentar trazer o conceito de barreira de contacto para o centro da discussão, tentando mostrar porque é um conceito da maior importância - tanto para o olhar clínico como para o pensamento acerca da natureza humana - tentei igualmente considerar algumas das possíveis implicações deste conceito no âmbito do modelo de funcionamento mental de Bion e em que medida pode contribuir para uma visão mais clara da dinâmica interdependente do consciente e inconsciente. É neste sentido que, creio, o conceito de barreira de contacto poderá trazer uma nova e interessante luz à investigação filosófica, quer nas implicações que esta nova concepção de consciência oferece à epistemologia, quer no âmbito da hermenêutica.

Mas, então, que novidade tão particular é que nos oferece o conceito de barreira de contacto?

A descoberta do inconsciente, já não como mera hipótese lógica, ou como uma espécie de *negativo* da consciência, mas antes como algo que se mostra em

ambiente clínico, teve profundas consequências no modo de pensar tudo o que é humano.

Assim, a fundamental descoberta de Freud, não só revolucionou a psiquiatria e a psicologia, fazendo nascer a psicanálise, como, por outro lado, abriu a possibilidade de transformar profundamente o pensamento filosófico, nomeadamente no que respeita à posição do Homem no mundo, e à noção que o Homem passa a poder ter de si próprio.

Alguns dos alicerces da epistemologia, passam igualmente a ter de ser reconsiderados por duas razões fundamentais: em primeiro lugar, o facto da estrutura da vida mental estar assente em processos inconscientes transforma radicalmente a ideia de *fenómeno psíquico*, impondo novos limites à sua cognoscibilidade; em segundo lugar, e decorrendo do ponto anterior, o sujeito epistemológico surge agora com novas limitações – os seus próprios processos inconscientes influem, de modo impossível de determinar com precisão, na observação do objecto.

Por outro lado, a descoberta do inconsciente obrigou a uma nova problematização da consciência. Dito de outro modo, a descoberta do inconsciente, e as tentativas de explicar o que é e como funciona, conduziram a uma nova perspectiva acerca do consciente.⁴

Depois desta descoberta e dos posteriores trabalhos de Freud, o modo de considerar o funcionamento e a natureza do inconsciente foi sofrendo grandes alterações, acompanhando o progresso e as mudanças na psicanálise. Fugiria ao propósito deste trabalho uma exposição histórica destes desenvolvimentos, bem como da apresentação das orientações, quer teóricas quer clínicas, de outras escolas da psicanálise. No presente contexto, por outro lado, é de importância capital o desenvolvimento que Bion opera na noção de inconsciente.

Como veremos no Capítulo III, o conceito de inconsciente sofre uma nova transformação fundamental – depois da sua descoberta, às mãos de Freud, e dos desenvolvimentos profundos que sofreu às mãos de Klein – com o trabalho

⁴ Como veremos em seguida, a descoberta de Freud da *realidade psíquica* funda uma nova noção de consciência, uma vez que tudo o que é consciente se relaciona com algo inconsciente que lhe dá origem.

de Bion. Para Bion, “inconsciente” deixa de ser sinónimo de “escondido”, “reprimido”; e o trabalho fundamental da psicanálise deixa de ser o de “trazer à consciência”, como um acto libertador e salvífico perante os males da inconsciência.

É, pois, a partir de uma nova noção de inconsciente que Bion considera o conceito, anteriormente utilizado por Freud de *barreira de contacto*.

No entanto, não foi tarefa fácil – a leitura dos textos de Bion representa um desafio tremendo por duas razões fundamentais: em primeiro lugar, porque os assuntos em que Bion se concentra são, constantemente, alguns dos problemas mais complexos da psicanálise, propondo pontos de vista e metodologias desconcertantemente novos; em segundo lugar, pelo facto da sua linguagem ser pouco cuidada, e muitas vezes pouco clara, chegando ao ponto de inventar um novo léxico, supostamente inspirado nas ciências exactas⁵, que penso que lança mais confusão do que esclarecimento. Dito isto, é também verdade que o seu pensamento é de tal modo novo, criativo e inspirador, que todas estas dificuldades são obstáculos que qualquer pessoa realmente interessada nestas matérias estará disponível para superar.

O extraordinário contributo de Bion, com a (re)criação do conceito de barreira de contacto, executa o que penso ser um singular e decisivo passo na direcção de uma melhor compreensão do funcionamento humano. A barreira de contacto é, para Bion, a entidade mental com a função de distinguir o consciente do inconsciente, e da sua criação e manutenção. É, na verdade, uma linha de demarcação e contacto entre ambos.

Em primeiro lugar, o consciente e o inconsciente deixam de estar associados a uma noção de *espaço físico*, passando a ser *qualidades* dos elementos mentais.

Em segundo lugar, o conceito de barreira de contacto é revolucionário na medida em que, para Bion, é a vida interior *emocional* que cria continuamente o inconsciente e o consciente.

⁵ “função- α ”; “elementos- α ”; “elementos- β ”; “coordenadas L, H, K”, etc.

Como veremos, a barreira de contacto é constituída por ‘elementos- α ’, que são os elementos das experiências emocionais processados pela ‘função- α ’. Isto é, a barreira de contacto é uma estrutura emocional – o inconsciente e o consciente dependem a sua existência e demarcação um do outro, de um saudável processamento das emoções.

Com este projecto apenas esboçado, comecei a trabalhá-lo até à sua forma actual, que é constituída por quatro partes fundamentais.

A primeira parte, que ocupa os capítulos I e II, destina-se a estabelecer os fundamentos conceptuais, preparando o caminho até aos temas escolhidos do pensamento de Bion. Aí, elaboro os pontos de demarcação e contacto entre a psicanálise e a filosofia, quanto aos aspectos mais relevantes desta tese.

Os mistérios do funcionamento da mente; a natureza e o significado dos sonhos; as razões subjacentes a sintomas de aflição mental, foram, desde tempos antigos, problematizados de vários modos diferentes, na filosofia, na literatura e na arte em geral.

Por outro lado, poderemos igualmente acrescentar que o longo percurso da epistemologia cumpriu um papel particularmente relevante no desenvolvimento de áreas centrais do entendimento humano – como poderíamos conceber a psicanálise sem o muito longo e difícil caminho da descoberta de como, e o que um sujeito pode conhecer do seu objecto?

Assim, sendo verdade, como é defendido nesta tese, que a perspectiva psicanalítica criou uma nova era no entendimento dos assuntos humanos, as mesmas questões fundamentais já tinham sido anteriormente colocadas, embora sob outros pontos de vista.

Nesta parte, sublinho igualmente o facto de que a noção de inconsciente que temos desde então, é uma descoberta de Freud e o principal ponto de partida da psicanálise, e que originou outras descobertas fundamentais, tal como a noção de *transferência*; *projectão*; *identificação*; etc.

Nas palavras de Freud, no início de *O Ego e o Id*:

“A divisão do psíquico entre o que é consciente e inconsciente é a premissa fundamental da psicanálise.” (Freud, 1923a, p.13)⁶

A segunda parte é composta pelo capítulo III, no qual abordo o pensamento de Bion acerca da natureza e funções do inconsciente, e no qual tento apresentar o seu conceito de ‘*função-α*’ e os seus aspectos fundamentais – considero que estes elementos consubstanciam o que designei como *o ponto de viragem de Bion*. Esta nova perspectiva de Bion oferece novos caminhos de interpretação e investigação, para além do campo estritamente clínico, ao pensamento filosófico.

A terceira parte é composta pelo capítulo IV, no qual lido com a distinção que Kant opera entre *fenómenos* e *númenos* – em particular, a sua exposição no capítulo III da “Analítica Transcendental” da *Crítica da Razão Pura*, intitulada: “Da Distinção de Todos os Objectos em Geral Entre Fenómenos e Númenos” – e as leituras de Freud e de Bion desta questão. A importância que este assunto assume aqui não se deve ao facto de tanto Freud como Bion o terem *mencionado* – não o tendo explorado, ou mesmo considerado de modo cuidado e extensivo – mas antes à *impressão* que terá deixado nas suas mentes. Esta influência fundamental no desenvolvimento do pensamento – que observamos explicitamente referidos em Freud e Bion - deriva da mudança revolucionária que Kant realizou na observação e na posição relativa do sujeito em face do objecto, que mudou a epistemologia de modo permanente. A este respeito, o pensamento de Kant constituiu um contributo essencial para o nascimento de outros pontos de vista revolucionários em matérias de investigação, tais como as assumidas por Freud e mais tarde por Bion.

A quarta, e última, parte deste trabalho é composta pelo capítulo V e pela Conclusão. Aqui, exponho os pensamentos mais relevantes no âmbito desta tese, principalmente a partir do conceito de barreira de contacto e da relevância deste para um entendimento do modo como Bion considera o *pensamento* e o *sonho*.

⁶ “*The division of the psychical into what is conscious and what is unconscious is the fundamental premiss of psycho-analysis(...).*” (Freud, 1923a, p. 13)

A minha tese pode ser assim enunciada de forma simples:

Penso que é necessário (re)considerar o conceito de barreira de contacto de Bion, sob pena de se perder uma oportunidade única de aprofundar o entendimento acerca da natureza humana e do seu funcionamento mental, quer na observação clínica quer no plano filosófico. A barreira de contacto não é apenas mais um interessante contributo para a literatura psicanalítica, ou para o pensamento acerca do Homem, é o corolário das operações mentais mais fundamentais, que Bion denomina “função- α ”; é um conceito que representa um novo modo de considerar a vida mental nas suas estruturas mais elementares.

Com a barreira de contacto, deixa de fazer sentido dizer que “algo reside no inconsciente” – indo muito para além do dinamismo que Freud observou na possibilidade de elementos passarem do inconsciente para o consciente, e vice-versa – porque deixa de haver um *espaço inconsciente*, passando a haver uma *qualidade consciente ou inconsciente* dos elementos psíquicos, continuamente em transformação.

A barreira de contacto oferece-nos duas novidades e dois pontos de reflexão fundamentais: (1) as emoções, e os produtos resultantes de cada experiência emocional, são os elementos mentais mais importantes no crescimento interior e no desenvolvimento da personalidade, e também as principais fontes de dificuldades internas, potencialmente geradoras de patologia; (2) a própria barreira de contacto está continuamente a ser construída, ou destruída, consoante o estado de operacionalidade da função- α , com directa implicação na possibilidade de mudança entre os estados consciente e inconsciente dos elementos mentais. A própria avaliação do estado da barreira de contacto, em cada momento, dá indicações clínicas preciosas acerca do estado mental do paciente. Por outro lado, oferece-nos uma outra perspectiva acerca do modo como pensamos, e como investimos o mundo de sentido.

Quanto aos recursos bibliográficos, as Referências Primárias são constituídas pelas principais obras de Bion. É aqui indicada a edição de referência das obras completas que, por ser de publicação muito recente, não foi ainda utilizada neste trabalho. Assim, as edições anteriores das obras de Bion, que foram utilizadas nesta investigação, constam igualmente das Referências Primárias da Bibliografia.

Relativamente às Referências Secundárias, e relativamente às obras de Kant, utilizei principalmente a *Crítica da Razão Pura*, nas traduções inglesa e portuguesa que indiquei, mencionando a referência canónica da Academia de Berlim. Quanto às obras de Freud, utilizei a Standard Edition em inglês, tendo feito cada referência separadamente, para maior conveniência na consulta.

Cumpre-me acrescentar, ainda quanto aos recursos bibliográficos utilizados, que procedi à tradução integral de todas as citações presentes neste trabalho, constando o original citado em nota de rodapé.

I. Filosofia e Psicanálise

1.1. Pontos de aproximação e conflito

“O único ponto importante em qualquer sessão é o desconhecido. Nada deve ser permitido distrair-nos de modo a não intuirmos isso.” Bion (1992, p. 381)⁷

Durante séculos, e paralelamente a todas as descobertas fundamentais que acabariam por levar à criação da psiquiatria e da neurologia, a investigação acerca da mente humana, as suas características e modo de funcionamento, permaneceu uma área geralmente circunscrita à filosofia. A identificação da *alma* – não como uma entidade teológica, mas antes como uma estrutura ontológica fundamental do ser humano – como sendo algo de importância crucial com a função, não só de fornecer sustento vital ao *corpo*, mas também a de conduzir o modo como sentimos, pensamos e sonhamos, tem o seu primeiro estudo mais sistemático com o *Sobre a Alma* de Aristóteles. No início desta obra, podemos ler:

“Partindo do princípio de que o saber é uma das coisas belas e estimáveis, e que alguns saberes são superiores a outros quer pelo seu rigor, quer por tratarem de objectos mais nobres e admiráveis, por estes dois motivos poderemos com boa razão colocar a investigação sobre a alma entre os mais importantes.” (Aristóteles, *Sobre a Alma*, 402a 1-4, p. 31)

Creio que encontramos, nesta frase, os dois fundamentais pontos genéricos de aproximação entre a filosofia e a psicanálise: o amor pelo conhecimento e a identificação do funcionamento mental como um objecto da mais alta importância. Independentemente das divergências entre convicções, orientações de investigação e escolas de pensamento, o amor pelo conhecimento foi sempre o elemento mais estruturante e unificador da filosofia, que também investigou o modo misterioso como a nossa mente parece

⁷ “The only point of importance in any session is the unknown. Nothing must be allowed to distract from intuiting that.” (Bion 1992, p. 381)

funcionar e a origem e natureza dessas extraordinárias aparições que são os sonhos. A psicanálise, tal como acontece com todos os outros modos de investigação humana, tem uma fundamental dívida à filosofia, como sendo a principal responsável pela criação e desenvolvimento da investigação e de um pensamento profundo e estruturado acerca da natureza humana. Certamente, não existiria psicanálise sem o precioso quadro cultural – composto de muitos elementos distintos como a epistemologia, a linguística, a ética, etc. – trazido a todos nós pela filosofia.

Contudo, e para além de diferenças fundamentais entre escolas e sistemas, e entre as perspectivas genericamente racionalista e empirista, estas investigações foram levadas a cabo de um modo fundamentalmente e radicalmente diferente daquele que viria a ser utilizado pela psicanálise. À distância, os objectos em questão poderiam parecer basicamente similares – o céu observado por um filósofo é o mesmo céu observado por um astrónomo, mas os resultados das suas observações são profundamente diferentes, pelo facto de olharem em diferentes direcções, com diferentes objectivos e com alcances diferentes. Tal como, quando Kant compara o trabalho de Copérnico com a sua própria revolucionária mudança de observação exposta na *Crítica da Razão Pura* – dando origem ao que seria posteriormente denominado como “revolução copernicana” – não está a discutir astronomia ou física, querendo antes afirmar que, para além das diferenças de perspectiva, objectivos e pontos de vista entre a filosofia e a ciência, o trabalho de Copérnico serviu como uma fonte de inspiração para o seu próprio trabalho.

Ideias e conceitos, tais como *alma*, *espírito*, *paixões*, *impulsos*, *afecções*, *consciência*, *mente*, entre outros, seriam objecto de descoberta e exploração, e exposição em obras, desde os antigos trabalhos de Heraclito e Parménides, até aos dias de hoje, como por exemplo: *Sobre a Alma* de Aristóteles e a *Crítica de Razão Pura*, *Antropologia de um Ponto de Vista Pragmático* e o *Ensaio Sobre as Doenças da Cabeça* de Kant; mas também *O Mundo Como Vontade e Representação* de Schopenhauer; o *Sistema do Idealismo Transcendental* de Schelling; a *Filosofia do Inconsciente* de Hartmann; e *De L'Interprétation – essai sur Freud* e *Le Conflit Des Interprétations* de Ricoeur. Estas obras, do meu ponto de vista, representam dois aspectos fundamentais na relação entre a filosofia e a psicanálise: por um lado, o interesse pelos

assuntos que viriam a constituir mais tarde a estrutura elementar da investigação psicanalítica e, por outro lado, (como é disso exemplo o trabalho de Paul Ricoeur) a perspectiva crítica que, ao colocar em causa as descobertas psicanalíticas de um ponto de vista filosófico, pretende conduzir à sua clarificação.

É verdade que Freud desenvolveu um contacto muito interessado com as obras de Platão, Aristóteles, Kant, Schopenhauer, Hartmann, entre outros, durante os seus anos académicos, e beneficiou da influência directa dos ensinamentos de Brentano. No entanto, é também verdade que este interesse não foi profundamente seguido, nem por Freud, nem geralmente pelos psicanalistas que se lhe seguiram, o que contribuiu grandemente para uma relação generalizadamente falhada entre a psicanálise e a filosofia. As diferenças de metodologia, pressupostos e objectivos entre ambas, têm-se mostrado, muitas vezes, obstáculos dificilmente transponíveis para um diálogo verdadeiramente criativo e enriquecedor.

Em Freud, nas *Novas Conferências Introdutórias de Psicanálise* (1933), na Conferência XXXV “A Questão da *Weltanschauung*”, podemos ler:

“(…) a filosofia não tem influência directa na grande massa da humanidade; tem apenas interesse para um pequeno número de entre os mais ilustres intelectuais, sendo dificilmente inteligível para todas as outras pessoas.”

(Freud 1933, p.161)⁸

Esta infeliz passagem mostra um contundente desprezo pela filosofia – provavelmente mais devido a uma necessidade de se defender de acusações e perseguições resultantes de fortes resistências à psicanálise – que, não só peca injustamente por não reconhecer a preciosa herança filosófica, como também falha gravemente no que respeita a uma orientação justa e útil aos recém-chegados à psicanálise, estudantes, e em geral a todos os interessados nas matérias da mente.

⁸ “(...) *philosophy has no direct influence on the great mass of mankind; it is of interest to only a small number even of the top layer of intellectuals and is scarcely intelligible to anyone else.*”
(Freud 1933, p.161)

Esta falha haveria de ser repetida, e agravada, por novas gerações de psicanalistas que, não beneficiando da formação e cultura de Freud, seriam muitas vezes incapazes de criar uma ligação próxima com outras áreas do pensamento, como a filosofia. Penso que a ideia de que a psicanálise não deve nada de muito relevante à literatura, arte, poesia e filosofia⁹, prejudica o próprio desenvolvimento da psicanálise, ajudando igualmente a instigar o ódio contra si própria.

Por outro lado, penso igualmente que o modo como geralmente o trabalho de Freud, e o progresso da psicanálise depois dele, foram recebidos pela filosofia, foi genericamente um desenvolvimento fracassado. A psicanálise fundou uma nova perspectiva, baseada num novo olhar para um objecto da maior importância, com um foco totalmente diferente e revolucionário. Este facto parece não ter sido ainda suficientemente reconhecido, e assim desperdiçados os importantes benefícios que poderiam advir de um tal encontro.

Mesmo quando consideramos, entre os filósofos, algumas das mais interessadas leituras da psicanálise, e os esforços hermenêuticos na compreensão e proposta de um ponto de vista crítico, chegamos geralmente à conclusão que a filosofia e a psicanálise têm estado realmente *de costas voltadas*. Os muitos conflitos gerados neste contexto, parecem ser basicamente devidos a um infeliz mal entendido quanto às suas diferentes naturezas e objectivos.

Com a criação da psicanálise nasce uma linha de fronteira, demarcando o pensamento psicanalítico do pensamento filosófico e de outras formas de pensamento. Esta linha de demarcação materializa-se na observação dos sintomas do paciente como o principal foco de atenção, e nas suas consequências. As referidas grandes obras filosóficas acerca de assuntos psicológicos não parecem ter-nos ajudado a aproximar-nos de um entendimento da psicanálise, quer antes quer depois de Freud, uma vez que estas obras, sendo altamente enriquecedoras e inspiradoras, compõem-se de argumentos racionais provindos de pensamentos distanciados da observação

⁹ Ideia que o próprio Freud se esforçou por combater, apesar de algumas expressões menos felizes, como a passagem acima citada.

de pacientes, e em geral distanciados do que Freud descobriu como sendo a *realidade psíquica*.

Susan Isaacs escreve:

“De entre todos os aspectos fundamentais que devemos ao génio de Freud, nenhum marca mais claramente a nova época do entendimento que ele iniciou do que esta descoberta da *realidade psíquica*.” (Isaacs 1943, p. 269)¹⁰

E representa uma nova época de entendimento, porque a psicanálise olha numa nova direcção – não propõe um novo sistema, argumentando contra um outro, operando antes para além do espectro do pensamento filosófico, precisamente porque a *realidade psíquica* não se confunde com a *realidade externa*. Aquilo que aqui denomino “realidade externa”, diz respeito ao significado que a palavra “realidade” sempre teve, por oposição ao irreal, fictício, ilusório, etc – refiro-me ao que comumente se aceita como constituindo o real. Neste sentido, as discussões acerca da natureza do real, quer no plano filosófico quer teológico, continuam a dizer respeito à realidade externa. O que surge com Freud não é uma negação da realidade externa, nem tão pouco uma nova proposta do que essa realidade seja, mas antes a descoberta de uma outra realidade – a realidade psíquica – que diz respeito à nossa fundamental estrutura inconsciente.

Uma vez que a psicanálise parte da consideração desta realidade interna - da observação de sintomas e de um trabalho de pensamento tendente a conduzir a hipóteses e possíveis descobertas provindas de evidências surgidas no consultório - os seus alicerces estão na natureza da vida inconsciente e no delicado problema do que fazer com ela. Depois dos trabalhos de Freud e Klein, ‘inconsciente’; ‘projecção’; ‘transferência’; ‘identificação’; ‘fantasia (inconsciente)’, (apenas para nomear alguns exemplos) deixam de ser apenas *palavras* na composição de um argumento ou teoria – passando a referir-se a *objectos concretos e reais*, observados e mostrados no consultório.

¹⁰ "Of all the fundamental debts we owe to Freud's genius, none more clearly marks the new epoch of understanding which he initiated than this discovery of psychical reality." (Isaacs 1943, p. 269)

A noção de “concretude da fantasia inconsciente” descoberta por Klein, estendendo a noção de fantasia inconsciente que, para Freud dizia particularmente respeito à necessidade de realização de desejos reprimidos, é um claro exemplo da mudança de paradigma que a psicanálise representa - é um notável exemplo dessa *nova época do entendimento*. A partir da sua observação clínica das primeiras fases de desenvolvimento nas crianças, Klein constatou que as crianças estão constantemente a fantasiar¹¹, mesmo sem ser como resposta defensiva a frustrações, e que essa constante criação de fantasias inconscientes diz respeito a todos nós (crianças e adultos, independentemente do grau de saúde mental que apresentem num dado momento). Mas esta *fantasia* não se refere ao sentido comum de se estar ‘disperso’, ‘alheado’ ou ‘pouco ligado’ ao que se passa à volta, sendo antes a expressão viva do fundamento inconsciente de toda a vida mental, que acompanha não só a vida das crianças como dos adultos.

Issacs esclarece:

“Os tradutores de Freud para inglês adoptaram uma forma especial de escrever a palavra ‘fantasia’ [*phantasy*], com ‘ph’, de modo a diferenciarem o significado psicanalítico do termo, isto é, fantasias predominantemente ou inteiramente inconscientes, da palavra popular ‘fantasia’ [*fantasy*], que significa ‘sonhar-acordado’ conscientemente, ficções, etc. O termo psicanalítico ‘fantasia’ [*phantasy*] diz essencialmente respeito a conteúdos mentais *inconscientes*, que poderão ou não tornar-se conscientes. Este significado da palavra assumiu uma importância crescente, em particular como consequência do trabalho de Melanie Klein sobre as primeiras etapas do desenvolvimento.” (Isaacs 1948, p.79)¹²

¹¹ Aqui expressamente no sentido de *fantasiar inconscientemente*, e não no sentido de estarem a *sonhar acordadas*.

¹² “*The English translators of Freud adopted a special spelling of the word ‘phantasy’, with the ph, in order to differentiate the psycho-analytical significance of the term, i.e. predominantly or entirely unconscious phantasies, from the popular word ‘fantasy’, meaning conscious day-dreams, fictions, and so on. The psycho-analytical term ‘phantasy’ essentially connotes unconscious mental content, which may or may not become conscious. This meaning of the word has assumed a growing significance, particularly in consequence of the work of Melanie Klein on the early stages of development.*” (Isaacs 1948, p.79)

Foi uma descoberta crucial no sentido de se compreender que as crianças devem à sua capacidade de fantasiar inconscientemente, não apenas a possibilidade de lidarem com as frustrações causadas pela realidade externa, nem apenas a acção da censura mantendo certos pensamentos e ideias no inconsciente, mas a possibilidade de desenvolvimento interior e de transformação emocional. Por outro lado, essa extensão do sentido de *fantasia inconsciente* que Klein descobre, levou à compreensão de que os adultos mantêm essa estrutura mental fundamental. Este foi um dos principais contributos de Klein para o desenvolvimento da referida *nova época do entendimento* – a noção de realidade psíquica de Freud foi, assim, alargada.

Leia-se, a este propósito, o comentário de Elizabeth Spillius - uma outra ilustre figura de entre os psicanalistas de linhagem kleiniana, que infelizmente nos deixou recentemente:

“Klein considera que a ‘fantasia’ é uma actividade mental básica, presente de modo rudimentar desde o nascimento em diante, e essencial ao crescimento mental, embora possa também ser usada defensivamente. Klein desenvolveu esta perspectiva da ‘fantasia’ através do seu trabalho com crianças, em particular através da descoberta de que as crianças acompanhavam todas as suas actividades por uma constante presença de ‘fantasia’, mesmo quando não estavam a ser frustradas pela realidade externa.” (Spillius 2001, p. 363)¹³

É ao constatar, repetidamente, o funcionamento mental de crianças no consultório, que surge a noção de *‘concretude da fantasia inconsciente’*, como estando sempre presente e sendo o pilar de todo o funcionamento mental, ao enfatizar a natureza *real* da *realidade psíquica* – algo que é muito difícil de aceitar sem uma compreensão do significado de *inconsciente*.

¹³ “She regards phantasy as a basic mental activity present in rudimentary form from birth onwards and essential for mental growth, though it can also be used defensively. Klein developed this view of phantasy through her work with children, especially through discovering that children accompanied all their activities by a constant stream of phantasy even when they were not being frustrated by external reality.” (Spillius 2001, p. 363)

Vejam agora um exemplo clínico concreto, de Susan Isaacs, que poderá ajudar a ilustrar esta matéria:

“(…) uma rapariga de um ano e oito meses, com fraco desenvolvimento da fala, viu um sapato da sua mãe cuja sola estava quase totalmente descolada. A criança ficou horrorizada e gritou aterrorizada. Durante cerca de uma semana, fugia a gritar se visse a sua mãe usar quaisquer sapatos que fossem, e durante algum tempo apenas lhe foi possível tolerar que a sua mãe usasse uns sapatos de usar em casa de cor brilhante. O atormentador par de sapatos em questão não foi usado durante vários meses. A criança foi gradualmente esquecendo o terror que tinha passado, deixando a sua mãe usar todo o tipo de sapatos. Já com dois anos e onze meses, contudo (portanto, quinze meses depois), pergunta subitamente à sua mãe: «Onde estão os sapatos estragados da Mãe?» A sua mãe apressa-se a responder, temendo outro ataque de gritos, que se desfez deles, levando a rapariga a comentar: «Eles podiam ter-me comido inteira.» O sapato com a sola descolada foi, assim, *visto* pela criança como uma boca ameaçadora, fazendo com que respondesse como fez, com um ano e oito meses, apesar de a fantasia não ter podido ser posta em palavras. Aqui, temos a evidência mais clara possível de que a fantasia pode ser sentida, e sentida como real, muito antes de poder ser expressa em palavras.” (Isaacs 1948, p. 85-6)¹⁴

¹⁴ “(...) *a little girl of one year and eight months, with poor speech development, saw a shoe of her mother's from which the sole was flapping about. The child was horrified, and screamed with terror. For about a week she would shrink away and scream if she saw her mother wearing any shoes at all, and for some time could only tolerate her mother's wearing a pair of brightly coloured house shoes. The particular offending pair was not worn for several months. The child gradually forgot about the terror, and let her mother wear any sort of shoes. At two years and eleven months, however (fifteen months later), she suddenly said to her mother in a frightened voice, «Where are Mummy's broken shoes?» Her mother hastily said, fearing another screaming attack, that she had sent them away, and the child then commented: «They might have eaten me right up». The flapping shoe was thus seen by the child as a threatening mouth, and responded to as such, at one year and eight months, even though the phantasy could not be put into words. Here, then, we have the clearest possible evidence that a phantasy can be felt, and felt as real, long before it can be expressed in words.*” (Isaacs 1948, p. 85-6)

Com a leitura deste exemplo, podemos obter uma perspectiva mais clara acerca da natureza da *concretude da fantasia inconsciente* – é concreta, isto é, ocorre de facto, nos moldes descritos, na mente do paciente, que a mostra no consultório; e é absolutamente real (psiquicamente), pois o paciente *vive-a*. Estas descobertas surgem no desenvolvimento da psicanálise de crianças, mas o que Klein encontra no que respeita às funções da fantasia, aplica-se também ao funcionamento inconsciente dos adultos, embora de modos diferentes. Podemos ler, nas suas palavras:

“(…) em certos planos da mente da criança, a comunicação entre o consciente e o inconsciente é muito mais fácil, fazendo com que seja muito mais simples refazer os passos de um para o outro. Este facto explica o efeito rápido da nossa interpretação que, como é claro, nunca é dada a não ser em relação directa com material adequado. As crianças, contudo, produzem muitas vezes esse material de modo surpreendentemente rápido e em grande variedade.” (Klein 1926, p. 134)¹⁵

Um outro aspecto muito importante é o facto de não devermos identificar os assuntos da vida mental com os assuntos da patologia. Dito de outro modo, estes assuntos dizem respeito a todos nós, e não apenas *a eles* (pacientes), independentemente do facto de uns poderem encontrar-se perturbados e outros não.

Podemos ler, novamente nas palavras de Isaacs:

“(…) a fantasia inconsciente encontra-se completamente activa, nas pessoas normais, e não menos do que na mente neurótica. Parece às vezes assumir-se que apenas nos ‘neuróticos’ é que a realidade psíquica (isto é, a fantasia inconsciente) é da maior importância, e que nas pessoas ‘normais’ a sua importância é muito reduzida ou nula. Esta perspectiva não é suportada pelos factos, tal como os vemos na vida do dia-a-dia das

¹⁵ “(…) *in certain strata of the child-mind there is a much easier communication between Cs and Ucs, and therefore it is much simpler to retrace the steps from the one to the other. This accounts for the rapid effect of our interpretation, which of course is never given except on the basis of adequate material. Children, however, often produce such material surprisingly quickly and in great variety.*” (Klein 1926, p. 134)

pesoas comuns, nem como são observados através do trabalho psicanalítico.” (Isaacs, 1948, p. 80)¹⁶

Assim sendo, estamos a considerar os elementos constituintes do nosso funcionamento mental, não no sentido orgânico (matérias de estudo da psiquiatria e da neurologia), nem estritamente enquanto sintomáticos de quadros patológicos, mas quanto ao modo como sentimos, sonhamos e pensamos. Penso que, para o pensamento filosófico, é este o plano de maior interesse que a psicanálise oferece, com consequências possivelmente muito importantes.

Do ponto de vista filosófico, penso que a psicanálise representa, não uma oposição a perspectivas anteriores, mas antes uma novidade altamente enriquecedora, colocando novos problemas e novas direcções de investigação de problemas antigos. Neste contexto, destacaria as áreas da antropologia filosófica, da hermenêutica e da epistemologia, como as principais beneficiárias das descobertas de Freud e dos trabalhos que se lhe seguiram.

Podemos ler as palavra de Ricoeur a este respeito:

“(...) o que está em jogo, é a possibilidade de uma *antropologia filosófica* capaz de assumir a dialéctica do consciente e do inconsciente. Em que visão do mundo e do homem são estas coisas possíveis?” (Ricoeur 1969, p. 101)

Poderíamos colocar a questão de uma outra forma: depois de Freud, o que fazer com a visão do mundo que tínhamos? Não sendo a psicanálise uma antropologia filosófica, de algum modo, como ficam transformadas as possíveis perspectivas da antropologia filosófica, tendo em conta a descoberta do inconsciente e a *dinâmica* entre consciente e inconsciente, com que todos os dias nos deparamos? Se, por um lado, as grandes questões da antropologia

¹⁶ “(...) *unconscious phantasy is fully active in the normal, no less than in the neurotic mind. It seems sometimes to be assumed that only in the ‘neurotic’ is psychical reality (i.e. unconscious phantasy) of paramount importance, and that with ‘normal’ people its significance is reduced to vanishing point. This view is not in accordance with the facts, as they are seen in the behaviour of ordinary people in daily life, or as observed through the medium of psycho-analytic work.*” (Isaacs, 1948, p. 80)

filosófica influenciaram, enriqueceram e moldaram o pensamento acerca da natureza humana, em especial nos seus aspectos mais profundos e complexos e, assim, tornaram também possível o nascimento da psicanálise, por outro lado, até que ponto será possível a filosofia – em particular a sua vertente antropológica - deixar-se enriquecer por estas descobertas que trazem profundas consequências para o seu próprio trabalho?

Penso que podemos aqui também ter uma abordagem semelhante no que respeita à hermenêutica. À primeira vista, faz sentido considerar a psicanálise como *uma hermenêutica* – ela é um método de investigação interpretativo da realidade, que busca encontrar o sentido último de um conjunto de manifestações humanas, actos e palavras faladas e escritas. Em *De L'Interprétation* (1965), Ricoeur introduz a questão da relação entre a psicanálise e a hermenêutica do seguinte modo:

“Assim, na vasta esfera da linguagem, o lugar da psicanálise torna-se mais preciso: é o lugar dos símbolos ou do duplo sentido, e onde se confrontam os diversos modos de o interpretar. A essa circunscrição, mais vasta que a psicanálise mas mais estreita que a teoria total da linguagem que lhe serve de horizonte, passaremos a chamar o “campo hermenêutico” (...).”(Ricoeur 1965, p.18)¹⁷

Penso, no entanto, que não faz sentido considerar a psicanálise como uma hermenêutica, nem aproximá-la, por exemplo, da metodologia fenomenológica de Husserl, pois o principal pressuposto da psicanálise – o inconsciente - não se encontra aí, pois que estas atribuem geralmente um papel central à consciência. Por outras palavras, encontramos nestas várias propostas de investigação e metodologias, a ideia de que tudo é consciente e, assim, acessível ao pensamento mediante um trabalho de esclarecimento, com uma orientação e uma metodologia específicas. No entanto, o trabalho de algumas

¹⁷ “Ainsi, dans la vaste sphère du langage, le lieu de la psychanalyse se précise : c’est à la fois le lieu des symboles ou du double sens et celui où s’affrontent les diverses manières d’interpréter. Cette circonscription plus vaste que la psychanalyse, mais plus étroite que la théorie du langage total qui lui sert d’horizon, nous l’appellerons désormais le « champ herméneutique » (...).” (Ricoeur 1965, p.18)

das figuras centrais do pensamento hermenêutico¹⁸ permitiram, também, o desenvolvimento de um pensamento crítico acerca da psicanálise.

Não se trata, portanto, de a psicanálise *ser uma hermenêutica* – o que seria, do meu ponto de vista, forçar-lhe uma categoria que não lhe pertence, para tentar torná-la mais compreensível – mas antes a possibilidade de um duplo benefício, a saber, o enriquecimento que uma observação da psicanálise permite ao pensamento filosófico, e a fundamental riqueza que a filosofia, com todo o processo de desenvolvimento do pensamento e a sua problematização, possibilita à psicanálise – por exemplo, a noção de “círculo hermenêutico”¹⁹ pode aplicar-se de um modo interessante relativamente à dinâmica entre a busca de princípios do funcionamento mental e de aspectos concretos da metapsicologia, por um lado, e a actividade própria da psicanálise na observação clínica, por outro.

Por outro lado, o facto de o olhar filosófico ser tendencialmente universalizante, demarca-o do olhar psicanalítico, uma vez que o objectivo da psicanálise é buscar sempre o individual em cada momento – os dados clínicos. É certo que, a partir da observação clínica se vão extraindo alguns princípios orientadores, mais ou menos generalizantes e com um método fundamentalmente comum, mas o ponto essencial é o da descoberta em cada momento clínico, e não a tentativa de fazer adequar o caso particular à teoria.

Quanto às propostas terapêuticas que não têm como ponto de partida a vida mental – fundamentalmente inconsciente – e a observação de sintomas,

¹⁸ Como os trabalhos fundamentais de Dilthey, quer quanto ao modo de delimitar as ciências, destacando as ciências humanas, ou ciências do espírito (*Geisteswissenschaften*) quanto ao seu objecto e metodologia próprios, quer quanto à noção de história e de desenvolvimento.

¹⁹ O filólogo alemão Friedrich Ast (1808) terá sido o primeiro a utilizar a expressão, exprimindo o sentido de uma inter-dependência da parte e do todo na interpretação dos textos, o que sugere um movimento interpretativo circular que utilize, tanto uma visão de *fotografia aérea* (noção integral da obra), como uma visão de detalhe mais aproximada. O contexto histórico, a intenção, o espírito, e o pensamento do autor, ficariam deste modo mais claramente compreendidos. Podemos dizer que este movimento encontra uma analogia no movimento interpretativo em sessão analítica: o analista deve ter sempre em conta a sequência de acontecimentos, o desenvolvimento e a história pessoal do paciente e, por outro lado, deve manter a sua concentração em cada momento concreto da sessão. Este movimento, num sentido e no outro, deve acontecer continuamente e, assim, numa perspectiva circular.

independentemente da riqueza de pensamento que apresentem, penso que se mantêm num plano de pura elaboração racional e não de observação clínica estrita, que é onde podemos considerar os sintomas e, portanto, a sua eventual compreensão e transformação. As possibilidades de uma *suspensão de juízo* e de uma *redução fenomenológica* (Husserl 1901, 1907) em ambiente clínico, preservam a noção de uma identificação entre *mental* e *consciente*, o que, tendo em conta a descoberta da realidade psíquica, faz com que considere ingénuas as propostas terapêuticas daqui advindas.

A psicanálise, concretamente a linha aqui considerada – Freud, Klein, Bion, Meltzer – pelo contrário, considera que tudo o que realmente importa nas manifestações humanas é, em primeiro lugar, inconsciente.

No artigo “As Resistências à Psicanálise” (1924), Freud escreve:

“A ideia dos filósofos acerca do que é mental não era a da psicanálise. (...) Para os filósofos, o mundo da consciência coincide com a esfera do que é mental. (...) Assim, o que pode um filósofo afirmar acerca de uma teoria que, como é o caso da psicanálise, defende que, pelo contrário, o que é mental é em si mesmo *inconsciente* e que estar-se consciente é apenas uma *qualidade* (...)” (Freud 1924, p. 216)²⁰

As consequências da descoberta do inconsciente e desta concepção da realidade psíquica, são extraordinárias – desde logo, a concepção das estruturas da compreensão fica forçosamente alterada, senão pelo estudo dos textos psicanalíticos, seguramente pela *evidência clínica*.

Como veremos mais à frente acerca das funções que atribui ao que chama “função- α ” e “barreira de contacto”, Bion encontra duas grandes dificuldades na busca do sentido das palavras e acções, e na sua interpretação.

Em primeiro lugar, o facto de essas manifestações serem fundamentalmente *manifestações de processos inconscientes*, torna extraordinariamente difícil a

²⁰ “The philosopher’s idea of what is mental was not that of psycho-analysis. (...) For them the world of consciousness coincides with the sphere of what is mental. (...) What, then, can a philosopher say to a theory which, like psycho-analysis, asserts that on the contrary what is mental is in itself unconscious and that being conscious is only a quality (...)” (Freud 1924, p. 216)

compreensão do seu sentido. Em segundo lugar, o facto de serem, muitas vezes, *manifestações de processos patológicos* - quer se tratem de expressões de pacientes psicóticos, quer sejam expressões do que Bion designa por “traços psicóticos da personalidade”, passíveis de serem observados em todos nós – torna ainda mais difícil a compreensão do seu sentido, da sua *intenção*, sempre com vista a um progresso terapêutico.

Bion, mencionando uma situação clínica concreta num seminário ocorrido em 1967 refere:

“(…) um paciente que insistia em afirmar ‘não sei o que quero dizer. Não sei o que quero dizer’. Demorou muito tempo, e eu tinha com ele o tipo de experiência com o qual estou bastante familiarizado no que respeita a estar com um paciente psicótico. Ou permaneço na ignorância (neste tipo de estado esquizo-paranoide, embora tenha esperança que não seja tão mau como isso), e completamente perdido, e uma pessoa pensa ‘Mas porque é que ele não para de dizer ‘Não sei o que quero dizer’, e o que é que é suposto uma pessoa fazer acerca disso?’” (Bion 2013, p.18)²¹

O que fazer perante esta situação? Que método ou escola de pensamento poderia socorrer o terapeuta a lidar com este paciente?

Precisamente, estes problemas só se colocam verdadeiramente a quem lida com os pacientes, concretos e reais, que se apresentam no consultório em sofrimento.

Isto não significa, naturalmente, que o trabalho filosófico e metapsicológico não sejam fundamentais para o exercício clínico – são-no seguramente. Fazem parte crucial da preparação do analista, por um lado, e constituem a estrutura elementar da reflexão e discussão acerca do material clínico e, portanto, da *preparação das horas clínicas seguintes*.

²¹ “(…) a patient who kept on saying ‘I don’t know what I mean. I don’t know what I mean’. It took a long time, and I had the experience with him of the sort of experience with which I am pretty familiar when it comes with being with a psychotic patient. Either I remain in ignorance (in this sort of paranoid-schizoid state as it were, though I hope it’s not as bad as that), and at a complete loss, and one thinks ‘Why on Earth can’t this chap quit saying ‘I don’t know what I mean’, and what is one supposed to do about it?’” (Bion 2013, p.18)

A esta luz, vejamos o conceito fundamental trabalhado nesta tese, *barreira de contacto*. Em primeiro lugar, poderíamos perguntar-nos acerca da sua função – tratar-se-à de um conceito adequado a uma discussão teórica de princípios psicanalíticos, ou de fundamentos metapsicológicos? Ou será antes um conceito que diga respeito à prática clínica e à observação de fenómenos psicológicos concretos?

Este é, na verdade, um ponto central, não apenas neste trabalho mas em muitas outras reflexões acerca da psicanálise e dos aspectos mais relevantes que a separam de outras áreas do pensamento – neste contexto, não penso que haja verdadeiramente lugar a uma distinção entre *teoria* e *prática*. De certo modo, poderíamos dizer que estão ambas sempre presentes, na medida em que, em psicanálise, não faz sentido considerar uma reflexão desligada da observação e da prática clínicas, bem como também não parece fazer sentido uma prática clínica que não esteja estruturada numa profunda reflexão acerca dos fenómenos psíquicos, uma herança da tradição filosófica e cultural europeias.

Penso que o conceito de barreira de contacto é aquele que mais perfeitamente simboliza a união e interdependência entre estes dois planos, teoria e prática, ao representar a contínua operação mental de manter ou relegar para o inconsciente certos elementos mentais, ou trazer ao consciente outros, mostrando o constante dinamismo entre o consciente e o inconsciente. É, ao mesmo tempo, um conceito que nos convida a pensar no homem de um modo totalmente novo, quer na sua relação consigo próprio, quer na sua interação com o mundo, e também, por outro lado, nos desafia a olhar para a observação clínica sob uma nova luz, e com importantes consequências. No capítulo V veremos com mais detalhe, e analisando as próprias palavras de Bion, a natureza e funções da barreira de contacto.

No entanto, tentemos desde já considerar concretamente o que é e como se mostra a barreira de contacto, de modo a ser possível irmos construindo um entendimento acerca da pertinência deste trabalho, quer para o plano psicanalítico, quer para o filosófico. Podemos considerar a barreira de contacto como uma espécie de filtro que separa o consciente do inconsciente; que atribui, a cada momento, o estado consciente ou inconsciente de cada

elemento mental. Este estado pode também a qualquer momento alterar-se, sendo função essencial da barreira de contacto a gestão dessas alterações.

Podemos dizer que a operação da barreira de contacto se faz notar em cada associação feita; cada lapso; cada alteração de disposição emocional; na recordação de cada sonho; em cada uma das muitas acções que fazemos diariamente que consideramos serem “mecânicas” ou “instintivas”, como por exemplo conduzir um automóvel, ou outra actividade que não nos obrigue a uma reflexão consciente; entre muitos outros exemplos²².

Decorre do que vimos até aqui que, ao considerarmos o conceito de barreira de contacto, estamos, portanto, obrigados a reconsiderar o conceito de inconsciente tal como o entendíamos antes de Bion. Todas as manifestações do inconsciente – incluindo naturalmente as manifestações da transferência, que é o plano onde se desenrola o processo psicanalítico – são agora revestidas de um significado adicional: como veremos, o modo como cada um de nós lida com cada experiência emocional, determina a própria gestão dos elementos mentais, entre o plano consciente e o inconsciente, isto é, o funcionamento da barreira de contacto.

Assim, e com o propósito exclusivo de tornar tão claros quanto possível os objectivos, a leitura e a compreensão desta tese, a exposição de todas as suas partes constituintes obedece à seguinte sequência: em primeiro lugar, tomaremos em consideração o conceito de **inconsciente** e a sua descoberta por Freud, e os posteriores desenvolvimentos trazidos por Bion. Também consideraremos a descoberta e natureza do conceito de **transferência**. O diálogo com o pensamento de Kant – que ocorreu tanto com Freud como com Bion – que ocupa o nosso capítulo IV, gira ainda em torno do conceito de inconsciente e das suas limitações, embora mostrando igualmente o interesse de ambos os psicanalistas no pensamento de Kant e no seu modo de problematizar os limites do conhecimento.

²² Neste contexto, consideremos toda uma série de possíveis situações quotidianas, de certo bem conhecidas por todos, e não apenas o conjunto de exemplos clínicos, naturalmente de mais restrito acesso ou compreensão.

Só em seguida, estando estes dois conceitos claramente expostos, nos ocuparemos do conceito de **barreira de contacto** e das suas implicações, quer no plano clínico, quer no desenvolvimento do pensamento.

Será, assim, nesse ponto deste trabalho, no capítulo V e último, onde se concluirá o esclarecimento e exposição desta tese – a relevância e novidade que o conceito de barreira de contacto representa, quer para a observação, o pensamento e método clínicos, quer para possíveis novos desenvolvimentos epistemológicos e antropológicos do pensamento filosófico.

Foi intenção clara na edificação desta tese, que este percurso expositivo ocorresse num movimento de convergência que convida ambas as áreas, filosofia e psicanálise, a considerarem seriamente esta descoberta de Bion.

1.2. Algumas críticas filosóficas à teoria e prática psicanalíticas

Tentemos agora resumir os principais pontos de crítica que a filosofia dirige a algumas das mais fundamentais descobertas da psicanálise: a existência e natureza do inconsciente; a interpretação dos sonhos; e, genericamente, as inferências provindas do método psicanalítico.

Como vimos anteriormente, é difícil, ou até talvez impossível separar claramente o *teórico* do *prático* em psicanálise, uma vez que o seu pensamento e formulações racionais nascem do material clínico, e destinam-se exclusivamente ao uso na prática clínica.

Neste plano, “teoria” e “prática”, é como se pudessem ser intermutáveis – uma não precede necessariamente a outra, no sentido em que a investigação psicanalítica se dá através de um pensamento e teorização constantes acerca do material clínico concreto que continuamente nasce no consultório, e da observação de situações comuns no dia-a-dia. Neste contexto, seria interessante lembrar a frase de Kant: “O que por razões racionais vale para a teoria, vale igualmente para a prática.” (Kant 1793, A 284, p. 102). Neste seu trabalho, “Sobre a Expressão Corrente: Isto Pode Ser Correcto na Teoria, Mas Nada Vale na Prática”, Kant considera a necessidade filosófica de uma construção formalmente correcta de teorias, de modo a que toda e qualquer aplicação prática confirme a veracidade e integridade da teoria. É aqui trazido uma vez mais por Kant, o antigo problema filosófico acerca da adequação entre *formal* e *material*, entre um princípio universal e cada ocorrência singular.

Para a psicanálise, no entanto, esta questão observa-se fundamentalmente em sentido inverso, uma vez que o conhecimento psicanalítico, como vimos, funda-se na observação clínica. A psicanálise não opera por meio de argumentações acerca de hipotéticas adequações entre teoria e prática, precisamente pelo facto de não conceber um tal plano formal separado de um plano prático, isto é, de um *plano vivo*.

Independentemente de uma possível aceitação ou integração destes avanços, estas descobertas e progressos provêm directamente da observação de evidências clínicas que, por seu turno, darão origem a novos pensamentos destinados igualmente ao uso na prática clínica.

Nas primeiras linhas do artigo “A Theory of Thinking”(1962), acerca da natureza da *teoria* que se preparava para expor, Bion escreve:

“A sua semelhança com uma teoria filosófica advém do facto de os filósofos se terem debruçado sobre o mesmo assunto; difere de uma teoria filosófica uma vez que, tal como sucede com todas as teorias psicanalíticas, destina-se ao uso.” (Bion 1962, p. 110)²³

E é exactamente neste sentido que a distinção tradicional e comum entre teoria e prática não se aplica à psicanálise – a teoria psicanalítica *destina-se ao uso*, e provém dele. Como vimos, o ponto fundamental da psicanálise é a observação, a partir da qual poderão surgir interpretações, ideias, reações emocionais e hipóteses de explicação dos fenómenos psíquicos. Assim, em psicanálise, o que resulta da observação poderá ocupar o lugar de *considerações teóricas*, mas precisamente na medida em que resultam da observação.

Por outro lado, quanto à prática psicanalítica, temos que ter em conta que o conjunto de aspectos que estão em operação numa sessão de análise diz respeito a todos os elementos do funcionamento mental de analista e analisando mas, em particular, aos elementos mais difíceis de encontrar e compreender em ambos – a relação analítica é, acima de tudo, uma *relação entre inconscientes*, que se exprime fundamentalmente na transferência e contra-transferência.

Tendo em conta esta perspectiva, a investigação analítica centra-se precisamente nos objectos e funções que tem enorme dificuldade em nomear e classificar.

²³ “Its resemblance to a philosophical theory depends on the fact that philosophers have concerned themselves with the same subject matter; it differs from philosophical theory in that it is intended, like all psychoanalytical theories, for use.” (Bion 1962, p. 110)

Penso que é neste sentido que Bion, referindo-se às palavras que formam uma passagem do *Macbeth* afirma o seguinte:

“Coloquem todas as palavras no seu lugar e terão uma frase que faz alguma coisa por vocês hoje. De onde é que isso vem, não sei – não sei o que acontece a estas coisas.” (Bion 2005, p. 25)²⁴

Que ‘coisa’ será essa? Não sei responder, afirmando apenas que Bion se refere claramente à transformação interna de emoções e pensamentos inconscientes, e é aí que se encontra o cerne da vida mental, que se *mostra* repetidamente no consultório. Como veremos mais à frente, acerca do conceito de “função- α ”, Bion considera que essa transformação emocional está continuamente a funcionar em todos nós e é a estrutura fundamental do nosso aparelho mental. Por outro lado, não parece ser só no consultório que essa realidade se mostra, embora possamos não a ver, ou não reflectir acerca dela. Para além do interesse consciente e racional que a frase de Shakespeare possa ter para cada um de nós, Bion não está aqui ocupado com apreciações de ordem estética ou de análise poética. O que a frase “faz por nós” parece depender de dois factores importantes: por um lado, do próprio Shakespeare, das qualidades emocionais e de pensamento que a sua frase nos oferece e, por outro lado, do modo como internamente recebemos a sua frase; isto é, do modo como, no plano inconsciente, reagimos emocionalmente a ela, e que espécie de companhia é que nos faz – penso que esse é o factor determinante na expressão de Bion. Poderíamos dizer o mesmo, porventura, em relação à *Ilíada*, à *Metafísica*, à *Crítica da Razão Pura*, que, para além do plano consciente em que discutimos estas obras e avaliamos as suas virtudes de pensamento, estéticas, etc, *fazem coisas muito importantes por nós* ao nível inconsciente, embora, como escreve Bion, não saibamos exactamente como isso se processa.

E é importante notar que este *desconhecido* diz estruturalmente respeito, quer à psicanálise quer à filosofia.

²⁴ “Put the lot together and you get a phrase that does something to you today. Where that comes from, I don't know – I don't know what happens to these things.” (Bion 2005, p. 25)

Mas então, de que modo é que seria possível um encontro verdadeiramente frutífero entre a filosofia e a psicanálise? A minha proposta de resposta a esta questão constitui a estrutura subjacente a este trabalho: em primeiro lugar, o que me parece essencial na observação filosófica da psicanálise, não é de todo sugerir o desenvolvimento de novos métodos terapêuticos²⁵, mas antes o exercício da função essencial da filosofia desde o seu início, a saber, a formação e o desenvolvimento de estruturas de pensamento que problematizem, questionem, e ponham em causa quaisquer concepções acerca do Homem.

A educação do modo de pensar e de problematizar, a disciplina do raciocínio e a possibilidade de uma consideração formal dos problemas, são dádivas da filosofia que seria fundamental que a psicanálise, tal como qualquer outra área de investigação do que é intrínseco aos homens, reconhecesse e valorizasse.

Tendo nós já considerado, não só as diferenças entre filosofia e psicanálise quanto aos métodos investigativos e ao exercício das suas funções, como também as áreas comuns respeitantes ao pensamento e de que modo se poderiam enriquecer mutuamente, penso ser essencial, por outro lado, esclarecer um aspecto da maior importância neste diálogo: tendo pressupostos e objectivos distantes da medicina e de qualquer escola filosófica, qual será o *modus operandi* fundamental da psicanálise? De acordo com o que vimos até aqui, e com o que veremos no próximo capítulo, diremos que **a psicanálise é essencialmente a análise da transferência**. O seu método de observação, como vimos, foca-se na realidade psíquica e no modo como ela vai transpirando quer do analisando quer do analista – a psicanálise é um espaço privilegiado para a observação destas dinâmicas de transferência e contra-transferência. Penso que é este ponto, acima de qualquer outro, que melhor representa o que a psicanálise nos trouxe de único e inovador.

Consequentemente, estas peculiaridades trazem consigo exigências de seleção e formação difíceis de cumprir com os currículos tradicionais. Esta questão suscitou, e suscita ainda, grandes polémicas. Como também vimos

²⁵ Pois essa tarefa cabe àqueles que se ocupam da observação clínica – dos sintomas e das suas possíveis causas – de onde deriva, inevitavelmente, qualquer proposta verdadeiramente terapêutica.

antes, Freud tentou deixar indicações para que depois do seu tempo esta questão fosse conduzida de modo saudável.

No já citado trabalho de Freud que visava a defesa do exercício da psicanálise por pessoas que não fossem médicos (leigos) e que, pelo contrário, tivessem formação em áreas distantes da psiquiatria e até da psicologia, podemos ler:

“(...) os analistas *leigos* que praticam análise hoje em dia (...) [são] pessoas com formação académica, doutores em filosofia, educadores, juntamente com algumas mulheres com grande experiência de vida e com personalidades extraordinárias.” (Freud 1926, p. 245)²⁶

Este é um exemplo do que penso ser a atitude ideal da psicanálise face aos cruciais contributos de outras áreas do conhecimento.

Por outro lado, as descobertas alcançadas pela psicanálise, ao transformarem irreversivelmente a noção que até então tínhamos do Homem, oferecem cruciais acrescentos, como vimos, à investigação antropológica (a concepção do humano muda radicalmente); da hermenêutica (as noções de interpretação e busca de sentido são investidas de um novo significado e alcance); da epistemologia (a relação entre o sujeito e o objecto, e as próprias noções de ‘sujeito’ e ‘objecto’ ganham igualmente uma nova dimensão).

No âmbito desta tese destacaria, em particular, a descoberta da *realidade psíquica*. Como vimos, é aqui que se encontra o cerne da fundamental descoberta de Freud – o inconsciente.

O conceito de barreira de contacto, como veremos à frente, diz respeito à distinção entre o consciente e o inconsciente e à *sua criação*. A passagem de elementos do consciente para o inconsciente, e vice-versa, é não só ainda mais dinâmica do que Freud havia considerado mas, mais importante, altera a própria noção de realidade psíquica: a estrutura mental que separa o consciente do inconsciente (barreira de contacto) *está continuamente a ser criada através do processamento das experiências emocionais*. Assim, o papel das emoções atinge um destaque inédito como estrutura elementar da vida

²⁶ “(...) *the lay analysts who practise analysis to-day (...) [are] people of academic education, doctors of philosophy, educationalists, together with a few women of great experience in life and outstanding personality.*” (Freud 1926, p. 245)

mental, e as próprias noções de consciente e de inconsciente sofrem uma alteração radical, o que inelutavelmente modifica o modo como concebemos a observação de qualquer objecto, a interpretação e a atribuição de sentido, quer no que respeita aos nossos próprios pensamentos, quer em qualquer relação com um outro, quer seja de natureza clínica ou não – eis o que penso ser um ponto central da enorme relevância do conceito de barreira de contacto para a actividade da filosofia.

No próximo capítulo, acerca da palavra *inconsciente* e os seus diferentes usos, quer antes quer depois de Freud, veremos com mais detalhe, através do famoso caso clínico de Anna O. e o extraordinário trabalho de Breuer e Freud, a diferente natureza de objectos e de observação na filosofia e na psicanálise. Mencionarei, igualmente, o inovador contributo de Bion quanto à natureza do inconsciente, embora só explore o assunto em detalhe no capítulo III – a partir de um entendimento da concepção de inconsciente em Bion será então possível compreender o funcionamento da *função- α* e da *barreira de contacto*.

II. O Conceito de Inconsciente

2.1. O inconsciente antes de Freud

Como vimos no capítulo anterior, a relação entre a filosofia e a psicanálise é complexa por uma série de factores, com particular destaque para uma questão que, sendo o centro nevrálgico de onde parte toda a teoria psicanalítica, suscitou longos debates no meio filosófico: o inconsciente.

A noção de que existem partes da mente humana que não são conhecidas, nem até mesmo conhecíveis, e que portanto não estão ao alcance de um controlo racional, pertence desde tempos remotos à história do pensamento humano. A perplexidade - e até mesmo angústia – provocada pela ideia do inconsciente, foi estando sempre presente na arte e na poesia, mesmo que muitas vezes apenas sugerida.

A questão do surgimento da palavra “inconsciente” antes de Freud deve-se, a meu ver, mais a uma questão cultural do que propriamente científica ou funcional. Ela surge na Alemanha do romantismo, sobretudo por dois motivos: por um lado, uma característica essencial do romantismo, em particular do alemão, é a expressão de um certo desalento algo sombrio, manifestado através de um interesse, quer na literatura quer na filosofia, por fenómenos obscuros, de difícil explicação racional (de resto, em oposição ao período do iluminismo), tentando obter respostas por vias, diria menos canónicas. O enorme interesse suscitado por manifestações espirituais e por fenómenos psíquicos, ilustra bem este ponto. Por outro lado, também em oposição ao período do iluminismo, o poeta e o filósofo românticos tentam compreender o homem na medida em que este forma um todo com a natureza, sobretudo no que respeita ao plano espiritual. Ao contrário, por exemplo, da perspectiva antropológica de Kant, o pensamento romântico alicerça-se na perspectiva de que o homem e as suas manifestações só são inteligíveis na medida em que são considerados como fazendo parte de uma superior unidade com a natureza. É este o terreno de onde brotam certas posições teóricas acerca do inconsciente, quer de Schelling, quer de Schopenhauer, Hartmann ou Nietzsche – o inconsciente representa algo que, sendo parte estruturante e

inseparável do humano, diz respeito a algo maior e inacessível, a uma união fundamental do homem com a natureza e, assim, com toda a humanidade. Não me assiste, aqui, a tarefa de explorar cada uma destas perspectivas acerca do inconsciente – para além de ser um trabalho já realizado²⁷ – pois tal empreendimento ficaria claramente fora do âmbito do presente trabalho, sendo porém oportuno tentar tornar clara a distinção entre todas estas perspectivas anteriores a Freud, tomadas em geral, e o trabalho da psicanálise.

“Esta palavra [inconsciente] já não significa as memórias esquecidas de Santo Agostinho ou as ‘percepções confusas’ de Leibniz, sendo antes o próprio fundamento do ser humano, enraizado na vida invisível do universo sendo, assim, a verdadeira ligação do homem com a natureza.”
(Ellenberger 1970, p. 204)²⁸

A noção de *inconsciente* que surge em Schelling, parece significar uma dimensão que subjaz a tudo o que é humano – e até para além do humano – mais como um determinante ontológico. É, na verdade, não só um modo de tentar resolver o clássico problema dos limites do conhecimento – nomeadamente, do conhecimento de si, do sujeito enquanto homem – como é, mais ainda, um reconhecimento dos limites do alcance da consciência.

Podemos ler a perspectiva de McGrath:

“Schelling e os românticos construíram o inconsciente de modo a ultrapassar a divisão moderna entre subjectividade e natureza, corpo e espírito, uma divisão legislada pelo representacionalismo cartesiano. Quando tudo se torna objecto para um sujeito, o sujeito fica sem mundo,

²⁷ Veja-se o já clássico trabalho de Ellenberger *The Discovery of the Unconscious* (1970)

²⁸ “*This word [inconsciente] no longer meant St. Augustine’s forgotten memories or Leibniz’s ‘unclear perceptions’, but was the very fundament of human being as rooted in the invisible life of the universe and therefore the true bond linking man with nature.*”(Ellenberger 1970, p. 204)

desligado, sem relação ontológica com as coisas que representa.”
(McGrath 2010, p. 86)²⁹

A tensão entre os conceitos consciente/inconsciente mostra a polaridade conceptual como característica marcada do pensamento de Schelling – e que, de resto, atravessa todo o modo de pensar e sentir românticos – e que tende a resolver-se de um modo que acompanha a própria resolução da oposição sujeito/objecto, numa identidade absoluta. McGrath sublinha que:

“A primeira forma do inconsciente em Schelling (espírito visível/natureza invisível) é substituída pela absoluta identidade entre sujeito e objecto no *Sistema do Idealismo Transcendental* de 1800.” (McGrath 2012, p. 12)³⁰

Fica claro que a preocupação de Schelling não tem qualquer relação com a tentativa de descobrir como se constitui e o que motiva a vida mental. A sua preocupação, intrinsecamente filosófica, é a de tentar encontrar soluções, mais ou menos sistemáticas, para o problema da situação do homem no mundo e da sua relação com este.

Por outro lado, em Schopenhauer – autor lido e admirado por Freud – encontramos uma outra noção de “inconsciente”, num desenvolvimento do conceito de vontade em Schelling, em que o inconsciente se identifica com esta, o que, na opinião de alguns autores (inclusivamente ligados à psicanálise) confere a Schopenhauer a primeira autoria do conceito de inconsciente como viria a ser utilizado na psicanálise, como referem Young & Brook no seu artigo intitulado “Schopenhauer and Freud”:

“No Séc. XIX, alguns temas gerais ocupavam grande parte do mundo falante de alemão, e nenhum outro mais do que a vontade e o

²⁹ “*Schelling and the romantics constructed the unconscious in order to overcome the modern split between subjectivity and nature, mind and body, a split legislated by Cartesian representationalism. When everything becomes object for a subject, the subject becomes worldless, disconnected, without ontological relationship to the things it represents.*” (McGrath 2010, p. 86)

³⁰ “*The first original form of the Schellingian unconscious (visible spirit/invisible nature) is succeeded by the absolute identity of subject and object in the 1800 System of Transcendental Idealism.*” (McGrath 2012, p. 12)

inconsciente. Estes temas poderão ter atingido o seu máximo desenvolvimento com Freud, como muitos sugerem, mas não se iniciaram com Freud, nem sequer com Nietzsche. Para encontrarmos as suas origens e primeiras elaborações claras, temos que recuar pelo menos até ao estranho e misantrópico filósofo, Arthur Schopenhauer.” (Young & Brook 1994, p. 101-2)³¹

No entanto, não se trata aqui de determinar quando, e pela mão de que autor, é que surge o conceito de inconsciente. A preocupação em desenvolver um pensamento sistemático, em procurar encontrar respostas para as grandes questões acerca do Homem universalmente considerado, não fazia parte do horizonte de pensamento de Freud, o que justifica plenamente o facto de as eventuais considerações acerca do inconsciente, fora do âmbito da investigação clínica, serem necessariamente muito distantes das levadas a cabo por Freud.

Ellenberger acrescenta ainda:

“Schopenhauer chamou representações aos fenómenos, e vontade à coisa-em-si, fazendo equivaler a vontade e o inconsciente tal como tinham concebido alguns dos românticos (...) Schopenhauer comparou a consciência à superfície da terra, cujo interior é para nós desconhecido.” (Ellenberger 1970, p. 208)³²

Ao colocar no mesmo eixo *coisa-em-si*, *inconsciente* e *vontade*, Schopenhauer apresenta-nos uma perspectiva que pretende resolver, de uma assentada, os conflitos sujeito/objecto e consciente/inconsciente. No entanto, e apesar da

³¹ “*In the nineteenth century, certain general themes occupied much of the German-speaking world, and none more so than the will and the unconscious. These themes may well have reached their highest development in Freud, as many have suggested, but they did not begin with him, nor even with Nietzsche. To find their origins and first clear articulations, we have to go back at least as far as the strange misanthropic philosopher, Arthur Schopenhauer*”. (Young & Brook 1994, p. 101-2)

³² “*Schopenhauer called the phenomena representations, and the thing in itself will, equating the will with the unconscious as conceived by some of the Romantics (...) Schopenhauer compared consciousness to the surface of the earth, the inside of which is unknown to us.*” (Ellenberger 1970, p. 208)

comparação que Schopenhauer oferece da superfície da terra com o consciente remeter para o pensamento de Freud, no sentido em que considera o inconsciente, não só incomensuravelmente maior do que o consciente, como desconhecido, a distância que separa os dois autores em objecto de estudo, método e pensamento é intransponível. A ideia de uma identificação entre inconsciente e vontade, por um lado, e da vontade como “ponto de unidade da consciência”, por outro, exhibe um pensamento que nada tem em comum com a descoberta do inconsciente e o nascimento da psicanálise, e muito menos poderemos afirmar que os antecipa. Freud e Schopenhauer não se referem, de todo, ao mesmo objecto, nem partilham uma preocupação vagamente comum. Uma vez mais, o que encontramos em Schopenhauer é a determinação em resolver, filosoficamente, o conflito entre consciente e inconsciente através de um pensamento que supere esta oposição e que, de algum modo, lhe dê unidade. O ponto fundamental deixa de ser o carácter inexoravelmente limitado do conhecimento, evidenciado pela natureza do fenómeno e da consciência, mas antes o facto de o que está *para além da superfície* ser a manifestação absoluta de uma vontade trans-humana e universal. A ideia de inconsciente que aqui encontramos, como já vimos, nada tem ainda que ver com a de Freud, pois, o inconsciente em Freud não é uma proposta explicativa, inserida num sistema de pensamento, mas uma *descoberta*. Podemos igualmente considerar o modo como Nietzsche pensa a ideia de “inconsciente”, e que terá influenciado o conceito de *inconsciente colectivo* em Jung – como podemos igualmente ler em Ellenberger:

“Fundamentalmente românticos (...) são os conceitos de inconsciente, em particular tal como reinterpretado por Jung no conceito de ‘inconsciente colectivo’ e no ênfase atribuído aos sonhos e símbolos.” (Ellenberger 1970, p. 205)³³

Esta perspectiva parece representar uma orientação que pretende *acalmar as feridas abertas* deixadas pelo pensamento moderno marcado a partir de

³³ “Fundamentally Romantic (...) are the concepts of the unconscious, particularly as revived in Jung’s ‘collective unconscious’ and the emphasis on dreams and symbols.” (Ellenberger 1970, p. 205)

Descartes. O ambiente social mais deprimido e menos optimista terá também, seguramente, contribuído para uma imperiosa necessidade de resolver conflitos de pensamento bem espelhados na clássica oposição entre sujeito e objecto e, perante o mal-estar associado à ideia de inconsciente, representando o desconhecido e o incontrolável, de encontrar uma espécie de sentido intrínseco à natureza, num inconsciente transversal, que de algum modo legitimasse o que há de inconsciente em cada um de nós. Outro texto de referência acerca do inconsciente antes de Freud é o trabalho de Hartmann, *Philosophie des Unbewussten* (1868). Esta obra, em três volumes, pretende apresentar, novamente de modo sistemático, uma explicação fundamentada do conceito de inconsciente como sendo o princípio absoluto que não se dá à consciência, comum, presente e activo em todas as coisas que compõe o universo, quer sejam orgânicas ou inorgânicas. O conceito de vontade é desenvolvido a partir dos trabalhos de Schelling e Schopenhauer, transportando igualmente consigo o princípio romântico da inteligibilidade da natureza como algo que evidencia uma “lógica” intrínseca ao mundo, tal como podemos ler em Nicholls & Liebsche:

“[Hartmann] declarou abertamente aceitar o princípio, explícito em Schelling, Schopenhauer, e a maior parte dos românticos germânicos, que a inteligibilidade da natureza se alicerça na assunção justificada de que a natureza externa é-nos essencialmente natural e que podemos considerar-nos, ou mais exactamente a nossa experiência interior, no sentido de obtermos o modelo correcto para compreender essa natureza externa.” (Nicholls & Liebsche 2010, p. 179)³⁴

Mas, tentemos tornar mais claro o presente problema. Os pensamentos dos autores referidos são exemplos de importantes contributos para a história do pensamento humano em geral, para a história da filosofia em particular e, por outro lado, contributos importantes para o próprio nascimento da psicanálise,

³⁴ “[Hartmann] openly declared commitment to the principle, explicit in Schelling, Schopenhauer, and most of German romanticism, that nature’s intelligibility is secured by the justified assumption that external nature is essentially akin to us and that we may take ourselves, more exactly our inner experience, to provide the right model for understanding it.”(Nicholls & Liebsche 2010, p. 179)

porquanto esta é necessariamente herdeira daqueles. No entanto, o movimento do pensamento filosófico e do psicanalítico não se confundem, nem a curta história da psicanálise se confunde com a da filosofia.

Ffytche discorda desta perspectiva, afirmando que:

“A historiografia da psicanálise necessita de uma revisão radical (...). O inconsciente que associamos à psicanálise – e que permanece como um dos mais fundamentais conceitos na teoria psico-dinâmica contemporânea, qualquer que seja a sua facção – é um fragmento de um puzzle muito maior. (...) a questão não é tanto: ‘terá Freud herdado o inconsciente de trabalhos anteriores no mesmo século?’, mas antes quais as versões que herdou.” (Ffytche 2012, p. 1, 7)³⁵

Creio que aqui se nos apresentam duas dificuldades de pensamento fundamentais: em primeiro lugar, a ideia de que as obras dos autores referidos, entre outras, constituem partes da história da psicanálise. A história dos homens é naturalmente composta por muitas áreas diferentes, que não progridem sozinhas, sendo que a psicanálise nasce a partir da preocupação e do espanto que a observação de fenómenos psíquicos concretos em ambiente clínico suscitou. Como sempre aconteceu, e seguramente sempre acontecerá em todas as áreas do desenvolvimento humano, todos os criadores são influenciados, quer directa quer indirectamente, por trabalhos e perspectivas anteriores. A história da arte, da ciência e do pensamento humanos não é feita de ideias, por mais geniais que sejam, desgarradas da cultura onde nascem, *caídas do céu*; tudo tem um antes e um depois, independentemente do facto de algumas destas ideias terem marcado a humanidade em rasgos revolucionários. Diria que tal não só é inevitável como altamente desejável. Freud foi naturalmente influenciado por filósofos, médicos, cientistas e artistas que se referiram a um “inconsciente” e a determinadas perspectivas acerca da

³⁵ “*The historiography of psychoanalysis needs radical revision (...). The unconscious we associate with psychoanalysis – and which remains one of the most fundamental concepts in contemporary psycho-dynamic theory, of whatever persuasion – is a fragment of a much larger puzzle. (...) the question is not so much ‘did Freud inherit the unconscious from earlier in the century’, but which versions of it did he inherit?*” (Ffytche 2012, p. 1, 7)

mente humana, facto que, por outro lado, não faz de nenhum deles co-autor ou co-reponsável pela sua obra. Indo um pouco mais longe, tal seria como afirmar que foi Sófocles quem descobriu o Complexo de Édipo.

Em segundo lugar, a ideia de que, se não reconhecermos estas obras filosóficas como também fazendo parte da história da psicanálise, e precursoras do pensamento de Freud, estaremos de algum modo a diminuí-las e a sobrevalorizar o trabalho de Freud – também aqui, não creio que esta perspectiva faça sentido.

A palavra pode ser a mesma, “inconsciente”, mas o objecto, o modo de observar, a preocupação que subjaz à investigação, são radicalmente diferentes e, creio que prestamos um mau serviço, quer à psicanálise, quer à filosofia, ao insistirmos neste tipo de confusão.

Não se trata, portanto, em meu entender, de tentar estabelecer uma hierarquia qualitativa na abordagem do problema do inconsciente, nem tão pouco de tentar identificar uma linha histórica do aparecimento e desenvolvimento da palavra “inconsciente”. Trata-se, antes, de reconhecer e compreender que a literatura e filosofia, por um lado, e a psicanálise, por outro, tratam de objectos diferentes. A noção de inconsciente como constituindo, por um lado, o conjunto dos elementos mentais reprimidos e, por outro, a origem última de todos os elementos mentais conscientes é absolutamente nova, sem qualquer antecedência conhecida ao pensamento de Freud.

Ilustrando a questão de outro modo, tentemos responder à seguinte questão: o que diria qualquer destes autores se estivesse num consultório frente a Anna O.? De que modo poderia ajudá-la? Face aos *sintomas* mostrados pela paciente, por exemplo uma paralisia total de um lado do corpo sem qualquer motivo aparente de ordem física, o que se achariam capazes de fazer? Veremos na próxima secção como Breuer e Freud respondem a estas questões, mas são estas as únicas questões que ocupam Freud e a psicanálise - os trabalhos “teóricos” de meta-psicologia referem-se sempre à prática clínica e à determinação em lidar com os sintomas, sem a qual não teriam qualquer sentido – e foi num tal ambiente, no caso observando o trabalho de Charcot, que surgiram a Freud as inquietações e os problemas que viriam a dar origem à psicanálise.

Muito mais tarde, nas *Novas Lições Introdutórias* (1933), podemos ler acerca do percurso da psicanálise:

“Não terá sido um aspecto de menor importância para o seu desenvolvimento ou para a recepção que recebeu, o facto de ter iniciado o seu trabalho centrada no que, de entre todos os elementos da mente, é o mais estranho ao ego – os sintomas.” (Freud 1933, p. 57)³⁶

Mesmo no que respeita aos importantes trabalhos da psiquiatria e da psicologia, que foram consideravelmente mais longe na tentativa de tentar esclarecer a questão do inconsciente, estes terão ficado reféns de alguns preconceitos e pressuposições que não possibilitaram a pura e simples observação dos fenómenos psíquicos como manifestações de estruturas inconscientes subjacentes. Referindo-se a Theodore Lipps, na segunda parte da *Interpretação dos Sonhos* (1900), Freud escreve o seguinte:

“O problema do inconsciente na psicologia é, nas palavras assertivas de Lipps (1897), não tanto um problema psicológico mas o problema da psicologia. Enquanto a psicologia lidou com este problema usando uma explicação verbal, em que ‘psíquico’ significava ‘consciente’ e falar em ‘processos psíquicos inconscientes’ não fazia qualquer sentido, qualquer consideração psicológica das observações médicas acerca de estados mentais anormais estava inteiramente fora de questão.” (Freud 1900, p. 611)³⁷

A própria relação com o sonho, que ganha novo interesse no romantismo, sobretudo através da poesia e da filosofia, não tem ainda relação com o modo como o sonho passa a ser encarado a partir de Freud – toda e qualquer

³⁶ “It has not been a matter of indifference for the course of its development or for the reception it met with that it began its work on what is, of all the contents of the mind, most foreign to the ego – the symptoms.” (Freud 1933, p. 57)

³⁷ “The problem of the unconscious in psychology is, in the forcible words of Lipps (1897), less a psychological problem than the problem of psychology. So long as psychology dealt with this problem by a verbal explanation to the effect that ‘psychical’ meant ‘conscious’ and that to speak of ‘unconscious psychical processes’ was palpable nonsense, any psychological evaluation of the observations made by physicians upon abnormal mental states was out of the question.” (Freud 1900, p. 611)

perspectiva mística, mágica, premonitória ou de comunhão com um todo não está presente na observação psicanalítica, nem tão pouco a de que o sonho é produto de loucura.

Podemos igualmente ler em Freud:

“Existe um produto psíquico que encontramos na maioria das pessoas normais, que no entanto apresenta uma contundente analogia com as mais marcantes produções da insanidade, e que não foi mais inteligível para os filósofos do que a própria insanidade. Refiro-me aos sonhos.” (Freud 1912b, p. 264-5)³⁸

Talvez pudéssemos dizer que a observação psicanalítica torna menos interessante a natureza do sonho quando comparada, por exemplo, com a perspectiva romântica. O sonho para a poesia e a filosofia é essencialmente produto da manifestação do espírito, enquanto produto cultural (quase diria artístico) pertencendo a um espaço e tempo determinados, uma fonte de mistério e inspiração.

O olhar da psicanálise é totalmente diferente – possivelmente poderá ser considerado como menos cativante ou inspirado – sendo simplesmente uma tentativa de tomar atenção ao que cada sonho diz acerca da pessoa em questão, e tentar ver o seu sentido.

Na introdução ao artigo de Freud “O Inconsciente” (1915a), James Strachey ilustra de modo particularmente claro a distinção fundamental entre o pensamento de Freud, e da psicanálise em geral, e a filosofia relativamente à noção de inconsciente:

“(…) o interesse de Freud na assunção [do inconsciente] nunca foi filosófico – apesar de, indubitavelmente, os problemas filosóficos se encontrarem muito próximos da discussão. O seu interesse era de ordem prática. (...) o que Freud estabeleceu não foi uma mera entidade metafísica. O que fez no Capítulo VII da *Interpretação dos Sonhos* foi

³⁸ “*There is one psychical product to be met with in the most normal persons, which yet presents a very striking analogy to the wildest productions of insanity, and was no more intelligible to philosophers than insanity itself. I refer to dreams.*” (Freud 1912b, p. 264-5)

como que vestir a entidade metafísica com carne e sangue.” (Strachey 1953-1974, vol. 14, p. 162-164)³⁹

O que Freud procura – e, depois dele, a psicanálise em geral – não é nem a construção de um sistema, nem tão pouco os fundamentos da natureza humana. Freud procura dar respostas a uma série de questões com as quais é deparado *na prática clínica*. Por outro lado, é certo que foi fundamental para Freud ter tido contacto com alguns textos literários e filosóficos, mas na medida em que estas leituras o terão inspirado a sentir e a pensar de modo mais rico e não porque tenham antecipado, em nenhuma medida, o que viria a descobrir.

Permitam-me sublinhar uma vez mais o aspecto central nesta questão: não se trata aqui de proceder a uma consideração ou estudo comparativo entre os vários momentos de evolução do conceito *inconsciente*, e dos vários sentidos com que foi investido em estruturas de pensamento filosófico, em comparação com o que Freud descobriu. Como já vimos, Freud descobriu a *realidade psíquica*, e foi esta descoberta que fundou um novo conceito a partir de uma palavra que já existia – *inconsciente*. Como não existe qualquer semelhança entre a palavra *inconsciente* antes e depois de Freud (nem tão pouco, dentro ou fora do trabalho clínico), não creio que fizesse sentido, neste contexto, uma análise que pretendesse comparar objectos que não são comparáveis.

Veremos, em seguida, em que circunstâncias se dá a descoberta do inconsciente e o nascimento da psicanálise.

³⁹ “(...) Freud’s interest in the assumption [of the unconscious] was never a philosophical one – though, no doubt, philosophical problems inevitably lay just round the corner. His interest was a practical one. (...) what Freud established was no mere metaphysical entity. What he did in Chapter VII of *The Interpretation of Dreams* was, as it were, to clothe the metaphysical entity in flesh and blood.” (Strachey 1953-1974, vol. 14, p. 162-164)

2.2. A descoberta do inconsciente – o caso “Anna O.”

É em 1895, com a publicação dos *Estudos Sobre a Histeria*, que o conceito de *inconsciente* tal como o conhecemos é introduzido pela primeira vez, como podemos ler na nota de Strachey:

“Esta parece ser a primeira ocorrência publicada do termo ‘*das Unbewusste*’ (‘o inconsciente’) naquele que viria a ser o seu sentido psicanalítico.” (Strachey 1953-1974, Vol. 2, p. 45)⁴⁰

É também precisamente esta descoberta do inconsciente que igualmente funda uma nova noção de consciência.

Por outro lado, é importante reconhecer (como fez Freud) o trabalho pioneiro levado a cabo por Charcot e Janet, estabelecendo uma ligação entre ideias inconscientes e determinados sintomas, através de uma bem sucedida utilização da hipnose:

“Há muito tempo que o ‘inconsciente’ havia sido, é verdade, discutido entre filósofos como um conceito teórico; mas agora pela primeira vez, no fenómeno do hipnotismo, passou a ser algo actual, tangível e sujeito de experiência.” (Freud 1923b, p. 192)⁴¹

Contudo, não obstante o facto de estes trabalhos seminais terem pela primeira vez considerado o inconsciente como algo que positivamente existe e não como algo que *não é consciente*, o nascimento do método psicanalítico estava ainda distante. Como é salientado por Freud:

“A psicanálise, contudo, não se baseou nestas investigações de Janet. O factor decisivo foi a experiência de um médico vienense, o Dr. Josef

⁴⁰ “*This seems to be the first published occurrence of the term ‘das Unbewusste’ (‘the unconscious’) in what was to be its psycho-analytic sense.*” (Strachey 1953-1974, Vol. 2, p. 45)

⁴¹ “*The ‘unconscious’ had, it is true, long been under discussion among philosophers as a theoretical concept; but now for the first time, in the phenomena of hypnotism, it became something actual, tangible and subject to experiment.*” (Freud 1923b, p. 192)

Breuer. Em 1881, independente de qualquer influência externa, o Dr. Breuer conseguiu, com a ajuda da hipnose, estudar e restabelecer a saúde de uma rapariga altamente talentosa que sofria de histeria.” (Freud 1923b, p. 193)⁴²

O trabalho de Josef Breuer com Anna O. foi, indubitavelmente, um passo decisivo para o estabelecimento da vida inconsciente e da criação da psicanálise por Freud.

No entanto, alguns anos antes da sua colaboração com Breuer, havia já ocorrido um crucial ponto de viragem na mente de Freud, por volta do final de 1885, quando foi para Paris para aprender e trabalhar com Charcot. No seu regresso a Viena, Freud começa a trabalhar numa tradução da obra de Charcot, *Leçons Sur les Maladies du Système Nerveux*. No Prefácio à tradução, Freud escreve:

“(…) verifiquei que o Professor Charcot (...) havia-se desviado do estudo das doenças nervosas baseadas em alterações orgânicas, e estava a concentrar-se exclusivamente na investigação das neuroses – em particular da histeria.” (Freud 1886, p. 21)⁴³

O próprio Freud estava também prestes a começar a afastar-se de um ponto de vista estritamente fisiológico acerca dos fenómenos mentais e da urgência médica em eliminar sintomas – estava prestes a iniciar uma busca, tenaz e apaixonada, pelas causas subjacentes. O seu encontro com Charcot foi tão impressionante para Freud que, numa comovente carta para Martha Bernays escrita em Paris, em Novembro de 1885, escreve o seguinte:

“(…) penso que estou a mudar muito. (...) às vezes saio das suas palestras como se saísse de *Nôtre Dame*, com uma ideia inteiramente nova de

⁴² “*Psycho-analysis, however, was not in any way based on these researches of Janet’s. The decisive factor in its case was the experience of a Viennese physician, Dr. Josef Breuer. In 1881, independently of any outside influence, he was able with the help of hypnosis to study and restore to health a highly-gifted girl who suffered from hysteria.*” (Freud 1923b, p. 193)

⁴³ “(…) *I found that Professor Charcot (...) had turned away from the study of the nervous diseases that are based on organic changes and was devoting himself exclusively to research into the neuroses – and particularly hysteria.*” (Freud 1886, p. 21)

perfeição. (...) O meu cérebro fica completamente saciado, tal como depois de uma noite no teatro. Se a semente irá germinar ou não, é algo que não sei.” (Freud 1990, p. 85-6)⁴⁴

Nós sabemos.

Em 1880, Josef Breuer inicia o tratamento de Anna O. – Bertha Pappenheim - uma mulher com cerca de trinta anos, diagnosticada como um caso de histeria. Sofria de uma série de sintomas físicos, aparentemente causados (ou, pelo menos, agravados) pela doença do seu pai, que acompanhou tratando dele. Breuer descreve deste modo o seu *modus operandi* clínico neste caso:

“Costumava visitá-la à noite, quando sabia que a encontraria em hipnose, e então aliviava-a da coleção de produtos imaginativos que havia acumulado desde a minha visita anterior. (...) Ela descrevia habilmente este procedimento, falando seriamente, como sendo uma ‘cura pela conversa’, enquanto o descrevia humoristicamente como ‘varrer a chaminé’.” (Breuer 1893-1895, p. 30)⁴⁵

Não tendo a intenção de proceder a uma descrição detalhada do caso – que estaria fora do âmbito deste trabalho – creio ser muito importante, no entanto, ter em conta dois aspectos desta história peculiar: em primeiro lugar, o facto de que ela marca o nascimento da psicanálise através do trabalho de Freud após o termo do tratamento; em segundo lugar, o modo como o tratamento chegou ao fim.

Este caso foi apresentado em colaboração com Freud, só passados já quinze anos após o final do tratamento, primeiro através da *Comunicação Preliminar* (publicada em formato de artigo em 1883), e depois publicada nos *Estudos*

⁴⁴ “(...) I think I am changing a great deal.(...) I some times come out of his lectures as from out of Nôtre Dame, with an entirely new idea about perfection. (...) My brain is sated as after an evening in the theatre. Whether the seed will ever give any fruit I don't know (...)” (Freud 1990, p. 85-6)

⁴⁵ “I used to visit her in the evening, when I knew I should find her in her hypnosis, and I then relieved her of the whole stock of imaginative products which she had accumulated since my last visit. (...) She aptly described this procedure, speaking seriously, as a ‘talking cure’, while she referred to it jokingly as ‘chimney-sweeping’.” (Breuer 1893-1895, p. 30)

Sobre a Histeria em 1885. Muitos artigos e alguns livros foram desde então escritos acerca do assunto, a maioria contribuindo para a controvérsia acerca do fracasso do tratamento; o fracasso do método catártico; da inadequação científica da hipnose; da suposta *verdade acerca das origens da psicanálise*, etc. – se olharmos para a maior parte desta informação com a intenção de obtermos uma compreensão deste caso, clara e historicamente correcta, ficaremos frustrados ao encontrar confusão e discrepância.⁴⁶

Entre a informação contraditória disponível, e deixando de parte todos os elementos verdadeiramente menos importantes, é possível afirmar que, não só Bertha Pappenheim sofreu várias recaídas (o que levou a internamentos em várias instituições), como o facto de o Dr. Breuer ter sido profundamente afectado pela experiência, ao ponto de este ter aceite o fim do tratamento terapêutico num prazo antecipadamente fixado pela paciente, aparentemente aproveitando a ocasião para se afastar de qualquer contacto com ela, e igualmente de qualquer contacto posterior com a psicanálise. Podemos ler numa nota de Strachey:

“(…) quando o tratamento tinha aparentemente atingido o seu fim com sucesso, a paciente subitamente tornou evidente a Breuer a presença de uma forte, e não analisada, transferência positiva de inconfundível natureza sexual. Freud considera que foi esta ocorrência que fez com que Breuer tivesse retardado a publicação do caso por tantos anos, e que fez igualmente com que Breuer viesse a abandonar a hipótese de quaisquer outras colaborações seguintes nas investigações de Freud.” (Strachey 1953-1974, vol.2, p.41)⁴⁷

Contudo, estaríamos a ser superficiais e injustos na nossa reflexão, se não reconhecêssemos a preciosa contribuição do trabalho de Breuer para a

⁴⁶ Cf. Ellenberger 1970, p. 482-4

⁴⁷ “(…) when the treatment had apparently reached a successful end, the patient suddenly made manifest to Breuer the presence of a strong unanalysed positive transference of an unmistakably sexual nature. It was this occurrence, Freud believed, that caused Breuer to hold back the publication of the case history for so many years and that led ultimately to his abandonment of all further collaboration in Freud’s researches.” (Strachey 1953-1974, vol.2, p.41)

psicanálise. Mesmo que ainda estivesse num ponto de evolução relativamente modesto, Breuer tinha um pensamento algo visionário acerca do inconsciente, como uma parte da mente humana particularmente activa e poderosa, produzindo sintomas sempre que algumas *ideias inconscientes* ficassem soterradas na nossa mente: [Cf. (Breuer 1893-1895, p. 222-239)]. Por outro lado, e não esquecendo a contribuição fundamental da própria Bertha Pappenheim, foi Breuer (que era já um médico sénior e de grande reputação) que teve a coragem de se submeter à experiência, colocando-se voluntariamente na desconhecida e desconfortável posição de terapeuta. É igualmente importante ter em conta que foi o seu “método catártico” – destinado a trazer à consciência aquelas ideias inconscientes associadas a certos acontecimentos traumáticos que se supunha serem a causa dos sintomas, constituindo assim o que Breuer designou “abreacção” – que levou Freud a desenvolver o método psicanalítico. Podemos ler, num artigo de Rosenbaum:

“Breuer descobriu duas verdades elementares no seu trabalho, e Freud reconheceu isso. Primeira, quando as emoções não conseguem encontrar uma *saída* normal, desenvolvem-se sintomas neuróticos. Segunda, o sintoma neurótico desaparece quando é permitido que surjam à consciência a causa, ou causas inconscientes.” (Rosenbaum 1984, p. 11)⁴⁸

A qualidade e a profundidade do trabalho de Breuer e Freud foi o que tornou possível pela primeira vez esta singular relação terapêutica, e a descoberta de uma série de problemas fundamentais que nos têm acompanhado desde então. Um destes problemas é o próprio facto da existência de pensamentos e fantasias inconscientes e como interpretá-los e, em geral, o que fazer com eles.

Strachey acrescenta:

“O que nos diz não é simplesmente a história da superação de uma sucessão de obstáculos; é a história da descoberta de uma sucessão de

⁴⁸ “Breuer discovered two basic truths in his work, and Freud recognized this. First, when emotions cannot find a normal release, neurotic symptoms will occur. Second, the neurotic symptom will disappear when the unconscious cause or causes are permitted to come to awareness.” (Rosenbaum 1984, p.11)

obstáculos que têm que ser ultrapassados.” (Strachey 1953-1974, vol.2, p. xvi)⁴⁹

A observação dos sintomas de Anna O., ao invés de conduzir a uma eventual resolução do problema, usando o modo tradicional de tentar eliminar os sintomas físicos e psicológicos, levou a um enorme esforço no sentido de uma tentativa de compreensão acerca do que realmente estava a acontecer na sua mente e de *pensar com ela*.

Podemos dizer que, tendo em conta as várias recaídas aparentemente sofridas por Bertha Pappenheim e pela falta de clareza no que respeita à sua felicidade enquanto adulta, o tratamento foi um fracasso. Mas, ao fazê-lo, estaríamos a deitar por terra o que realmente aqui interessa – como espero ter deixado claro, este caso representa um ponto de viragem.

De Anna O. em diante (em particular após o desenvolvimento do método catártico de Breuer no método analítico) não só a vida interior do analisando passa a ocupar o lugar central do trabalho, como o “médico” é finalmente *exposto à experiência* do processo terapêutico, lidando com os perigos e as virtudes deste. Escreve Meltzer:

“Brincando, poderíamos dizer que a inventora da psicanálise foi Anna O. com a sua ‘cura pela conversa’ e o ‘varrer a chaminé’ (...).” (Meltzer 1978a, p.17)⁵⁰

Acrescentaria, sem brincar, que Anna O. merece certamente um crédito especial por isso, foi a sua mente que levou Breuer e Freud à observação destes factos fascinantes e à lição crucial apenas mais tarde apreendida por Freud de que o psicanalista, ao contrário do médico, não opera sobre as aflições dos pacientes, guiando-os para a solução dos problemas – pelo contrário, idealmente é o analisando que guia o analista a um pensamento e entendimento conjuntos dos problemas encontrados.

⁴⁹ “*What it tells us is not simply the story of the overcoming of a succession of obstacles; it is the story of the discovery of a succession of obstacles that have to be overcome.*” (Strachey 1953-1974, vol.2, p. xvi)

⁵⁰ “*Jokingly one may say that the inventor of psycho-analysis was Anna O. with her ‘talking cure’ and ‘chimney sweeping’ (...).*” (Meltzer 1978a, p.17)

Meltzer acrescenta:

“(…) temos que reconhecer que Anna O. é a heroína dos ‘Estudos’ e que é apenas possível entrever a futura grandeza de Freud na sua discussão do método psicoterapêutico, onde podemos ver que as experiências estavam a ser marcantes para ele, e a obrigá-lo a repensar as suas preconcepções.” (Meltzer 1978a, p. 22)⁵¹

Um outro aspecto importante desta impressionante história é o fim do tratamento de Anna O.

Trataremos do conceito de transferência na secção seguinte, mas parece apropriado introduzir aqui os fascinantes mecanismos inconscientes que se tornariam no cerne do processo analítico – os movimentos transferenciais. Independentemente de que relato(s) do caso nos pareça(m) mais verdadeiro(s), parece ser claro que o Dr. Breuer teve uma experiência directa com a transferência de Anna O., tal como com a sua própria contra-transferência, expondo-se assim as sentimentos de medo e ansiedade.

No que creio ser uma particularmente clara referência a este caso, em *Sobre a História do Movimento Psicanalítico*, Freud escreve o seguinte:

“No tratamento do seu caso, Breuer conseguiu usar um intenso *rapport* com a paciente, que pode servir-nos como um verdadeiro protótipo do que chamamos ‘transferência’ hoje. Tenho fortes razões para suspeitar que, após o alívio de todos os sintomas da paciente, Breuer deve ter descoberto a motivação sexual desta transferência a partir de posteriores indicações. No entanto, deve ter-lhe escapado a natureza universal deste inesperado fenómeno, o que resultou numa recusa em prosseguir qualquer

⁵¹ “(…) one must recognize that Anna O. herself is the heroine of the ‘Studies’ and Freud’s future greatness only peeps through in his discussion of the psycho-therapeutic method, where we can see that the experiences were impinging on him and making him re-think his preconceptions.” (Meltzer 1978a, p. 22)

investigação posterior quando foi confrontado com um ‘acontecimento indesejável’.” (Freud 1914, p. 12)⁵²

Este “acontecimento indesejável” – um movimento transferencial de natureza erótica em relação a Breuer – aparentemente fez com que este tivesse cedido sob a pressão exigida na identificação e contenção desse movimento, sem que tivesse na altura a menor possibilidade de lhe dar um sentido. Breuer experimentou neste processo uma solidão muito particular, como a que Freud haveria de suportar por longos períodos, tendo que lidar com todas estas estranhas ocorrências, sem todo o conjunto de teorias e conceptualizações e os avanços na técnica que mais tarde haveriam de estar disponíveis para os analistas, como pontos de referência e apaziguamento. Para bem de todos nós, o Dr. Breuer fê-lo com uma muito nobre coragem.

Tal como aconteceu com outros conceitos e ferramentas da psicanálise, o conceito de *inconsciente* sofreu várias leituras e interpretações diferentes no natural decurso do desenvolvimento e discussão do trabalho analítico, ao longo destes pouco mais de cem anos. A proposta de Bion é, segundo penso, a mais inovadora e inspiradora de progressos clínicos. Como veremos no próximo capítulo, o inconsciente para Bion deixa de ser uma zona de armazenamento para os elementos mentais reprimidos, para passar a representar uma importante função mental. Para Bion, a qualidade consciente ou inconsciente de cada elemento mental é sempre transitória, sendo que a passagem de elementos do inconsciente ao consciente, e vice-versa, é ditada por necessidades mentais como fantasiar, sonhar e pensar, e regulada pela *barreira de contacto*.

⁵² “*In his treatment of her case, Breuer was able to make use of a very intense suggestive rapport with the patient, which may serve us as a complete prototype of what we call ‘transference’ to-day. Now I have strong reasons for suspecting that after all her symptoms had been relieved Breuer must have discovered from further indications the sexual motivation of this transference, but that the universal nature of this unexpected phenomenon escaped him, with the result that, as though confronted by an ‘untoward event’, he broke off all further investigation.*” (Freud 1914, p. 12)

2.3. O caso “Dora” – o conceito de transferência

Nesta secção, proponho tratar brevemente do conceito de transferência - tendo em conta o difícil percurso que temos pela frente, e apesar de o meu autor ser Bion e de, portanto, não fazer parte da minha tarefa expor, nem o pensamento de Freud, nem realizar aqui uma exposição extensa dos conceitos fundamentais da psicanálise, creio ser da maior relevância estabelecer algumas ideias claras acerca destes dois conceitos fundamentais, *inconsciente* e *transferência*. Tratamos aqui do conceito de transferência porque, sendo a transferência o que é principalmente analisado na psicanálise, ao considerarmos a sua natureza e a sua força, poderemos talvez entender um pouco melhor o conceito de inconsciente e, por isso, poderemos aproximar-nos do nosso conceito fundamental neste trabalho – o conceito de barreira de contacto.

No “Fragmento de Análise de um Caso de Histeria” (1905), onde é apresentado o caso Dora, Freud expõe o conceito de transferência tal como até aí o havia pensado. De facto, o conceito de transferência havia já sido introduzido e trabalhado por Freud – podemos ler a sua primeira ocorrência no final dos *Estudos Sobre a Histeria*, numa secção escrita por Freud intitulada “A Psicoterapia da Histeria”, numa visão ainda algo rudimentar do conceito:

“(…) a paciente assuta-se ao se aperceber de que está a transferir para a figura do terapeuta as ideias inquietantes que surgem a partir do conteúdo da análise. Esta é uma ocorrência frequente e, em alguns casos, regular.”
(Freud 1893-1895, p. 302)⁵³

Este pensamento haveria de sofrer evoluções importantes, como disso é um notável exemplo o final da apresentação do caso Dora - no *postscriptum* do

⁵³ “(…) *the patient is frightened at finding that she is transferring on to the figure of the physician the distressing ideas which arise from the content of the analysis. This is a frequent, and indeed in some analysis a regular, occurrence.*” (Freud 1893-1895, p. 302)

“Fragmento de Análise de um Caso de Histeria”, podemos ler a seguinte passagem:

“O que são transferências? São novas edições, ou *fac similes*, dos impulsos e fantasias que são suscitados e tornados conscientes durante o processo de análise; mas têm esta peculiaridade que é característica da sua espécie – substituem uma pessoa anterior pela pessoa do terapeuta. Pondo de outro modo: toda uma série de experiências psicológicas é revivida, não como pertencendo ao passado, mas aplicadas à pessoa do terapeuta no momento presente.” (Freud 1901b, p. 116)⁵⁴

Esta passagem marca a realização e a conseqüente apresentação do conceito de transferência após o final do tratamento de Dora.

De certo modo, é a tomada de consciência de que algo muito importante e fascinante acontecia durante as sessões com Dora. Admitidamente, Freud não conseguiu trabalhar esses aspectos durante o tratamento, reconhecendo posteriormente a importância absolutamente central da transferência no processo psicanalítico.

Podemos ler a perspectiva de Meltzer:

“(…) temos presente que ‘Dora’ é um ponto nevrálgico no desenvolvimento do método psicanalítico, uma vez que foi aí que Freud reconheceu pela primeira vez a importância metodológica da transferência (...). Apenas encontramos no *postscript*, onde Freud reconhece que a sua incapacidade em analisar a transferência resultou na interrupção prematura do tratamento após três meses, um exemplo do que Freud gostaria de ter dito

⁵⁴ “*What are transferences? They are new editions or facsimiles of the impulses and phantasies which are aroused and made conscious during the progress of the analysis; but they have this peculiarity, which is characteristic for their species, that they replace some earlier person by the person of the physician. To put it another way: a whole series of psychological experiences are revived, not as belonging to the past, but as applying to the person of the physician at the present moment.*” (Freud 1901b, p. 116)

a Dora (p. 118), no sentido de mostrar as evidências da transferência.”
(Meltzer 1978a, p. 25)⁵⁵

Estamos perante um conceito muito complexo, com muito trabalho realizado depois de Freud no sentido de tornar mais claros os mecanismos envolvidos. No presente contexto, podemos basicamente dizer que, durante o processo analítico, o analisando sente o analista como sendo⁵⁶ outra(s) pessoa(s) com quem está também intimamente ligado. Para além do ambiente analítico, este mecanismo é abundantemente visível também na vida de todos os dias, de modo particularmente frequente em relações próximas, mas é aí – no ambiente analítico – que tem a possibilidade de mostrar a sua fascinante natureza intrínseca.

Vejamos, a este propósito, um exemplo do trabalho clínico de Klein que nos mostra claramente, não só a delicadeza dos processos transferenciais como o facto de eles se mostrarem de modo privilegiado no ambiente clínico:

“Durante muito tempo a Erna costumava ter ataques de raiva e ansiedade no começo e no final da sua sessão analítica comigo, e estes ataques eram em parte precipitados pelo facto de ela se cruzar com as crianças que vinham ter comigo para tratamento, imediatamente antes e depois dela, e que representavam para ela o irmão ou irmã que Erna estava sempre à espera que aparecesse. [prossequindo, em nota de rodapé:] Não tendo nem irmãos nem irmãs na vida real, o seu medo inconsciente e inveja desses outros pacientes que desempenhava um papel tão importante na sua vida mental, só era revelado e vivido através da análise.

⁵⁵ “(...) we keep in mind that ‘Dora’ is a landmark in the development of the psycho-analytical method since in it Freud recognized the methodological importance of the transference for the first time (...). Only in the postscript, where Freud acknowledges that his failure to analyse the transference led to the premature interruption of the treatment after three months, will we find an example of what he wished he had said (p. 118) to elicit evidence of the transference.”
(Meltzer 1978a, p. 25)

⁵⁶ Esta percepção não tem aqui um sentido literal; é uma transferência de emoções e não uma ilusória troca de identidades.

Este é mais um exemplo da importância da transferência na análise de crianças.” (Klein, 1932 p. 42)⁵⁷

O tratamento de Dora, que ocorreu durante o Outono de 1900, foi particularmente importante por duas razões – mostrou o desenvolvimento da técnica analítica, como a análise do conteúdo dos sonhos (a *Interpretação dos Sonhos* foi publicada nesse mesmo ano) e o surgimento deste aspecto fundamental da estrutura da psicanálise que é a transferência.

Freud não só descobre a transferência como persegue os melhoramentos nos procedimentos e técnica de modo a facilitar o surgimento de movimentos transferenciais no consultório.

No entanto, com “facilitar” não me refiro a uma provocação artificial da transferência – pelo contrário, pretendo sublinhar a importância dos melhoramentos no pensamento, procedimentos e técnica que levaram a uma crescente sensibilidade e entendimento dos movimentos transferenciais, e em geral a um ambiente clínico que torna mais possível vir à superfície o que houver para vir à superfície.

“(…) a técnica psicanalítica tem sido completamente revolucionada desde a data dos *Estudos*. Nesse tempo o trabalho da análise iniciava-se a partir dos sintomas e tinha como objectivo eliminá-los um a um. Desde então abandonei essa técnica, uma vez que passei a considerá-la totalmente inadequada para lidar com a estrutura fina de uma neurose. Agora deixo que seja o paciente a escolher o assunto de cada dia de trabalho, e desse

⁵⁷ “For a long time Erna used to have attacks of rage and anxiety at the beginning and end of her analytic session with me, and these were partly precipitated by her meeting the child who came to me for treatment immediately before or after her and who stood to her for the brother or sister whose arrival she was always awaiting. As Erna had no brothers or sisters in real life, her unconscious fear and jealousy of them which played such an important part in her mental life were only revealed and lived through in the analysis. This is once more an example of the importance of the transference-situation in child analyses.” (Klein, 1932 p. 42)

modo início o meu trabalho com o que quer que seja que o seu inconsciente apresente ao paciente no momento.” (Freud 1901b, p. 12)⁵⁸

A transferência é uma resposta a uma necessidade interna – a necessidade emocional de experimentar uma série de emoções ligadas a um objecto muito específico, mediante a transferência para um objecto diferente. Muito frequentemente, a transferência mostra conflitos emocionais ainda não resolvidos, o que permite ao analista interpretá-los. O paciente que se zanga, por vezes violentamente e sem razão aparente, com o seu analista; o paciente que se apaixona, que desenvolve sentimentos amorosos, muitas vezes de grande intensidade, pelo seu analista – são exemplos de situações concretas que surgem frequentemente no consultório.

Inconscientemente, há certas emoções que precisam de ser experimentadas (amor, ódio, raiva, culpa, etc.), e descargas afectivas que é preciso que ocorram para que cada um de nós (re)ganhe algum equilíbrio emocional interno. Mas, uma vez que poderia ser mentalmente insuportável se se viesse a ganhar consciência quanto à natureza destas emoções desconfortáveis geralmente sentidas acerca de pessoas muito íntimas (mãe; pai; irmãos; filhos, etc.), estas são reprimidas e acumuladas até que surja uma oportunidade de libertar a pressão. Aparentemente, existem poucas oportunidades deste tipo – a transferência é uma delas, que podemos considerar como um mecanismo de auto-preservação.

Contudo, na vida de todos os dias, independentemente da abundância de ocorrências (podemos ver exemplos frequentes como um pai dirigir ao seu filho a sua própria raiva reprimida relativa ao seu pai, e uma série de outras situações comuns de “questões não resolvidas”, ou desejos, em que não foi possível lidar directamente com os objectos primários e reais, tendo sido dirigidos a objectos alternativos, mais *adequados*), as transferências

⁵⁸ “(...) since the date of the Studies *psycho-analytic technique has been completely revolutionized. At that time the work of analysis started out from the symptoms, and aimed at clearing them up one after the other. Since then I have abandoned that technique, because I found it totally inadequate for dealing with the finer structure of a neurosis. I now let the patient himself choose the subject of the day's work, and in that way I start out from whatever surface his unconscious happens to be presenting to his notice at the moment.*” (Freud 1901b, p. 12)

geralmente não são notadas pelas pessoas, directa ou indirectamente envolvidas. Em ambiente clínico essas transferências podem (e é o que frequentemente acontece) aparecer livremente, sendo assim possível trabalhá-las e pensá-las.

Mas, olhemos agora para o conceito; para a palavra que tenta designar o fenómeno.

Tal como vimos acerca do conceito de inconsciente, o conceito de transferência, como existe a partir de Freud⁵⁹, não se encontra já considerado anteriormente por outros autores, em cujo caso o trabalho de Freud a este respeito constituiria um contributo. Uma vez mais, o que encontramos na literatura, na filosofia e na psicologia são importantes contributos que nos ajudam a pensar o homem, nas suas relações consigo mesmo, com os outros e com o mundo. É nesta perspectiva que penso que poderemos considerar, em particular de entre os muitos trabalhos de contemporâneos de Freud, o conceito de *empatia*, tal como Vischer o pensou, e Lipps o considerou, tentando alargar o seu sentido para além das relações psicológicas entre cada um de nós e o mundo onde nos inserimos, tendo como horizonte a natureza da experiência estética. Este contributo, por mais fecundo que possamos considerar que tenha sido, não trata nem da natureza nem da dinâmica da transferência e contra-transferência.

O que Vischer pensou, o conceito de *empatia* (*Einfühlung*), parece no entanto ser mais um interessante contributo para podermos pensar o modo como nos relacionamos *psicologicamente* com os outros. Este conceito de *empatia*, tinha de algum modo também que ver com o conceito de projecção, na medida em que implicava uma ideia de *colocar sentimentos em alguma coisa* – neste caso, não só de pessoas, como também de animais e de seres inanimados. No entanto, a *empatia* pressupõe já um movimento inconsciente que a molda. Toda esta dinâmica transferência/contra-transferência, pelo facto de funcionar sempre no plano inconsciente, abre uma via com dois aspectos fundamentais: por um lado, a possibilidade de reflectirmos acerca das mais profundas

⁵⁹ E que, tal como foi acontecendo com a maioria dos outros conceitos fundamentais da psicanálise, sofre grandes transformações posteriores. Novamente, muito em particular às mãos de Klein e depois dos kleinianos ou pós-kleinianos, como Bion.

motivações para cada pensamento, sentimento ou acção; por outro lado, a possibilidade de o sujeito se poder observar a si próprio e de considerar o que coloca, a cada momento, no objecto.

Consideremos um pequeno exemplo, que talvez illustre de um modo mais claro esta questão:

Paciente R, rapariga com 18 anos, filha de pais divorciados. Depois do divórcio, ocorrido há 3 anos, o pai nunca mais contactou com ela. Queixa-se de abusos por parte dos colegas de escola, que gozam com ela e a insultam. Vejamos um pequeno excerto de uma das primeiras sessões:

R: Eles [os colegas] estavam a comentar que eu sou feia, que tenho pêlos nos braços, que não tenho formas de mulher...*(silêncio)* e eu fiquei a pensar: “eles têm razão...”

P: Porque é que será que pensa que eles têm razão?

R: Oh, porque têm...eu sou mesmo assim...sou mesmo feia... e também, não sou capaz de lhes responder nada...*(silêncio)*...sempre me senti assim...toda a gente acha isso, só a minha mãe é que diz que não...mas eu não a levo a sério...”

Perante esta situação, poderíamos, *empaticamente*, tomar as dores da paciente, tentando ajudá-la a lidar melhor com as suas relações com os colegas. Ao fazê-lo estaríamos, possivelmente, a abdicar da possibilidade de compreender o que se passa internamente com esta rapariga, de onde vem esse sentimento de auto-depreciação e, ao mesmo tempo, quais os nossos motivos internos subjacentes à reação emocional que o relato da paciente nos provoca.

Por outro lado, a ideia de *relação* associada à transferência, está também presente em várias obras do pensamento filosófico, e inclusivamente no modo como o psicanalista deve lidar com a transferência e a relação entre a necessidade do estabelecimento da transferência e o surgimento de sintomas, como podemos lêr na interpretação do trabalho de Freud, por Nuno Proença:

“(...) o que seria isso (cuja ausência tornou possível os sintomas ou as questões que enpenharam conjuntamente terapeuta e paciente) se não

fosse também o saber das ligações, da constelação das ligações que – a dado momento – privaram os pacientes dos objectos cuja presença não teria permitido esses sintomas ou que não teria permitido que essas questões fossem suscitadas?” (Proença, 2008 p. 169)⁶⁰

Esta ideia de *constelação de ligações* surge novamente no final da mesma obra, mas agora estabelecendo igualmente uma relação entre a noção de *transferência* e o conceito de *memória*, considerando o problema da natureza individual de cada pessoa – quer se trate do paciente ou do analista – e do conjunto de memórias, crenças e sentidos atribuídos por cada um de nós a cada elemento do mundo, e de como isso afecta inelutavelmente o modo como poderemos viver cada experiência emocional, quer em ambiente clínico ou não.

“A transferência revelou ser o campo de uma luta de múltiplos ganhos. Este é o da aquisição de um saber acerca da razão dos sintomas, adquiridos não só pela transformação da repetição em memória, mas também por uma forma de convicção quanto à génese do que constitui – no momento do trabalho psicanalítico – o modo de ser dos pacientes, ele próprio feito de uma constelação de crenças.” (Proença, 2008 p. 220-1)⁶¹

Como vimos anteriormente, é a noção de *realidade psíquica* que torna possível o entendimento da natureza da transferência e que, deste modo, sublinha a singularidade do pensamento psicanalítico. Consideremos a seguinte nota de Klein, que creio que poderá ajudar a esclarecer um pouco melhor o significado clínico da transferência:

⁶⁰ “(...) *que serait-ce cela (dont l’absence a rendu possible les symptômes ou les questions qui ont engagés ensemble thérapeute et patient) si ce n’était aussi le savoir des rapports, de la constellation des rapports qui – à un moment donné – privaient les patients des objets dont la présence n’aurait pas permis ces symptômes ou qui n’aurait pas permis que ces questions furent suscitées ?*” (Proença 2008, p. 169)

⁶¹ “*Le transfert s’est révélé être le champ d’une lutte dont l’enjeu est multiple. Il est celui de l’acquisition d’un savoir sur la raison des symptômes, acquis non seulement par la transformation de la répétition en souvenir, mais aussi par une forme de conviction concernant la genèse de ce qui constitue – au moment du travail psychanalytique – le mode d’être des patients, lui-même fait d’une constellation de croyances.*” (Proença, 2008 p. 220-1)

“(…) relatos dos pacientes acerca das suas vidas quotidianas, das suas relações e actividades, não só nos dão uma perspectiva acerca do funcionamento do ego, como também revelam – se explorarmos os seus conteúdos inconscientes – as defesas contra as ansiedades geradas na transferência.” (Klein, 1952 p. 55)⁶²

Tal como aconteceu com o conceito de *inconsciente*, o conceito de *transferência* foi produto de uma descoberta – tal como acontece com os fenómenos observados pela física, por exemplo. Estes são elementos humanos básicos que sempre estiveram aí, o trabalho de Freud e da psicanálise permitiu começar a pensá-los de um modo mais elaborado e frutuoso.

Ainda acerca da transferência, Freud esclarece:

“O tratamento psicanalítico não cria transferências, apenas as traz à luz, tal como muito outros factores psíquicos escondidos.” (Freud 1901b, p. 117)⁶³

Precisamente porque toca os *nervos interiores* que precisam de não ser vistos – muito menos tocados – desde o seu início, a psicanálise gerou uma série de resistências.

“(…) as mais fortes resistências à psicanálise não foram de tipo intelectual, mas antes as provindas de fontes emocionais. Este facto explica o seu carácter apaixonado, bem como a sua pobreza em lógica.” (Freud 1924, p. 221)⁶⁴

Uma destas resistências é precisamente a dificuldade em aceitar a transferência. Na vida de todos os dias é bastante mais fácil fechar os olhos a movimentos transferenciais, tanto em nós próprios como nos outros. Contudo,

⁶² “(…) reports of patients about their everyday life, relations, and activities not only give an insight into the functioning of the ego, but also reveal – if we explore their unconscious content – the defences against the anxieties stirred up in the transference situation.” (Klein, 1952 p. 55)

⁶³ “Psychoanalytic treatment does not create transferences, it merely brings them to light, like so many other hidden psychological factors.” (Freud 1901b, p. 117)

⁶⁴ “(…) the strongest resistances to psycho-analysis were not of an intellectual kind but arose from emotional sources. This explained their passionate character as well as their poverty in logic.” (Freud 1924, p. 221)

é muito mais difícil fazê-lo se tivermos em conta estas descobertas. Então, temos apenas um modo de evitar o medo e o desconforto associado ao confronto com as descobertas que Freud nos apresenta: desvalorizar as descobertas fundamentais da psicanálise (tal como a transferência), considerando-as sem sentido, ideias estranhamente excêntricas, levando muitos pensadores a considerar a psicanálise como um estranho objecto de ficção.

Dentro da relação psicanalítica, os movimentos transferenciais – sendo mecanismos inconscientes – colocam tanto o analisando como o analista numa posição delicada, tentando trazer à claridade o que *precisa* de ficar na escuridão. Este facto é o que possibilita o aparecimento e a observação quer da transferência, quer da contra-transferência.

Num artigo intitulado “As Dinâmicas da Transferência”, Freud aborda este problema de um modo particularmente interessante:

“Há ainda uma pergunta que podemos colocar, a saber, porque é que o fenómeno de resistência que é a transferência apenas aparece na psicanálise, e não igualmente em formas de tratamento indiferenciadas (por exemplo, em instituições). A resposta é que as transferências surgem igualmente nessas outras situações, mas têm que ser reconhecidas como tal.” (Freud 1912a, p. 106)⁶⁵

No decurso de uma análise, assumindo que o analista é dotado de um *ouvido sensível* e de uma capacidade de percepção afinada, é possível conseguir-se muito mais do que apenas um alívio momentâneo da pressão mental do paciente através da transferência. Se o analista for capaz de identificar e compreender o mecanismo transferencial; de conter as emoções a este associadas, talvez então seja possível ao analisando ganhar gradualmente uma consciência dos seus próprios movimentos mentais, progredindo no seu trabalho analítico.

⁶⁵ “*The further question may be raised of why it is that the resistance phenomena of transference only appear in psycho-analysis and not in indifferent forms of treatment (e.g. in institutions) as well. The reply is that they do show themselves in these other situations too, but they have to be recognized as such.*” (Freud 1912a, p. 106)

Neste momento, quero apenas deixar mais um exemplo, para que possamos reflectir acerca dele, e para que nos possa fazer companhia no nosso percurso restante. Trata-se de uma descrição feita por Meltzer de uma situação que ocorreu num caso seu de análise, de uma rapariga de 7 anos que estava há 2 anos em análise consigo.

Esta descrição ilustra particularmente bem estes vários pontos cruciais que pensámos até aqui: a natureza e concretude da fantasia inconsciente; a natureza e poder da transferência; o poder avassalador da realidade psíquica, inclusivamente no condicionamento, por vezes dramático, do nosso estado físico; e ainda a enorme delicadeza e responsabilidade envolvidas no trabalho psicanalítico – um ‘pequeno erro’ técnico (como não guardar um novo lápis na caixa pertencente à criança em questão) pode ter enormes consequências.

Todos estes pontos ficam aqui particularmente bem ilustrados:

“Isto é sobre uma menina que na altura tinha cerca de 7 anos. O que se segue aconteceu durante o seu segundo ano de análise. Trata-se de uma criança fascinante e inteligente.

O seu lápis azul, com que ela estava a desenhar, estava já completamente gasto, e ela pediu-me para arranjar outro. Eu disse-lhe: «claro, terei outro para ti na próxima sessão.» E comprei o lápis mas esqueci-me de o colocar na sua caixa. E, na sessão seguinte, ela diz-me: «Não me arranjaste o lápis!», e eu respondi: «Arranjei sim, mas esqueci-me de o colocar na tua caixa, vou trazer-to e podes tê-lo agora»... Podes tê-lo agora... Fui buscar o lápis e dei-lho. Na sessão seguinte ela estava doente. Ficou doente duas semanas com pneumonia. Quando voltou, ela disse-me: «Foi tudo culpa tua!», e eu respondi: «Mas como é que sabes que foi culpa minha?». Ela disse: «Por causa do sonho que tive nessa noite»...isto aconteceu apenas umas duas semanas antes do Natal. Ela disse-me: «Nessa noite, tive um sonho em que eu estava à procura de alguma coisa num armário, em casa, e encontrei presentes de natal embrulhados e escondidos lá... Disse ao meu pai: Ah, ali estão os meus presentes de natal! E ele respondeu-me: Sim, podes tê-los agora!»... Assim como que dizendo ao seu pai: «Ah, aí está o teu pénis nas tuas calças!»... «E podes tê-lo

agora, não é preciso esperares até teres 18 ou 20 anos...» No dia seguinte, estava com pneumonia...” (Meltzer, *comunicação privada*)

2.4. A revolução freudiana: natureza e implicações

O título desta secção impõe uma primeira questão: o que pretendo significar com o termo “revolução”? Genericamente, refiro-me a uma transformação, em qualquer campo considerado importante, que constitua uma mudança radical de paradigma, renovando-o de um modo fundamental:

“(...) as revoluções científicas surgem a partir de um sentimento crescente, igualmente restrito a uma estreita subdivisão da comunidade científica, que um paradigma existente deixou de funcionar adequadamente na exploração de um aspecto da natureza, aspecto esse cuja investigação havia sido anteriormente orientada por esse mesmo paradigma.” (Kuhn 1962, p. 92)⁶⁶

O que aconteceu é que Freud operou uma fundamental mudança de paradigma, ao ver que uma série de pressupostos “deixaram de funcionar adequadamente” e tiveram que ser substituídos. Vejamos: a tendência generalizada para se pensar uma identificação entre “mental” e “consciente”; o tradicional pressuposto da ética que os homens “bons e razoáveis”, mesmo que sujeitos a tentações durante a sua vida, não contêm em si *partes más* – instintos reprováveis, impulsos sádicos, etc; a ideia de que os sonhos não têm importantes e profundos significados; a assumpção de que as crianças (e certos adultos) não têm vida sexual.

Acima de tudo, o novo entendimento do que o *inconsciente* significa é o pilar básico desta revolução:

“A divisão do psíquico entre o que é consciente e o que é inconsciente é a premissa fundamental da psicanálise; e esta premissa, sozinha, torna possível à psicanálise entender os processos patológicos na vida mental,

⁶⁶ “(...) *scientific revolutions are inaugurated by a growing sense, again often restricted to a narrow subdivision of the scientific community, that an existing paradigm has ceased to function adequately in the exploration of an aspect of nature to which that paradigm itself had previously led the way.*” (Kuhn 1962, p. 92)

que são tão comuns como são importantes, e encontrar um lugar para eles no quadro da ciência.” (Freud 1923a, p. 13)⁶⁷

Por outro lado, creio ser importante para um entendimento de algumas das consequências dessa revolução, considerar-se o modo como o conceito de inconsciente se desenvolveu na mente de Freud.

Como vimos antes, o cerne desta questão é-nos apresentado do seguinte modo:

“Tudo o que é consciente tem um anterior estado inconsciente (...). O inconsciente é a verdadeira realidade psíquica (...).”(Freud 1900, p. 612-613)⁶⁸

Creio que esta passagem enuncia o que considero ser a “revolução freudiana”. No entanto, coloca algumas questões difíceis, a saber, o que quer dizer, neste contexto, a palavra “preliminar”? O que é que Freud está *exactamente* a pensar quando aqui usa a palavra “inconsciente”? São questões que creio que se encontram ainda por esclarecer completamente. O facto de o inconsciente constituir a verdadeira realidade psíquica é percebido, através da observação, primeiro por Freud, e depois explorado por nomes centrais da psicanálise, como Klein, Bion e Meltzer.

Já não estamos aqui a considerar as questões filosóficas acerca da mente, nem a diferenciação de Du Prel ou Theodor Lipps entre *consciente* e *inconsciente*, não: estamos perante uma radical e absolutamente nova concepção da mente humana e não apenas mais um acrescento a trabalho anterior. Sentimentos inconscientes, fantasias e sonhos são agora os *principais*, ou antes os *únicos* objectos sob observação. Freud tornou possível a todos nós vermos que a realidade psíquica é basicamente constituída por elementos inconscientes que se mostram, acima de tudo, através de modos

⁶⁷ “*The division of the psychical into what is conscious and what is unconscious is the fundamental premises of psycho-analysis; and it alone makes it possible for psycho-analysis to understand the pathological processes in mental life, which are as common as they are important, and to find a place for them in the framework of science.*” (Freud 1923a, p. 13)

⁶⁸ “*Everything conscious has an unconscious preliminary stage (...). The unconscious is the true psychical reality (...).*” (Freud 1900, p. 612-613)

inesperados e indesejáveis. Assim, estes elementos deixaram de ter apenas um carácter negativo, como *não-conscientes*, ganhando o relevante estatuto de um *algo* problemático e crucial.

Considerando toda a obra de Freud, torna-se claro que o conceito de inconsciente, não chegou nunca a ser propriamente um 'produto acabado'. Ainda podemos ler em "Algumas Lições Elementares de Psicanálise", deixado inacabado e editado postumamente em 1940, argumentos a favor da evidência da vida mental inconsciente mostrada através de sugestão pós-hipnótica. De resto, como creio que podemos afirmar relativamente a todas as áreas do conhecimento, pelo menos no que respeita às questões mais fundamentais, não são nunca 'problemas fechados'.

O pensamento de Freud acerca da natureza do inconsciente, antes e depois do caso Anna O., sofreu uma série de desenvolvimentos, nem sempre no sentido de tornar o problema mais claro.

Em *O Ego e o Id* (1923a) Freud tenta elaborar uma formulação mais sistemática do conceito e as suas funções. Apresenta-nos, em primeiro lugar, uma distinção básica entre o inconsciente no *sentido dinâmico* e no *sentido descritivo*, pretendendo tornar clara a distinção entre um sentido mais formal, de pensamento, e por isso mais 'estático' do conceito de inconsciente e, por outro lado, de um sentido observável, diríamos mais material e mais vivo. No sentido descritivo, o inconsciente é pensado como uma *qualidade* de um estado mental, enquanto que no sentido dinâmico, o inconsciente é investido de uma *função* num determinado estado mental.

Consideremos o comentário de Strachey:

"Era imediatamente notório que a palavra 'inconsciente' estava a ser usada em dois sentidos: o sentido 'descritivo' (que apenas atribuía uma *qualidade* particular a um estado mental) e o sentido 'dinâmico' (que atribuía uma *função* particular a um estado mental)." (Strachey 1953-1974, vol. 19, p. 5)⁶⁹

⁶⁹ "It was quickly seen that the word 'unconscious' was being used in two senses: the 'descriptive' sense (which merely attributed a particular quality to a mental state) and the 'dynamic' sense (which attributed a particular function to a mental state)." (Strachey 1953-1974, vol. 19, p. 5)

É ainda apresentada a noção de ‘pré-consciente’, uma espécie de *purgatório* entre o inconsciente e o consciente, conceito que Freud viria a abandonar. Creio que, infelizmente, apesar de se tratar de um texto completamente fundamental na obra de Freud, não cumpre um papel eficiente no sentido de tornar esta questão mais clara, de que é exemplo a famosa passagem:

“O latente, o que é inconsciente apenas no sentido descritivo e não no dinâmico, chamamos pré-consciente; restringimos o termo inconsciente ao inconsciente dinâmico reprimido; assim, temos agora três termos, consciente (Cs.), pré-consciente (Pcs.), e inconsciente (Ucs.), cujo sentido já não é meramente descritivo. O Pcs. situa-se presumivelmente muito mais perto do Cs. do que do Ucs. (...)”(Freud 1923a, p. 15)⁷⁰

Cerca de onze anos antes, no artigo de 1912 “Uma Nota Sobre o Inconsciente”, um trabalho realizado a convite da Society for Psychical Research de Londres, Freud oferece-nos uma exposição singularmente clara do problema, como podemos ler nas palavras de Strachey:

“Aqui, pela primeira vez, Freud oferece uma longa e ponderada exposição dos fundamentos da sua hipótese dos processos mentais inconscientes, expondo igualmente os vários modos em que usa o termo ‘inconsciente’.” (Strachey 1953-1974, vol.12, p.258)⁷¹

Da clareza trazida neste texto, destacaria a apresentação da natureza intrinsecamente dinâmica do inconsciente, e de como Freud considera e observa esse dinamismo em funcionamento:

⁷⁰ “*The latent, which is unconscious only descriptively, not in the dynamic sense, we call preconscious; we restrict the term unconscious to the dynamically unconscious repressed; so that now we have three terms, conscious (Cs.), preconscious (Pcs.), and unconscious (Ucs.), whose sense is no longer purely descriptive. The Pcs. is presumably a great deal closer to the Cs. than is the Ucs. (...)*” (Freud 1923a, p. 15)

⁷¹ “*Here for the first time he gave a long and reasoned account of the grounds for his hypothesis of unconscious mental processes and set out the various ways in which he used the term ‘unconscious’.*” (Strachey 1953-1974, vol.12, p.258)

“Uma concepção – ou qualquer outro elemento psíquico – que se apresenta agora à minha consciência, poderá estar ausente no momento seguinte, e poderá apresentar-se novamente após um intervalo, inalterada, e, como dizemos, a partir da memória, sem ser como resultado de uma nova percepção dos nossos sentidos.” (Freud 1912b, p. 260)⁷²

De qualquer modo, na tentativa de identificar um fio condutor no pensamento de Freud acerca do inconsciente, creio que podemos afirmar o seguinte: para Freud o inconsciente contém todos os elementos reprimidos que, não sendo conscientemente suportáveis são relegados para a sua esfera [em *Repressão* (1915) podemos ler:

“(…) a essência da repressão assenta simplesmente em afastar algo, mantendo-o à distância, do consciente.” (Freud, 1915b, p. 147)⁷³],

embora a vida mental inconsciente não se resuma ao produto da repressão [em *O Ego e o Id* (1923) podemos ler:

“Reconhecemos que o inconsciente não coincide com o reprimido; é verdade que tudo o que é reprimido é inconsciente, mas nem tudo o que é inconsciente é reprimido.” (Freud 1923a, p. 18)⁷⁴].

Esta passagem de elementos entre consciente e inconsciente e vice-versa, ocorre em todos nós de um modo dinâmico, isto é, a qualidade consciente ou inconsciente dos elementos da vida mental não é estática, fazendo antes parte da função que cada elemento mental desempenha em cada momento da nossa vida interior, podendo alterar-se no momento seguinte; o que determina a

⁷² “A conception – or any other psychical element – which is now present to my consciousness may become absent the next moment, and may become present again, after an interval, unchanged, and, as we say, from memory, not as a result of a fresh perception by our senses.” (Freud 1912b, p. 260)

⁷³ “(…) the essence of repression lies simply in turning something away, and keeping it at a distance, from the conscious.” (Freud, 1915b, p. 147)

⁷⁴ “We recognize that the Ucs. does not coincide with the repressed; it is still true that all that is repressed is Ucs., but not all that is Ucs. is repressed.” (Freud 1923a, p. 18)

passagem de certos elementos inconscientes à consciência é fundamentalmente ditada pelo facto de ser maior ou menor a resistência encontrada:

“O inconsciente é uma regular e inevitável fase dos processos que constituem a nossa actividade psíquica; todo o acto psíquico começa como sendo inconsciente, podendo assim permanecer ou desenvolver-se em consciência, consoante encontre resistências ou não.” (Freud 1912b, p. 264)⁷⁵

No entanto, creio que é importante sublinhar novamente um aspecto particular desta extraordinária descoberta de Freud – o facto de toda a nossa vida mental se encontrar estruturada em elementos e processos inconscientes, claramente expresso na segunda parte da *Interpretação dos Sonhos* (1900), na passagem já referida acima:

“Tudo o que é consciente tem um anterior estado inconsciente (...) O inconsciente é a verdadeira realidade psíquica; na sua natureza mais interior, é tão desconhecido para nós como a realidade do mundo exterior, e é-nos tão insuficientemente apresentado pelos dados da consciência como é o mundo exterior através das comunicações dos nossos órgãos dos sentidos.” (Freud 1900, p. 612-613)⁷⁶

Independentemente da validade e importância que, durante algum tempo, Freud atribuiu ao conceito de “pré-consciente”, e à divisão do inconsciente no seus sentidos descritivo, dinâmico e sistemático, o que creio ser central ao nosso entendimento desta questão é o seu visível esforço repetidamente colocado ao serviço do esclarecimento daquilo com que, na realidade, aqui

⁷⁵ “*Unconsciousness is a regular and inevitable phase in the processes constituting our psychical activity; every psychical act begins as an unconscious one, and it may either remain so or go on developing into consciousness, according as it meets with resistance or not.*” (Freud 1912b, p. 264)

⁷⁶ “*Everything conscious has an unconscious preliminary stage (...) The unconscious is the true psychical reality; in its innermost nature it is as much unknown to us as the reality of the external world, and it is as incompletely presented by the data of consciousness as is the external world by the communications of our sense organs.*” (Freud 1900, p. 612-613)

lidamos. Penso que o surgimento do termo “Id” é um bom exemplo desse esforço. É um termo *emprestado* de Georg Grodeck (*cf. Das Buch vom Es*, 1923), que Freud tentou usar como ferramenta no esclarecimento desta obscura questão, como refere Strachey:

“Esclareceu, e em parte substituiu, os usos mal definidos dos termos anteriores ‘o inconsciente’, ‘Ucs.’, e o ‘inconsciente sistemático’.” (Strachey 1953-1974, vol.19, p.7)⁷⁷

Não se trata de uma mera questão técnica, pelo contrário, é antes um esforço sério no sentido de tentar focar a nossa atenção no que o inconsciente representa e não nas palavras usadas para o representar.

Assim, Freud chega a uma definição mais clara do significado de “inconsciente”, utilizando um único conceito que condensa os vários significados que foi encontrando. Quer a noção de “pré-consciente”, quer a noção de “inconsciente sistemático”, serviram para Freud, de certo modo, prosseguir a sua investigação na tentativa de ganhar uma noção mais clara da realidade psíquica, abandonando estes elementos mais puramente formais, que na sua perspectiva representavam uma abstração da realidade constituída pelo seu *modelo* topográfico da mente. Freud não abandona a noção de “pré-consciente” pelo facto de ter encontrado um outro termo que o definisse melhor, mas antes pelo facto de ter abandonado a *ideia* de “pré-consciente”, à medida que o seu conceito de inconsciente se foi transformando e evoluindo.

Mas, quais são (ou antes, têm sido) as consequências de tudo isto? Uma mudança tão dramática de observação (tanto no modo de observar como na selecção dos factos a observar) acarreta, inevitavelmente, profundas transformações. Gostaria de mencionar três. Em primeiro lugar, tornou-se claro que todos nós temos partes internas que nos são desconhecidas, insuspeitadamente responsáveis por uma série de sentimentos, pensamentos e acções. Em segundo lugar, tornou-se possível, tanto para analisandos como

⁷⁷ “It cleared up and in part replaced the ill-defined uses of the earlier terms ‘the unconscious’, ‘the Ucs.’, and ‘the systematic unconscious’.” (Strachey 1953-1974, vol.19, p.7)

para analistas, estabelecer ligações com essas partes de si próprios que nunca poderiam saber que existiam.

O trabalho analítico, sobretudo através da transferência e contra-transferência, abriu a possibilidade de se dar unidade e sentido aos elementos obtidos através dessas ligações, num trabalho de pensamento conjunto. Em terceiro lugar, como vimos, o pensamento acerca do Homem e de tudo o que é humano, ganhou uma nova dimensão. Este aspecto é da maior relevância para o pensamento filosófico, que passou a ter a possibilidade de incorporar este conjunto de descobertas únicas acerca do funcionamento mental, no seu modo de considerar os pensamentos e acções humanas.

Assim, é razoável afirmar que Freud revolucionou o modo como olhamos o mundo, no plano filosófico, científico e comum. O que antes significava “um homem”, depois da *passagem* de Freud, deixou de ser razoável aceitar-se como a verdade estabelecida.

Este facto teve, e tem, profundas consequências – novamente nas palavras de Kuhn:

“(…) após uma revolução, os cientistas respondem a um mundo diferente.”
(Kuhn 1962, p. 111)⁷⁸

No caso da psicanálise é justo afirmar que, não só os cientistas, mas todos nós.

O Homem nunca mais foi considerado como antes, nem as relações humanas, independentemente de qualquer criticismo e negação. Tal como certas revoluções na arte e na ciência transformaram o mundo de modo permanente, assim fez Freud, começando pela descoberta do inconsciente, tendo-se tornado impossível considerar seriamente algo humano sem a sua influência.

⁷⁸ “(…) after a revolution scientists are responding to a different world.” (Kuhn 1962, p. 111)

2.5. O problema epistemológico posto por Freud

Podemos afirmar que a psicanálise é uma forma de perseguir a verdade – assim, é mais um importante elemento na longa história da epistemologia, sendo certo que opera num plano que lhe é exclusivo.

Mas, o que queremos dizer com “verdade”? E de que “verdade” estamos a falar? Ao longo da história dos homens (com uma dependência particular na filosofia) encontramos vários sentidos diferentes atribuídos a esta palavra. No nosso contexto presente, diria que esta “verdade” é a realidade psíquica – em particular aqueles elementos que cada indivíduo não está disposto a permitir que se tornem conscientes. Contudo, estes elementos e mecanismos inconscientes têm sido necessariamente uma característica essencial da mente humana desde sempre, e motivo de perplexidade e fascínio para gerações de filósofos, artistas e homens de ciência ao longo de séculos, mas foi apenas no final do século XIX que começaram a ser identificados e trabalhados. O revolucionário ponto de vista de Freud não só nos trouxe um modo diferente de considerar as perturbações mentais, mas também uma muito diferente selecção de factos a serem observados – este facto despoletou tudo o que se lhe seguiu.

Como vimos, Freud não propõe uma concepção alternativa da realidade, nem tão pouco propõe correcções às perspectivas da realidade encontradas por todos os pensadores que o antecederam. Uma vez mais, o que Freud descobre é que existe uma outra realidade para além da realidade externa, tão real e constante como esta, que determina a parte mais importante das nossas acções e pensamentos – a realidade psíquica.

Contudo, é importante enfatizar de novo que não me refiro aqui às condicionantes da patologia – por exemplo, um paciente esquizofrénico apresentará porventura dificuldades em conhecer, especificamente relacionadas com a sua condição patológica – mas antes às condicionantes observáveis em todos nós, provindas da nossa estrutura inconsciente.

Mas então, como podemos agora considerar a possibilidade de conhecer, tendo em conta que apenas podemos conhecer através da consciência?

“(...) todo o nosso conhecimento está invariavelmente ligado à consciência. Até o inconsciente [*Ucs.*], só o podemos conhecer tornando-o consciente.”
(Freud 1923a, p. 19)⁷⁹

A psicanálise mostra-nos como sendo inconscientes, nos outros e em nós mesmos, enormes porções da nossa actividade mental, que deste modo não estão disponíveis à nossa consciência, independentemente de quanto esforço de inteligência e raciocínio dedicemos à tarefa de obter acesso a todas as áreas da nossa mente. Como consequência, a nossa mais profunda e verdadeira relação com o mundo estabelece-se num plano desconhecido, e o propósito da psicanálise é precisamente o de tentar quebrar esta fatalidade, através da *relação psicanalítica*.

Mas consideremos então qual o *problema epistemológico* que Freud coloca. Por um lado, como vimos, a descoberta de que *tudo o que é consciente tem um anterior estado inconsciente*, mostra-nos que a concepção de sujeito do conhecimento estava, até aqui, apenas parcialmente considerada. A descoberta fundamental de Freud convida-nos a reconsiderar o modo como conhecemos – a nossa estrutura inconsciente, sendo subjacente a todas as nossas manifestações conscientes, tem um papel determinante no modo como nos relacionamos com os objectos, quer sensorialmente, quer através do pensamento.

Por outro lado, qual será a natureza desse *papel determinante*, é uma pergunta que, sendo de difícil resposta, poderá ser investigada individualmente neste âmbito alargado de investigação, que contempla ambas as realidades que dizem respeito a todos nós, externa e interna, e que, assim, não identifica mente com consciência.

É verdade, contudo, que o facto de os analistas terem basicamente as mesmas fragilidades que todas as outras pessoas, sublinha igualmente a extrema dificuldade que a proposta da psicanálise representa: a observação da

⁷⁹ “(...) *all our knowledge is invariably bound up with consciousness. We can come to know even the Ucs. only by making it conscious.*” (Freud 1923a, p. 19)

presença do questionador em cada questão e uma investigação persistente acerca de aspectos veementemente negados – assim, somos conduzidos ao problema epistemológico da presença contaminadora do sujeito no objecto e vice-versa.

Seguindo esta linha de pensamento, gostaria de citar uma interessante passagem de Niels Bohr, que creio contribuir para uma boa ilustração deste problema:

“(…) tal como foi sublinhado por Heisenberg, localizar um objecto num domínio espaço-temporal limitado, de acordo com a mecânica quântica, envolve uma troca de movimento e energia entre instrumento e objecto que é tanto maior quanto menor o domínio escolhido. Assim, era da maior importância investigar até que ponto a interacção ocorrida na observação pode ser tida separadamente em conta na descrição do fenómeno.” (Bohr 1958, p. 89)⁸⁰

Sem a pretensão de entrar no domínio da mecânica quântica, gostaria apenas de sublinhar o facto de que a transformação dos factos pelo próprio acto de observação é um problema crucial, quer para a ciência quer para a psicanálise, aparentemente deixando-nos apenas com a *magra solução* de uma humilde aceitação da constante contaminação dos objectos em observação por uma série de mecanismos que não são facilmente visíveis, tais como movimentos transferenciais e fantasias inconscientes. Para a psicanálise, esta *limitação* é na verdade muito bem vinda, na medida em que permite progressivamente tornar mais clara a natureza desses elementos inconscientes, tanto nos analisandos como nos analistas, mesmo tendo em conta que ambos os investigadores estão condenados à obtenção de apenas um conhecimento muito limitado da realidade.

Por outro lado, o facto da referida relação psicanalítica ser constituída por dois elementos – os dois investigadores – leva-nos inclusivamente a questionar, não

⁸⁰ “(…) as stressed by Heisenberg, the locating of an object in a limited space-time domain involves, according to quantum mechanics, an exchange of momentum and energy between instrument and object which is the greater the smaller the domain chosen. It was therefore of the utmost importance to investigate the extent to which the interaction entailed in observation can be taken into account separately in the description of the phenomena.” (Bohr 1958, p. 89)

só as dificuldades próprias de cada um, mas também a importância relativa de cada um dos constituintes do par analítico, para que se verifiquem progressos acerca do conhecimento da realidade psíquica. Penso que, no contexto analítico, a adopção de uma correcta *atitude epistemológica* – isto é, uma perspectiva de investigação que seja capaz de reconhecer a co-existência e uma inter-dependência das realidades externa e interna – é fundamental em ambos os intervenientes, embora seja de particular relevância uma atitude de auto-investigação, de *olhar para dentro*, por parte do analisando.

Escreve Meltzer a este propósito:

“Pessoalmente, levo muito a sério o pensamento de que a história da nossa ciência é feita de investigação colaborante entre paciente e analista, e não hesitaria em afirmar que a essência do método é uma em que o ‘paciente’ é sempre o ‘investigador’ e que a auto-análise é a chave do processo.” (Meltzer 1978a, p.18)⁸¹

De qualquer modo, são grandes as limitações do que será possível conhecer através do processo psicanalítico. Pelo facto de ocupar esta área especial, algures entre a ciência e a arte, a filosofia e a medicina, a psicanálise requer um rigor no método, no uso da linguagem, e em particular na qualidade da observação mas, ao mesmo tempo, uma *permissão* para trabalhar e comunicar para além desses limites. Como refere Freud em *O Inconsciente* (1915):

“Um ganho de sentido é um fim perfeitamente justificado para se ir para além dos limites da experiência directa.” (Freud 1915a, p. 167)⁸²

Na verdade, não existe alternativa, uma vez que o trabalho da psicanálise se realiza para além de vários limites, não apenas da experiência directa, mas também do senso comum e certamente para além de um limite aceitável no que respeita às nossas próprias fragilidades sendo, assim, de uma exigência

⁸¹ “*Personally I take it quite seriously that the history of our science is one of collaborative investigation by patient and analyst and would not have the slightest hesitation in saying that the essence of the method is one in which the ‘patient’ is always the ‘investigator’ and that self-analysis is the key to the process.*” (Meltzer 1978a, p.18)

⁸² “*A gain in meaning is a perfectly justifiable ground for going beyond the limits of direct experience.*” (Freud 1915a, p. 167)

muito particular. Deste modo, penso ser perfeitamente compreensível o facto de muitas descobertas centrais da psicanálise não terem sido obtidas nem transmitidas com um rigor exemplar, nem de um modo claramente científico.

Não existem propriamente modelos concluídos, fórmulas e instrumentos de medida (como é próprio das ciências) para o tratamento dos dados observados, restando apenas o pensamento relativo a anteriores situações clínicas aparentemente semelhantes como a única ajuda disponível no sentido de ser possível entender-se alguma coisa do material clínico presente.

Não se trata, portanto, de uma fuga à responsabilidade exigida pelo método das ciências ou do rigor de pensamento, pelo contrário, precisamente por uma questão de rigor e de respeito pela enorme responsabilidade que tem em mãos – uma vez que a actividade psicanalítica lida directamente com sintomas e aflições e tem influência directa na vida individual das pessoas – a psicanálise tenta aplicar a si própria um modelo de disciplina, que em primeiro lugar proteja os pacientes de erros e assunções erradas. Assim, o modelo de pensamento psicanalítico⁸³ caracteriza-se, fundamentalmente, por uma tentativa de encontrar avanços no esclarecimento dos fenómenos psíquicos, a partir da observação clínica concreta. Esses esclarecimentos, por sua vez, deverão ser constantemente postos à prova face ao material clínico, de modo a que a sua solidez possa ir sendo verificada.

Assim, se é verdade que Freud oferece um novo e complexo problema epistemológico, é também verdade que traz consigo o caminho para tentar solucioná-lo. A descoberta da realidade psíquica é também a descoberta da paixão pela investigação dessa mesma realidade.

“(...) quando encontramos algo que desperta o nosso interesse, quando o vemos como um fragmento ou instância ou amostra da beleza do mundo, queremos certificarmo-nos da sua autenticidade, conhecê-lo em profundidade. Nesse momento encontramos o ‘coração do (seu) mistério’,

⁸³ Sublinho, novamente, que sigo aqui o desenvolvimento da *escola britânica*: Freud – Klein – Bion – Meltzer.

e igualmente as severas limitações da nossa capacidade de conhecer.”
(Meltzer & Williams 1988, p. 143-4)⁸⁴

Estamos, assim, perante um duplo problema: por um lado, todo o nosso conhecimento é obtido através da consciência, quer dos objectos externos quer internos; por outro lado, sendo a consciência a menos determinante e menor parte das nossas mentes, oferece um plano muito limitado para a obtenção de um conhecimento inteiro de alguma coisa.

A este respeito, um dos aspectos que devemos igualmente considerar é o que Freud chamou “instinto epistemofílico”. É certo que o contexto em que surge este conceito é o do desenvolvimento inicial da sexualidade infantil – tal como, depois, viria a ser desenvolvido e transformado por Melanie Klein – mas a sua natureza essencial, isto é, o movimento involuntário e até irreflectido de obter conhecimento, merece aqui a nossa atenção. É verdade que este movimento psicológico primitivo de *obter conhecimento acerca do interior* – do interior da mãe; do interior de si próprio – surge no plano da fantasia inconsciente e não numa atitude de inquirição consciente como a da filosofia. No entanto, penso que este é um bom exemplo de como a aproximação entre estes dois mundos, filosofia e psicanálise, se pode mostrar como criativa e fecunda.

A integração do plano inconsciente na relação com o objecto traz, assim, como vimos, a dificuldade acrescida de limitar ainda mais a nossa possibilidade de conhecer. Mas também traz, por outro lado, uma riqueza acrescida, na medida em que abre um outro caminho de descoberta do sujeito nas suas manifestações com o outro e consigo próprio.

Olhando por esta perspectiva, a revolução freudiana tem uma semelhança fundamental com a realizada por Kant – ambos derreteram as asas da nossa onipotência *icariana* que tende a convencer-nos que é possível obtermos um conhecimento completo e absoluto de todos os objectos. A própria identificação dos limites do conhecimento, acerca da realidade externa ou da realidade

⁸⁴ “(...) when we encounter something that engages our interest, when we see it as a fragment or instance or sample of the beauty of the world, we wish to ascertain its authenticity, to know it in depth. And at that moment we encounter the ‘heart of (its) mystery’, along with the severe limitations in our capacities for knowledge.” (Meltzer & Williams 1988, p. 143-4)

interna, traz consigo a imposição desses mesmo limites, quer estejamos a considerar o funcionamento da razão, ou da consciência.

Veremos no capítulo IV, uma comparação entre o *inconsciente* e o *númeno* na teoria do conhecimento de Kant, que penso que nos irá ajudar a pensar claramente acerca da radical transformação que a psicanálise operou na nossa concepção de Homem.

Todos os mais relevantes desenvolvimentos da psicanálise desde Freud, para além de terem naturalmente representado notáveis progressos clínicos, prestaram igualmente importantes contributos ao progresso do pensamento, que poderiam ser aproveitados no desenvolvimento epistemológico. De entre eles, como veremos detalhadamente no capítulo V, penso que o maior contributo foi o de Bion - em particular quanto à sua visão do conceito de *barreira de contacto*, que transforma radicalmente a própria noção de inconsciente e de consciente e que, portanto, transforma radicalmente o modo de se considerar a relação entre sujeito e objecto.

III. O Ponto de Viragem de Bion

3.1. Inconsciente em Bion: Consciência e *Awareness*⁸⁵

Com Bion, tanto a noção de inconsciente como sendo *uma parte* da mente, como a ideia de repressão estando associada a quase tudo o que é inconsciente, são profundamente renovadas. De Masi esclarece:

“Em Bion, o inconsciente perde a conotação ôntica de espaço: é uma função da mente e não um espaço de depósito para o reprimido.” (De Masi 2009, p. 50)⁸⁶

Estas noções eram particularmente claras no pensamento de Freud, dada a sua formação inicial em medicina e uma natural tendência para a adopção de uma perspectiva neuro-fisiológica. Diria que era atribuído um carácter *negativo* a algumas partes do inconsciente no sentido em que, idealmente, deveria ser possível trazer à consciência o que era inconsciente, operando assim uma passagem libertadora da repressão inconsciente para uma *liberdade consciente*. A noção de repressão, mesmo preservando de algum modo uma importante função protectora da vida mental para Bion, é transformada em algo diferente: deixa de estar intimamente ligada ao *esconder*, para passar a ser

⁸⁵ Esta palavra coloca um difícil problema de tradução, uma vez que a língua portuguesa não oferece um correspondente ao inglês *awareness*, em particular na distinção entre *consciousness* e *awareness*. Tal como sucede com outras línguas, a palavra portuguesa “consciência” traduz ambas as palavras inglesas *consciousness* e *awareness*, perdendo-se a distinção entre ambas. O estado de *awareness* implica uma certa noção da realidade e não propriamente o estado de consciência do sujeito. Vejamos um exemplo: um indivíduo que, em estado delirante, afirma ser rei de Portugal; pode estar *consciente* ao afirmá-lo, mas não *consciente* da realidade, nem do seu estado delirante. A possibilidade do uso da palavra “ciente”, por outro lado, implica uma noção de conhecimento de alguma coisa, o que também não reproduz correctamente o sentido da palavra inglesa *awareness*. Sendo esta diferenciação entre *consciousness* e *awareness* fundamental na observação das questões de que presentemente nos ocupamos, optei por preservar uma fidelidade ao pensamento de Bion, mantendo a palavra inglesa por si usada.

⁸⁶ “*In Bion, the unconscious forfeits the ontic connotation of place: it is a function of the mind and not a space for depositing the repressed.*” (De Masi 2009, p. 50)

olhada como uma ferramenta mental que promove o pensamento e a criatividade, como acrescenta De Masi:

“(...) de Bion em diante, a repressão é não apenas uma defesa, mas também um mecanismo que permite que a experiência vivida se torne inconsciente. Sem repressão, os conteúdos emocionais permaneceriam conscientes e nunca poderiam ser sonhados ou transformados em pensamento.” (De Masi 2015, p. 26)⁸⁷

Com Bion, o inconsciente deixa de ser uma zona mental que contém problemas que precisam de tratamento através do movimento terapêutico do *trazer à consciência* – tudo o que realmente importa na vida mental é inconsciente. Por outro lado, ao não constituir uma zona ou parte da mente, o carácter inconsciente é agora visto como uma qualidade provisória de elementos mentais e não como algo intrinsecamente ligado ao não-saudável - em Bion, a palavra “dinâmico” atinge uma nova dimensão, e esta qualidade pode estar em mutação constante, porquanto elementos conscientes podem tornar-se inconscientes e vice-versa.

Contudo, o facto de certos elementos serem conscientes ou inconscientes, em dado momento, não é aqui a questão mais relevante. O que parece ser uma preocupação central para Bion, é a *possibilidade da inconsciência e da consciência*. Dito de outro modo, o que realmente interessa a Bion é a possibilidade, que uma mente saudável oferece, de manter certos elementos no inconsciente e outros no consciente, e da passagem de elementos entre estas duas condições, dependendo da capacidade de cada pessoa de processar as suas *experiências emocionais*, e das necessidades interiores de preservação da vida mental - o facto de, em dado momento, certos elementos poderem ser tornados conscientes e de outros poderem ser *relegados para o inconsciente*, através da operação da barreira de contacto, também resulta da necessidade de gestão da energia mental, em que certos elementos poderão

⁸⁷ “(...) from Bion onwards, repression is not only a defence, but also a mechanism that allows the experience lived to become unconscious. Without repression, the emotional contents would remain in the conscious and could never be dreamt or transformed into thought.” (De Masi 2015, p. 26)

habitar a consciência (se tal for suportável para o sujeito) e outros tornados inconscientes para proporcionar espaço mental às actividades da consciência. Apesar de ser absolutamente central no seu pensamento, Bion não nos dá qualquer explicação ou clarificação acerca do sentido desta expressão: “experiência emocional”.

No artigo “What is an Emotional Experience?” (1984), Meltzer escreve o seguinte:

“Central na *Teoria do Pensamento* de Bion é a ideia de que uma experiência emocional ocorre, e se não é processada em representações simbólicas que possam ser usadas para sonhos, pensamentos, memória, acto de pensamento, de juízo, decisão e acção, então os ‘*acréscimos de estímulo*’ (...) têm que ser evacuados da mente de algum modo. (...) Ao colocar a ‘experiência emocional’ como o primeiro passo nos processos de pensamento, Bion colocou pela primeira vez, pelo menos no que respeita à formulação psicanalítica, a emoção no coração do problema. (...) Apenas Bion, creio, viu a emoção no cerne do sentido da mentalidade humana, distinguindo-a assim das variantes quantitativas de excitação respeitantes ao aparelho neurofisiológico.” (Meltzer 1984, p. 23)⁸⁸

Tendo em conta os dados disponíveis, diria que a expressão “experiência emocional” representa todo e cada momento das nossas vidas, na medida em que, *ao nível inconsciente*, estamos continuamente em relação com o mundo, quer o mundo exterior quer o interior.

Bion identifica uma instância, cuja tarefa é a de lidar com as impressões dessas experiências – deu-lhe o nome de “função- α ”:

⁸⁸ “Central to Bion’s *Theory of Thinking* is the idea that an emotional experience occurs, and if it is not processed into symbolic representations that can be used for dreams, thoughts, memory, thinking, judgment, decision and action, then the ‘*accretions of stimuli*’ (...) must be evacuated from the mind in some way. (...) By placing ‘*emotional experience*’ as the first step in thinking processes, Bion has, for the first time in psycho-analytical formulation at least, placed emotion at the heart of the matter. (...) Only Bion, I think, has seen emotion as the very core of meaning in human mentality, distinguishing it therefore from the quantitative variants of excitement in the neurophysiological apparatus.” (Meltzer 1984, p. 23)

“A função-alfa opera nas impressões sensíveis, quaisquer que sejam, e nas emoções, quaisquer que sejam, das quais o paciente está ‘aware’.” (Bion 1962a, p. 6)⁸⁹

Lidaremos com a “função- α ” na próxima secção, mas olhemos agora para a expressão “aware”. À primeira vista pode ser intrigante, e concordo com Meltzer quando escreve que:

“O ‘aware’ apanha-nos de surpresa (...).”(Meltzer 1978b, p. 310),

mas creio ser muito importante tentarmos esclarecer o sentido que terá tido para Bion. Antes de mais, não estamos a referir-nos à consciência, pelo menos ainda não – ‘consciência’ e ‘awareness’ não coincidem. De Masi, no artigo “*On the Nature of Intuitive and Delusional Thought: Its Implications in Clinical Work with Psychotic Patients*” (2003), reflecte acerca deste problema de um modo particularmente claro:

“Gostaria de operar aqui uma distinção entre consciência e *awareness*, dois conceitos muitas vezes considerados equivalentes. ‘Consciência’ é a capacidade de registar um evento psíquico, de o memorizar e de o recordar. ‘*Awareness*’, por outro lado, tem que ver com o sentido e o entendimento desse evento, e liga-se à presença ou ausência da função intuitiva e à capacidade para a auto-observação.” (De Masi 2003, p. 1153)⁹⁰

Quando consideramos o conceito de ‘awareness’ em Bion, não estamos na verdade a discutir a diferenciação entre consciente e inconsciente – estamos a lidar com a possibilidade de o mundo externo e interno poderem fazer sentido. No entanto, é importante notar que esta noção de *sentido* só é possível a partir de um reconhecimento e entendimento da realidade psíquica, isto é, só através

⁸⁹ “Alpha-function operates on the sense impressions, whatever they are, and the emotions, whatever they are, of which the patient is aware.” (Bion 1962a, p. 6)

⁹⁰ “I would like to differentiate here between consciousness and awareness, two concepts that are often considered equivalent. ‘Consciousness’ is the capacity to register a psychic event, to memorise it and to remember it. ‘Awareness’, instead, has to do with the meaning and understanding of that event, and is linked to the presence or absence of the intuitive function and to the capacity for self-observation.” (De Masi 2003, p. 1153)

de um entendimento do plano inconsciente como o mais fundamental e determinante da vida mental, é que se torna possível dar-mos conta da importância central do estado de *awareness* no desenvolvimento da personalidade e na manutenção de uma vida interior demarcada da patologia.

Assim sendo, será possível um desenvolvimento da noção de sentido, em diálogo com a filosofia – em particular com a hermenêutica. De outro modo, como vimos anteriormente, ao não integrar na sua reflexão a descoberta da realidade psíquica, o olhar filosófico restringe-se ao plano consciente e, conseqüentemente, ao sentido que as manifestações humanas exprimem da intenção consciente de cada sujeito. Num plano de pensamento em que apenas seja reconhecida a realidade exterior, a noção de sentido fica inelutavelmente refém da consciência, e assim, sem possibilidade de contribuir para um entendimento da vida mental.

A possibilidade do estado de *awareness* é, acima de tudo, o que é crucial para Bion – não é o facto de se poder estar consciente de algo ou de se poder recuperar algum facto com o recurso à memória, o que pode acontecer num estado de ‘*unawareness*’ total, ou o facto de muitos dos nossos elementos mentais serem inconscientes – pois este estado oferece-nos uma ligação com sentido inicial com o mundo, podendo posteriormente evoluir com a operação da função- α , que de qualquer modo só consegue operar num estado de ‘*awareness*’.

Mas, de onde vem este conceito de ‘*awareness*’?

Bion, no segundo capítulo de *Learning From Experience*, indica-nos que o conceito de ‘atenção’ em Freud, tal como foi apresentado nas *Formulações Acerca dos Dois Princípios do Funcionamento Mental* (1911), é muito importante para a sua teoria da função- α . Observemos a passagem do texto de Freud:

“Foi instituída uma função especial que teria de buscar periodicamente no mundo exterior, com o objectivo de verificar se os dados aí encontrados seriam já familiares e portanto disponíveis se uma urgente necessidade interna aparecesse – a função da atenção. A sua actividade encontra as impressões dos sentidos a meio caminho, em vez de esperar por estas. Ao mesmo tempo, provavelmente terá sido introduzido um sistema de

notação, cuja tarefa consiste em anotar os resultados desta actividade periódica da consciência – uma parte do que chamamos *memória*.” (Freud 1911a, p. 220-1)⁹¹

Este conceito de atenção não se limita, como vimos acima, ao plano da intencionalidade, como podemos encontrar em certas reflexões fenomenológicas, porquanto, tal como observámos no capítulo I, a descoberta da realidade psíquica realizada por Freud não aparece aí contemplada no, o que parece limitar a observação da intencionalidade ao plano da consciência. Esta função de atenção tem, assim, a tarefa particular de criar em nós uma disposição que nos permite receber as impressões sensíveis e, ao mesmo tempo, de reconhecer e identificar dados já conhecidos e guardados na memória. Para além de ser especialmente interessante esta noção de “encontrar as impressões dos sentidos a meio caminho”, que marca esta função como uma actividade mental realmente dinâmica, a atenção em Freud é uma função que se encontra ao serviço da consciência, por assim dizer, e intimamente ligada à grande preocupação de que os elementos inconscientes *possam ser tornados conscientes*, ou dados à consciência. Na *Interpretação dos Sonhos* (1900) podemos ler:

“Tornar-se consciente está ligado à aplicação de uma função psíquica particular, a da atenção – uma função que, aparentemente, está apenas disponível numa quantidade específica, podendo ser desviada da linha de pensamento em questão para qualquer outra função.” (Freud 1900, p. 593)⁹²

⁹¹ “A special function was instituted which had periodically to search the external world, in order that its data might be familiar already if an urgent internal need should arise – the function of attention. Its activity meets the sense-impressions half way, instead of awaiting their appearance. At the same time, probably, a system of notation was introduced, whose task it was to lay down the results of this periodical activity of consciousness – a part of what we call memory.” (Freud 1911a, p. 220-1)

⁹² “Becoming conscious is connected with the application of a particular psychical function, that of attention – a function which, as it seems, is only available in a specific quantity, and this may have been diverted from the train of thought in question on to some other purpose.” (Freud 1900, p. 593)

A noção de atenção não diz respeito exclusivamente à passagem à consciência ou aquisição de consciência, estando ainda alicerçada num modelo da mente herdeiro da neurofisiologia.

Assim, se por um lado a noção de Freud de atenção foi importante para Bion conceber a sua própria noção de *awareness* – em particular quanto às faculdades da apercepção e da intuição na relação entre o sujeito e os seus objectos, quer sejam externos quer internos – por outro lado, há dois aspectos fundamentais na noção de *awareness* que a demarcam inteiramente do conceito de atenção: o papel absolutamente central das emoções e do modo como o sujeito se relaciona com estas; e a muito menor relevância que o *trazer à consciência* tem no pensamento de Bion. O estado de *awareness* serve o propósito fundamental de permitir uma relação do sujeito com as suas emoções, o que por sua vez permitirá, como veremos, que lhes possa atribuir sentido através da operação da função- α .

Vejamos agora como esta dinâmica envolvida na possível transformação das experiências emocionais se desenrola: tudo começa com as impressões sensíveis providas do constante fluxo das experiências emocionais; se estas são recebidas pelo sujeito num estado de *awareness*, então será possível o trabalho da função- α sobre essas impressões, como veremos em seguida, cujo objectivo é a produção de elementos- α , que poderão ser usados em pensamentos, ideias e sonhos. Como também veremos, só em seguida se coloca a questão da consciência, regulada pela barreira de contacto.

Contudo, poderíamos perguntar-nos, num estado de '*unawareness*' das experiências emocionais e de inoperabilidade da função- α , como pode haver consciência ou inconsciência? Nesse caso, estaríamos perante uma avassaladora e doente consciência, sem a possibilidade de diferenciação entre consciente e inconsciente. Creio ser neste sentido que Bion considera o paciente psicótico, como sofrendo sobretudo de uma falha na capacidade em atribuir sentido – onde não existe uma '*awareness*' das experiências emocionais e o trabalho da função- α , não é possível ver e dar sentido (e não exactamente apenas "simbolizar"⁹³) ao produto resultante de cada experiência.

⁹³ Lidarei com esta questão na secção seguinte.

E a diferenciação entre consciente e inconsciente depende da existência de sentido; não existe propriamente inconsciente se tudo é sem sentido – parece ser nesta perspectiva que Bion escreve que:

“Uma vez que a função-alfa disponibiliza as impressões sensíveis da experiência emocional para o pensamento consciente e para o *pensamento-sonho*, o paciente que não consegue sonhar, também não consegue dormir nem consegue acordar. Daí a condição peculiar, observada clinicamente, em que o paciente psicótico se comporta como se estivesse precisamente neste estado.” (Bion 1962a, p. 7)⁹⁴

Assim, podemos dizer que é esta a ideia central: o inconsciente é criado a partir de experiências emocionais com sentido. Por outro lado, a incapacidade de se manter um trabalho inconsciente – quer através da repressão, quer através do sonho e da fantasia – abre caminho à patologia.

Neste contexto, torna-se mais claro o facto de se poder considerar a incapacidade de atribuição de sentido como um dos mais sérios problemas que afligem os pacientes psicóticos. Encontram-se impossibilitados de processar de modo saudável as suas experiências emocionais, por via de uma incapacidade de ver ou dar sentido às palavras, coisas ou emoções, uma vez que estas se apresentam como tendo significados com uma deficiente relação com a realidade (‘azul’, ‘cadeira’, ‘tristeza’ podem ter significados radicalmente diferentes para um paciente psicótico face a um outro que não o seja, e esses significados poderão ser mantidos ou alterados, independentemente de cada situação concreta), tornando muito difíceis o estabelecimento e a manutenção de qualquer forma de comunicação. Daqui decorre que, de este estado de *awareness*, não só depende a organização interior das experiências emocionais e a atribuição de sentido em cada um de nós, como também a atribuição de sentido em toda a fundamental comunicação com o outro.

Contudo, penso que é importante tornar a enfatizar que a questão do sentido aqui considerada não pode ser discutida sem que seja reconhecida e

⁹⁴ “As alpha-function makes the sense impressions of the emotional experience available for conscious and dream-thought the patient who cannot dream cannot go to sleep and cannot wake up. Hence the peculiar condition seen clinically when the psychotic patient behaves as if he were in precisely this state.” (Bion 1962a, p. 7)

compreendida a realidade psíquica; ou seja, sem querermos reconhecer os factos recolhidos pela observação clínica que nos mostram a actividade de uma estrutura inconsciente subjacente a muitos actos e palavras da actividade da consciência. Não se trata, porém, de um *petitio principii*, na medida em que, como vimos no capítulo I, a investigação e as descobertas psicanalíticas provêm da experiência recolhida em prática clínica e não de dogmas.

E foi precisamente a prática clínica que conduziu Bion à consideração de que este estado de *awareness*, ao permitir o processamento das emoções de cada experiência pela função- α , é da maior importância para um saudável funcionamento mental. Quando mais longe deste estado nos encontrarmos, mais difícil será que o que quer que seja tenha sentido para nós.

Retomemos o exemplo clínico referido por Bion, já citado anteriormente, agora observado à luz da importância determinante desta noção de *awareness*:

“(…) um paciente que insistia em afirmar ‘não sei o que quero dizer. Não sei o que quero dizer’. Demorou muito tempo, e eu tinha com ele o tipo de experiência com o qual estou bastante familiarizado no que respeita a estar com um paciente psicótico.” (Bion 2013, p.18)⁹⁵

Assim, o paciente psicótico não está habitualmente ‘*aware*’ das suas experiências – poderíamos dizer que o estado delirante representa uma ‘*unawareness*’ total – não possui uma função- α operacional; não consegue sonhar; nem tão pouco pensar; e não lhe é possível o desempenho da crucial tarefa de continuamente criar o seu próprio inconsciente através de uma barreira-de-contacto que não possui. O paciente psicótico, ou o lado psicótico da personalidade em todos nós, não é propriamente capaz de estar inconsciente acerca de alguma coisa e, estando assim limitado por uma doente e dominante consciência (mas não ‘*awareness*’), é incapaz de uma actividade mental criativa e incapaz de ‘*pensamentos-sonho*’⁹⁶, que creio representarem o que para Bion é a forma arquetípica de todo o pensamento.

⁹⁵ “(…) *a patient who kept on saying ‘I don’t know what I mean. I don’t know what I mean’. It took a long time, and I had the experience with him of the sort of experience with which I am pretty familiar when it comes with being with a psychotic patient.*” (Bion 2013, p.18)

⁹⁶ ‘*dream-thoughts*’

Quando todo este processo funciona saudavelmente, isto é, numa sequência que compreende ‘*awareness*’; função α ; consciência ou inconsciência (barreira-de-contacto), então será possível, em cada momento, uma gestão quer dos elementos a manter ou a trazer à consciência, quer de outros elementos a manter ou a relegar para o inconsciente. Este é um trabalho fundamental e contínuo, que torna possível a preservação de bons níveis de energia mental e de um funcionamento saudável dos processos de pensamento:

“Pensamentos que tinham originalmente que ser conscientes, e assim a criança pode operar todo o pensamento necessário para andar sem se manter consciente disso. A função-alfa é necessária para o pensamento e racionalização conscientes, e para relegar o pensamento para o inconsciente quando é necessário aliviar a consciência do fardo do pensamento na aprendizagem de uma tarefa.” (Bion 1962a, p. 8)⁹⁷

Tendo em conta esta perspectiva, e como veremos adiante, ganha sentido a noção de que Bion *construiu uma teoria do pensamento*. A trajetória do seu pensamento a partir de anteriores trabalhos fundamentais, levados a cabo por outros psicanalistas (em particular, Freud e Klein), e a sua própria observação clínica, conduziram-no à descoberta da atribuição de sentido no processamento das emoções como a operação mental mais importante e clinicamente relevante – pois a nossa capacidade de aprender com a experiência, de pensar e de sonhar, dependem da possibilidade desta tarefa ser realizada de modo satisfatório.

Mas, sendo a ‘*awareness*’ de cada experiência emocional o primeiro factor crucial nesta fundamental criação de sentido, poderíamos perguntar-nos: será possível, de acordo com este ponto de vista, uma transformação de um estado de ‘*unawareness*’ em ‘*awareness*’? Aparentemente, não existe nenhum elemento, ou função, que promova uma tal passagem, para além do facto de não ser claro o que na verdade gera a ‘*awareness*’.

⁹⁷ “*Thoughts that had originally to be conscious become unconscious and so the child can do all the thinking needed for walking without any longer being conscious of any of it. Alpha-function is needed for conscious thinking and reasoning and for the relegation of thinking to the unconscious when it is necessary to disencumber consciousness of the burden of thought by learning a skill.*” (Bion 1962a, p. 8)

Poderíamos talvez afirmar que, para Bion, o mais importante e delicado aspecto de toda esta problemática se situa *antes* da questão da consciência, uma vez que é a ‘*awareness*’ das experiências emocionais e a operação da função- α sobre essas emoções que torna possível a questão da consciência.

Como veremos no capítulo V, a condição de se estar consciente ou inconsciente acerca de alguma coisa é controlada pela barreira-de-contacto, e uma vez que a barreira-de-contacto depende do trabalho da função- α , quando lidamos com a noção de ‘*awareness*’ em Bion, estamos a lidar com a possibilidade da atribuição de sentido a cada pensamento individual através de uma ligação de emoções e ideias com a realidade (tanto exterior como interior) – estamos, na verdade, ainda apenas a lidar com a possibilidade do consciente e do inconsciente.

Tendo em conta o percurso que realizámos até aqui, o que poderemos dizer, clara e sinteticamente, acerca do inconsciente em Bion?

Creio que podemos sublinhar três pontos fundamentais que marcam o seu pensamento como um verdadeiro ponto de viragem quanto a este problema:

1. Como vimos acima, para Bion o inconsciente não coincide com o que é ‘mau/perverso’; ‘doente’; ‘algo aprisionado’. Pelo contrário, o inconsciente representa alguns dos mais interessantes, surpreendentes e inspiradores aspectos da vida mental.
2. Independentemente do facto da visão de Bion ser revolucionária, parece progredir em algumas linhas do pensamento de Freud acerca desta questão, particularmente em dois aspectos: em primeiro lugar, a noção de que o inconsciente é a verdadeira fonte subjacente a tudo o que é mental, e em segundo lugar, a noção do inconsciente como *dinâmico*.

3. Por último, mas não menos fundamental, a questão da consciência ou inconsciência deixa de ocupar, em Bion, uma posição central. A partir de agora, a questão central passa a ser entre '*awareness*' e '*unawareness*'; passa a ser a possibilidade da criação de sentido a partir de cada experiência e a promoção de uma organização interior que torne possível que pensemos e sonhemos, principalmente de modo inconsciente.

3.2. Função- α

Como vimos, Bion pensou e identificou uma ferramenta mental essencial, cuja tarefa é a atribuição de sentido ao resultado das experiências emocionais, para a qual escolheu usar o termo “função- α ” - termo que o próprio considera ser *sem sentido*:

“Chamo a esta função uma função-alfa, pois assim posso falar acerca dela sem restrições, o que não aconteceria se usasse um termo com um significado mais rico, ligado a um conjunto de associações pré-existentes. (...) O termo função-alfa é, intencionalmente, vazio de significado.” (Bion 1962a, p. 2-3)⁹⁸

Estas afirmações podem causar perplexidade numa primeira leitura, mas Bion está a trabalhar numa linguagem nova, tentando exprimir o que vai descobrindo. Como temos visto, a proposta de Bion não é um simples acrescento ao pensamento, quer filosófico quer psicanalítico – o modo revolucionário como centraliza o processamento emocional na discussão acerca da saúde e equilíbrio mental, obrigou-o a propor novos conceitos e a um renovado entendimento acerca de alguns conceitos anteriormente usados. Esta sequência de movimentos mentais, em que cada momento depende do sucesso do anterior (*awareness*; função- α ; elementos- α ; e finalmente, sonhos e pensamentos), se for suficientemente tida em conta, muda o modo de pensar criticamente, quer no plano clínico, quer no plano filosófico.

Por outro lado, este foi um processo *iniciado* por Bion, e não um modelo terminado, ou uma espécie de sistema. Há todo um trabalho por continuar e por clarificar. Por isso, Bion teve a preocupação de destruir pre-conceitos e qualquer ideia que pudesse vir a tornar-se num dogma, através deste uso peculiar da linguagem.

⁹⁸ “I call this function an alpha-function so that I may talk about it without being restricted, as I would be if I used a more meaningful term, by an existing penumbra of associations. (...) The term alpha-function is, intentionally, devoid of meaning.” (Bion 1962a, p. 2-3)

Meltzer escreve a este propósito:

“Não precisamos de nos deixar intimidar pelas formas matemáticas, o discurso das ‘funções’ e ‘factores’ com o qual Bion tenta ser preciso na sua intenção de ser tão impreciso quanto possível.” (Meltzer 1978b, p.309)⁹⁹

A intenção de Bion parece ser aqui a de equipar a mente psicanalítica com novas ferramentas, não obstante a dificuldade e a estranheza em tentar seguir uma linha de pensamento que faz uso destes termos bizarros e o que aparentam ser ideias estranhas. Podemos ler nas próprias palavras de Bion que:

“Uma vez que a função deste termo sem sentido é a de dotar a investigação psicanalítica de uma espécie de variável matemática, um desconhecido que pode ser investido de um valor quando o seu uso ajudou a determinar que valor será esse, é importante que não seja utilizado prematuramente para veicular sentidos, uma vez que os sentidos prematuros é precisamente o que é essencial excluir.” (Bion 1962a, p.3)¹⁰⁰

Podemos, por outro lado, igualmente ler que:

“A teoria das funções e da função-alfa não são parte da teoria psicanalítica. São ferramentas de trabalho para o psicanalista, de modo a aliviar problemas no pensamento acerca de algo que é desconhecido.” (Bion 1962a, p. 89)¹⁰¹

⁹⁹ “So one needs not be intimidated by the mathematical forms, the talk of ‘functions’ and factors’ by which Bion attempts to give precision to his purpose of being as imprecise as possible.” (Meltzer 1978b, p.309)

¹⁰⁰ “Since the object of this meaningless term is to provide psycho-analytic investigation with a counterpart of the mathematicians variable, an unknown that can be invested with a value when its use has helped to determine what that value is, it is important that it should not be prematurely used to convey meanings, for the premature meanings may be precisely those that it is essential to exclude.” (Bion 1962a, p.3)

¹⁰¹ “The theory of functions and alpha-function are not a part of psycho-analytic theory. They are working tools for the practising psycho-analyst to ease problems of thinking about something that is unknown.” (Bion 1962a, p. 89)

Poderíamos então dizer que o termo “função- α ” é *intencionalmente* “vazio de sentido”, como o são todos os outros termos e símbolos que Bion tenta encher com sentido à medida que vamos prosseguindo nesta muito particular viagem do seu pensamento psicanalítico. Não se trata aqui, portanto, de qualquer tipo de excentricidade – como vimos, Bion sente a necessidade de usar termos que não tenham qualquer significado prévio, por um lado, e que possam, por outro lado, beneficiar da *pureza racional* das matemáticas.

Meltzer acrescenta:

“(…) Bion considera seriamente a forma matemática; não se trata apenas de um floreado para impressionar os menos bem formados.” (Meltzer 1978b, p. 317)¹⁰²

Assim, o problema que se nos coloca aqui é fundamentalmente novo: não nos é pedido, como é habitual, que aceitemos estes conceitos e que tentemos trabalhar acriticamente com eles, nem que argumentemos que não têm um sentido claro, pois é o próprio Bion que o afirma:

“(…) usei duas coisas que são inteiramente sem sentido: elementos-beta, que não pertencem ao domínio do pensamento, e elementos-alfa, que estão reservados para o domínio do pensamento. (...) Estas palavras são úteis se queremos falar *acerca* das coisas, mesmo que não tenhamos razões para pensar que são factos. Não há quaisquer provas que nos levem a acreditar que os elementos-beta e os elementos-alfa existem, excepto através de um tipo de metáfora, como por exemplo chamá-los átomos psicológicos, ou electrões psicológicos.” (Bion 1973, p. 15)¹⁰³

¹⁰² “(...) *Bion is serious about the mathematical form; it is not just window-dressing to impress the uneducated.*” (Meltzer 1978b, p. 317)

¹⁰³ “(...) *I have used two things which are entirely meaningless: beta-elements, which do not belong to the domain of thinking, and alpha-elements, which are reserved for the domain of thought. (...) These words are useful if we want to talk about things, even if there is no reason to believe they are facts. There is no evidence whatsoever to believe that beta-elements and alpha-elements exist, except by a kind of metaphor like calling them psychological atoms, or psychological electrons.*” (Bion 1973, p. 15)

E é precisamente este *falar acerca das coisas* que, na verdade, aqui mais nos diz respeito; quer no plano filosófico, quer no psicanalítico, os avanços no pensamento dão-se falando acerca das coisas, isto é, discutindo, pensando e argumentando acerca tanto de ideias como de material clínico. Por outro lado, ainda acerca do uso da linguagem, tal como é possível discursar claramente sem no entanto se *dizer* nada, também é possível que muito seja dito sem o recurso a um discurso claro, sobretudo em situações em que esse discurso claro e bem estruturado não esteja disponível, dada a natureza de muito difícil acesso das matérias em causa. O trabalho e o esforço de Bion situam-se nesta fronteira entre o indizível e o dizível.

No início de *Learning From Experience* (1962), Bion tenta expor a sua visão acerca do que se passa nas nossas mentes no processamento de emoções e impressões em cada experiência emocional ocorrida num estado de 'awareness'. Como vimos acima, o primeiro pré-requisito para uma relação saudável e com sentido com as nossa experiências emocionais é o que denominou 'awareness'.

O segundo é a operação da 'função- α '. Antes de mais é uma "função", que Bion considera deste modo:

“Função’ é o nome da actividade mental relativa a um número de factores que operam em conjunto. ‘Factor’ é o nome de uma actividade mental que opera em conjunto com outras actividades mentais para constituir uma função.” (Bion 1962a, p. 2)¹⁰⁴

A *awareness* é, assim, o principal 'factor' da 'função- α ', tendo a importância fundamental de fornecer matéria prima para o trabalho da 'função- α ' – poderíamos dizer que é a condição de possibilidade da operação da 'função- α '. Acerca da função- α em si mesma, e do modo como opera neste nível fundamental do funcionamento mental, escreve Bion:

¹⁰⁴ “‘Function’ is the name for the mental activity proper to a number of factors operating in consort. ‘Factor’ is the name for a mental activity operating in consort with other mental activities to constitute a function.” (Bion 1962a, p. 2)

“A função-alfa desempenha um papel central na transformação de uma experiência emocional em elementos-alfa, pois um sentido da realidade é fundamental para o indivíduo, tal como são fundamentais a comida, a bebida, o ar e a libertação das excreções. Não ser possível comer, beber ou respirar de modo próprio, resulta em consequências desastrosas para a própria vida. Não ser possível usar a experiência emocional, produz um desastre comparável no desenvolvimento da personalidade.” (Bion 1962a, p. 42)¹⁰⁵

Tendo em conta que, como referi, Bion tenta re-equacionar algumas das questões mais fundamentais da psicanálise, termos como “função- α ” parecem aceitáveis, mesmo que tenhamos que concordar com Meltzer quando escreve que as obras de Bion a partir de *Learning From Experience* são “enfurecedoramente difíceis” (Meltzer 1986, p. 22). Todos estes conceitos (‘função- α ’; ‘elemento- α ’; ‘elemento- β ’; ‘barreira-de-contacto’, etc.) não são coisas, peças constituintes da mente ou partes de teorias – são noções visionárias que talvez consigam mostrar-nos um caminho para um pensamento mais livre e autêntico, acerca do modo como as nossas mentes verdadeiramente funcionam e para podermos sentir de modo mais acutilante a vida mental que diz respeito a todos nós.

Tudo isto nos coloca, de facto, numa posição difícil: em face do desconhecido acerca de tão delicadas matérias e sem ferramentas eficientes para dissipar a incerteza pois, como Bion afirma, devemos rejeitar concepções prévias e noções cristalizadas que tendam a produzir definições e assunções de certeza quanto aos fenómenos da vida mental - o que está disponível são apenas *ferramentas de pensamento*.

Recordo aqui uma pequena passagem de *Transformations* (1965), onde Bion escreve:

¹⁰⁵ “A central part is played by alpha-function in transforming an emotional experience into alpha-elements because a sense of reality matters to the individual in the way that food, drink, air and excretion of waste products matter. Failure to eat, drink or breathe properly has disastrous consequences for life itself. Failure to use the emotional experience produces a comparable disaster in the development of the personality.” (Bion 1962a, p. 42)

“(…) tal como o pensamento pode ser usado para inibir a acção, a definição pode ser usada para inibir o pensamento.” (Bion 1965, p. 99)¹⁰⁶

Por outro lado, ao investigar profundamente acerca da natureza da criação do pensamento e do sonho, e da possibilidade de ligações entre a vida interna e a realidade exterior com sentido, Bion oferece-nos toda uma nova perspectiva sobre a patologia, a qual parece estar intimamente ligada ao estabelecimento e manutenção de ligações *sem sentido*, quer a objectos externos quer a objectos internos, e à quebra de ligações com sentido que eventualmente existam.

Esta ‘função- α ’ é, assim, uma instância mental. Mas, como opera? Bem, creio que poderemos fazer uso da analogia que o próprio Bion estabelece entre os sistemas mental e digestivo: a função- α é que nos permite *digerir* o produto decorrente do contínuo fluxo de experiências emocionais. O correspondente de um bom e saudável aparelho digestivo seria algo com o seguinte fluxo sequencial: experiências emocionais e sonhos com sentido; pensamentos ordenados; aprendizagem e crescimento interior. O saudável funcionamento da função- α , ao permitir-nos transformar sensações e emoções investindo-os de sentido, é o que torna possível uma dinâmica e crescente organização, desenvolvimento e crescimento interiores. Se tudo corre de modo eficiente e saudável, produzir-se-ão ‘elementos- α ’ – os elementos com sentido de que os sonhos e os pensamentos são feitos.

No entanto, como vimos acima, o conceito “elementos- α ” refere-se à nossa relação com os objectos, quer externos quer internos, e não às próprias coisas:

“[os elementos- α] Não são objectos no mundo da realidade exterior, sendo antes produtos do trabalho realizado sobre os dados sensíveis que se acredita estarem relacionados com a realidade exterior.” (Bion 1963, p. 22)¹⁰⁷

Assim, o trabalho da função- α é o de nos permitir que nos relacionemos com os objectos externos e internos de modo a ser possível *um estar no mundo*

¹⁰⁶ “(…) *as thought can be used to inhibit action, so definition can be used to inhibit thought.*” (Bion 1965, p. 99)

¹⁰⁷ “[α -elements] *They are not objects in the world of external reality but are products of work done on the sense believed to relate to such realities.*” (Bion 1963, p. 22)

funcional – isto é, uma integração individual num mundo colectivo que permita relações inter-subjectivas; que permita o conhecimento; que permita uma noção, consciente e inconsciente, de que o sujeito não se confunde nem com os outros, nem com as coisas que observa. Os estados patológicos põem em risco o funcionamento de uma ou todas estas actividades fundamentais.

Uma parte essencial deste trabalho da função- α , é permitir-nos *simbolizar*, ou seja, precisamente permitir que exista uma distância mental entre nós e as coisas; entre nós e o outro, de modo a ser possível *observar* o que quer que seja. Sem o recurso ao símbolo seria impossível qualquer relação, seja de natureza emocional ou cognitiva, pois tudo tenderia a formar uma massa indistinta na nossa mente. No dia-a-dia, de um modo mais imediatamente presente para todos nós, realizamos esta simbolização através da linguagem verbal ; a simbolização é a linguagem do inconsciente.

No entanto, encontramos em vários autores de linha kleiniana, referências a esta “atribuição de sentido” que Bion designa como o trabalho da função- α , como sendo “simbolização”, como podemos ler em Meltzer:

“Dentro deste modelo para descrever os processos do pensamento (formação, crescimento e uso) o primeiro misterioso passo é a formação simbólica ou função-alfa como Bion lhe chama.” (Meltzer 1986, p. 102)¹⁰⁸

Creio tratar-se de um erro de perspectiva, no sentido em que não conseguimos encontrar nas obras de Bion qualquer identificação desses dois conceitos, em palavras ou pensamento, independentemente da importância crucial e das consequências para a teoria e prática psicanalíticas do artigo de Klein “The Importance of Symbol-Formation in the Development of the Ego” (1930), ou do artigo de Segal “Notes on Symbol Formation” (1957).

No artigo citado de Klein, a propósito das suas observações acerca da análise de Dick, que vimos anteriormente, e da descoberta de que o desenvolvimento do ego e o saudável surgimento da relação com a realidade dependem de uma

¹⁰⁸ “*Within this model for describing the processes of thought (formation, growth and use) the first mysterious step is symbol-formation or alpha-function as Bion calls it.*” (Meltzer 1986, p. 102)

capacidade de tolerar a pressão interior provinda das primeiras situações de ansiedade, podemos ler:

“(…) não só o simbolismo é a fundação de toda a fantasia e sublimação mas, mais do que isso, é a base da relação do sujeito com o mundo exterior e com a realidade em geral.” (Klein 1930, p. 221)¹⁰⁹

A separação entre sujeito e objecto, entre interno e externo; entre representação e coisa, é um aspecto essencial desta fundamental actividade mental que é a simbolização.

Em 1957, Segal apresenta o artigo citado que esclarece de outro ponto de vista algumas questões relacionadas com o mecanismo de identificação projectiva, enfatizando de modo claro a importância da distância entre símbolo e coisa simbolizada:

“(…) dificuldades na diferenciação entre ego e objecto leva a dificuldades na diferenciação entre o símbolo e o objecto simbolizado, e assim ao pensamento concreto característico das psicoses.” (Segal, 1957, p. 393)¹¹⁰

Segal considera ser um marco importante no processo de crescimento interno, o abandono dos primeiros símbolos, observados como indiferenciados dos objectos – retomando, a este respeito, o conceito de Klein de “equação simbólica” considerando-o de modo radicalmente diferente – em favor de verdadeiros símbolos, isto é, representações das coisas e não as coisas elas mesmas.

Meltzer escreve a propósito da actividade de simbolização:

“Ao nomear a misteriosa função de formação simbólica, função-alfa, deixando-a ‘vazia’ como sendo essencialmente não observável, Bion

¹⁰⁹ “(…) *not only does symbolism come to be the foundation of all phantasy and sublimation but, more than that, it is the basis of the subject’s relation to the outside world and to reality in general.*” (Klein 1930, p. 221)

¹¹⁰ “(…) *disturbances in differentiation between the ego and object lead to disturbances in differentiation between the symbol and the object symbolized and therefore to concrete thinking characteristic of psychoses.*” (Segal, 1957, p. 393)

construiu a estrutura de um modelo (...).”(Meltzer & Williams, 1988, p. 228)¹¹¹

Neste contexto, e para além da enorme dificuldade em obtermos aqui clareza e precisão, diria apenas que a noção de ‘*symbol-formation*’ não é um conceito apenas renomeado por Bion chamando-lhe “função- α ”, sendo antes uma parte da actividade da função- α , isto é, a simbolização não esgota as operações da função- α tal como Bion a apresenta. O que mais a função- α faz por nós, não fica claro, mas penso ser preferível deixar esse ponto em aberto do que fazer uma correspondência que, por alguma razão, não foi indicada pelo autor em questão.

Tentemos agora observar, em concreto, o que são afinal os elementos resultantes da actividade bem sucedida da função- α : os elementos- α . Com o intuito de ser o mais claro possível, proponho que voltemos a olhar um exemplo clínico já citado no caso “Dick” de Melanie Klein.

Quando Klein, mostrando que a capacidade de simbolizar de Dick estava ainda num estado primitivo, o que o levava a uma identificação com os objectos ainda não inteiramente relacionada com a realidade, exemplifica com o episódio das aparas do lápis:

“(...) um dia em que Dick viu algumas aparas de lápis no meu colo disse ‘Pobre Sr^a Klein’.” (Klein 1930, p. 227)¹¹²

Podemos assim considerar, de acordo com o pensamento de Bion, que o trabalho analítico de Klein com Dick – que, recordo, quando iniciou a sua terapia com Klein não era sequer capaz de falar – colocar a sua função- α a operar progressivamente de modo mais saudável.

Podemos igualmente considerar exemplos mais comumente acessíveis. Por exemplo, um sonho é um bom exemplo do dia-a-dia de todos nós, quer se trate

¹¹¹ “*By naming the mysterious function of symbol-formation and leaving it ‘empty’, alpha-function, as essentially unobservable, Bion has laid the groundwork of a model (...).*” (Meltzer & Williams, 1988, p. 228)

¹¹² “*(...) once when Dick saw some pencil shavings on my lap he said ‘Poor Mrs. Klein’.*” (Klein 1930, p. 227)

propriamente do que chamamos um sonho, quer se trate de um pesadelo, é uma forma fundamental de processarmos emoções, ideias, fantasias inconscientes. É certo que o pesadelo representa, em princípio, algo que não foi ainda possível processar inteiramente – elementos de experiências traumáticas graves; elementos ainda fortemente reprimidos, etc. – mas, ainda assim, representa igualmente o produto do trabalho da função- α .

Escreve Bion a este propósito:

“Costumava dizer-se que um homem havia tido um pesadelo porque tinha tido indigestão, e por isso acordara em pânico. A minha versão é a seguinte: o paciente, a dormir, está em pânico; por não poder ter um pesadelo, não pode acordar nem adormecer; desde então, sofre de indigestão mental.” (Bion 1962a, p. 8)¹¹³

Pegando na analogia de Bion, talvez fizesse sentido distinguir aqui *indigestão* de *congestão*, em que o pesadelo representaria uma digestão difícil, ou indigestão, mas ainda assim um modo de efectivamente tentar transformar emoções e ideias inconscientes; por outro lado, a inoperância da função- α seria representada por uma congestão propriamente dita, isto é, uma paragem violenta do processo de transformação, resultando em elementos não-digeridos, ou elementos- β .

Este pensamento conduz-nos à questão seguinte: o que é um ‘elemento- β ’? Infelizmente, não me é possível dar uma resposta completa, mas poderia começar por afirmar que, de acordo com o pensamento de Bion, é algo que não conseguiu ser um elemento- α :

“Se a função-alfa for bem sucedida, são produzidos elementos-alfa. Estes elementos são requisitos essenciais dos *pensamentos-sonho* e passíveis de serem armazenados. Se a função-alfa for perturbada, e estiver inoperante, as impressões dos sentidos de que o paciente está *aware* e as

¹¹³ “*It used once to be said that a man had a nightmare because he had indigestion and that is why he woke up in a panic. My version is: The sleeping patient is panicked; because he cannot have a nightmare he cannot wake up or go to sleep; he has had mental indigestion ever since.*” (Bion 1962a, p. 8)

emoções que está a experienciar permanecem sem transformação – chamá-los-ei elementos-beta.” (Bion 1962a, p. 6)¹¹⁴

Assim, em primeiro lugar, um elemento- β não é algo que aguarda uma transformação que o torne num elemento- α – é antes algo que a função- α *não transformou* em elementos- α .

β significa que alguma coisa correu mal, mas o quê? Alguma coisa correu mal precisamente naquilo que Bion considera ser um dos mais importantes guardiões da saúde mental: a predominância de ligações internas plenas de sentido, quer com a realidade exterior quer com a interior. Os elementos- β representam o estado de confusão mental, em que as distâncias mentais necessárias entre sujeito e objecto e entre sujeito e outro sujeito não estão presentes.

Nas palavras de Bion:

“[os elementos- β] Partilham a qualidade do objecto inanimado e do objecto psíquico, sem qualquer distinção entre os dois. Os pensamentos são coisas, as coisas são pensamentos; e têm personalidade.” (Bion 1963, p. 22)¹¹⁵

Portanto, os elementos- β são produto do estado de confusão mental que não permite transformar os elementos de determinada experiência emocional em elementos de pensamento e de sonho. Os pensamentos, as ideias e as palavras não se distinguem das coisas, porque não as *representam*, mas confundem-se existencialmente com elas. Por outro lado, “*têm personalidade*”: os elementos- β têm a mesma concretude e existência real que todos os outros elementos da actividade mental, mostrando o estado actual de confusão da personalidade que os produziu.

¹¹⁴ “*In so far as alpha-function is successful alpha-elements are produced and these elements are suited to storage and the requirements of dream-thoughts. If alpha-function is disturbed, and therefore inoperative, the sense impressions of which the patient is aware and the emotions which he is experiencing remain unchanged. I shall call them beta-elements.*” (Bion 1962a, p. 6)

¹¹⁵ “[β -elements] *It partakes of the quality of inanimate object and psychic object without any form of distinction between the two. Thoughts are things, things are thoughts; and they have personality.*” (Bion 1963, p. 22)

De interesse particularmente relevante para a investigação filosófica, são as questões do sentido (quer do pensamento, quer da linguagem) e do conhecimento da realidade exterior. Como já referi antes, o problema clínico da alucinação é da maior importância na observação epistemológica, porquanto nos convida a um re-equacionar dos problemas envolvidos na observação fenoménica e na estrutura da apercepção. Perante a impossibilidade de aceitarmos ingenuamente que os dados da experiência não são *adulterados* por estruturas inconscientes do sujeito, somos assim forçados a considerar até que ponto, e de que modo, o sujeito está presente no objecto enquanto fenómeno. Como veremos no próximo capítulo, penso que o trabalho de Kant a este respeito (e muito antes da descoberta do inconsciente) é da maior importância.

Por outro lado, no que concerne à transmissão do pensamento e à linguagem, os avanços de Bion também colocam problemas novos: não se trata aqui de um problema de interpretação, ou de fixação do significado de dada palavra, mas antes o facto de o elemento- β , aparentemente, representar um sentido relativamente a uma dada palavra, ou conjunto de palavras, sem nenhuma relação com uma qualquer estrutura de sentido estabelecida. Dito de outro modo, um paciente ao experienciar o que Bion entende por elementos- β , pode tentar representar uma mesa, chamando-lhe 'sol', por exemplo, sem que tal possa fazer sentido, nem para o seu interlocutor nem para si próprio.

“Onde um paciente entenderia uma palavra determinando uma conjunção constante, este paciente experiencia uma coisa que não está lá; e a coisa que não está lá, tal como a coisa *que está lá*, não se distingue de uma alucinação. Uma vez que o termo 'alucinação' carrega consigo um conjunto de significações que não seriam aqui adequados, chamei a estes objectos elementos-beta.” (Bion 1970, p. 9)¹¹⁶

¹¹⁶ “Where one patient would understand a word to mark a constant conjunction this patient experiences it as a thing that is not there, and the thing that is not there, like the thing that is there, is indistinguishable from an hallucination. Since the term 'hallucination' has a penumbra of associations which would be inappropriate I have named these objects beta-elements.” (Bion 1970, p. 9)

Como procedemos em relação aos elementos- α , tentemos ver em concreto o que são elementos- β .

Consideremos um caso clínico exposto num seminário conduzido por Bion:

“Apresentante: O paciente é um homem com vinte e quatro anos, médico que trabalha num hospital. Chegou dez minutos atrasado para a sua sessão. Começou por dizer, “Estava lá em baixo, e hesitei em subir ao consultório. (...) Apanhei o elevador a sentir-me mal, pensei que seria demasiado difícil para mim vir à sessão. Pensei que se ficasse aqui morreria. Quase que me fui embora. Pensei mesmo que iria ser demasiado difícil para mim. (...) Tal como lhe disse na Quinta-feira (...) tinha receio de estar de serviço na Sexta-feira – era um turno de doze horas. Quando finalmente fui trabalhar, foi demasiado difícil para mim.” Este foi o primeiro turno que o paciente teve em quatro meses – foi impossível para ele por causa da sua ansiedade.

Bion: Ele estava fisicamente doente?

Apresentante: Ele pensava que sim, mas de facto estava a sofrer de uma crise de ansiedade.” (Bion 1975, p. 13)¹¹⁷

Penso que há dois aspectos particularmente relevantes nesta interessante passagem. Em primeiro lugar, o paciente parece estar, apesar de tudo, num estado de *awareness* relativamente às experiências emocionais que está a ter, sobretudo ao nível inconsciente, embora não esteja a ser capaz de as transformar eficientemente, isto é, de produzir elementos- α .

¹¹⁷ **“Presenter:** *The patient is a twenty-four-year-old man, a hospital physician. He arrived ten minutes late for the session. He started by saying, “I was downstairs, I hesitated to come up to the consulting room. (...) I took the elevator, not feeling well I thought it would be too difficult for me to come to the session. I thought that if I stayed here I would die. I almost went away. I really thought it was going to be too hard for me. (...) As I told you on Thursday (...) I was afraid of being on duty on Friday – it was a twelve-hour job. When I finally went on duty it was too hard for me.” This was the first duty he had been on for four months – it was impossible for him owing to his anxiety.*

Bion: *Was he physically ill?*

Presenter: *He thought so but in fact he was suffering an anxiety crisis.”* (Bion 1975, p. 13)

Em segundo lugar, tal como refere Ogden (2007), o facto de o paciente não procurar um médico mas o seu analista, indica que o paciente espera encontrar na sua análise a resolução destas suas aflições.

Por outro lado, a pergunta de Bion – “Ele estava fisicamente doente?” – de um pragmatismo que poderia, à primeira vista, ser algo desconcertante, vai precisamente no sentido de ajudar a que, tanto quanto nos for possível, nos concentremos no que *concretamente* se passa com o paciente. Esta pergunta de Bion oferece ao analista a possibilidade de se ligar à sua contra-transferência, de transformar emoções suas que terá projectado no paciente, e de assim poder ajudar o seu paciente a transformar o substrato inconsciente das emoções que o afligem, em elementos de pensamento e de sonho – elementos- α . Deste modo, penso que a pergunta de Bion promove um melhor funcionamento e função- α , quer no paciente quer no analista.

Do ponto de vista clínico, a importância central atribuída à ‘*awareness*’ de cada experiência emocional, à operação da função- α sobre os dados dessas experiências, e a própria possibilidade do inconsciente, agora observada como uma particularmente útil e fundamental instância de uma mente saudável, mudou permanentemente o modo de considerar a própria natureza da patologia. Bion acrescenta que:

“Se só houver elementos-beta, que não podem tornar-se inconscientes, não poderá haver repressão, supressão ou aprendizagem. Esta situação cria a impressão de que o paciente é incapaz de discriminação. Deste modo, o paciente não poderá estar *unaware* de qualquer estímulo sensorial: no entanto, uma tal hipersensibilidade não é contacto com a realidade.” (Bion 1962a, p. 8)¹¹⁸

Esta “hipersensibilidade” representa, na verdade, uma paragem da função- α com possíveis graves consequências. Duas funções fundamentais ficam impedidas de operar: a transformação das emoções em elementos com

¹¹⁸ “*If there are only beta-elements, which cannot be made unconscious, there can be no repression, suppression, or learning. This creates the impression that the patient is incapable of discrimination. He cannot be unaware of any single sensory stimulus: yet such hypersensitivity is not contact with reality.*” (Bion 1962a, p. 8)

sentido, passíveis de utilização em pensamentos e sonhos; e a possibilidade de relegar para o inconsciente elementos mentais, quer por necessidade de repressão, quer para obter espaço consciente para a realização de outras tarefas mentais.

Tendo em conta tudo o que vimos até agora, podemos dizer que a capacidade para a “atribuição de sentido” é exactamente *algo que o sujeito atribui ao objecto*. A possibilidade de sentido pertence ao sujeito e não ao objecto, e esta distância entre eles, que permite a manutenção de uma verdadeira ligação com o real, é fundamental na saúde mental. A falta desta distância, que resulta em objectos sem sentido (tanto externos como internos) para o sujeito, traz consigo uma incapacidade de discriminar coisas das representações destas; e palavras de objectos.

Numa nota de Bion datada de 1959, podemos ler:

“Uma vez que a sua destruição [de α] torna impossível armazenar experiência, sendo apenas possível reter ‘factos’ não digeridos, o paciente sente que não contém imagens visuais das coisas, mas as próprias coisas. Reciprocamente, as próprias coisas são vistas pelo paciente do mesmo modo que os não-psicóticos e a parte não-psicótica da sua personalidade considera ‘pensamentos’ e ‘ideias’; o paciente espera que as próprias coisas se comportem como se fossem imagens visuais na sua mente.”
(Bion 1992, p. 97)¹¹⁹

Poderíamos talvez agora perguntar-nos uma outra questão: será β uma condição permanente ou a natureza de alguma coisa? Será possível transformarmos elementos- β em elementos- α ? Creio que não poderemos responder a estas questões de um modo inteiramente conclusivo, mas será porventura razoável afirmar que será possível (e, do ponto de vista clínico, bastante desejável) *reverter* β em α .

¹¹⁹ “*Since its [α] destruction makes it impossible to store experience, retaining only undigested ‘facts’, the patient feels he contains not visual images of things but things themselves. Reciprocally, things themselves are regarded by him in the same way as non-psychotics and the non-psychotic part of his personality regard ‘thoughts’ and ‘ideas’; they are expected by him to behave as if they were visual images in his mind.*” (Bion 1992, p. 97)

Este questão parece ser de natureza semelhante à que consideramos antes acerca da 'awareness': mesmo não sendo claro como poderá ocorrer, será porventura da maior relevância para um ganho em sanidade, organização e crescimento interiores, que seja possível uma *passagem* de 'unawareness' para 'awareness', e de β para α .

Assim, creio que a função- α é, na verdade, uma dupla função: em primeiro lugar, lida com as impressões sensíveis de modo a que seja possível organizá-las dando-lhes sentido, produzindo elementos- α , que são as peças constituintes, os *tijolos* por assim dizer, que usamos na produção de sonhos e pensamentos; em segundo lugar, falhando o objectivo da produção de elementos- α , isto é, quando a função- α falha na primeira instância o processamento dos produtos das experiências emocionais, dando lugar à produção de elementos- β , a função- α tenta então *desentupir o aparelho digestivo*, tentando resgatar esses elementos- β transformando-os em α .

Quando este *desentupimento* não acontece, e a função- α se apresenta inoperante, em vez de uma maioria de elementos- α , temos antes uma mente inundada de elementos- β . Dito de outro modo, quando acontece um domínio mental de material não-processado provindo de experiências emocionais, de objectos sem sentido, pode ocorrer uma situação que Bion designa como "ecran- β ". Uma vez mais, este conceito não se refere a uma *coisa*, ou a uma parte da mente – é uma representação de uma condição particular em que β domina e impede o trabalho de α . A capacidade de atribuição de sentido é, momentânea ou permanentemente, perdida.

A ideia é algo como: a acumulação de emoções sem sentido; de objectos internos sem sentido (ou cujo sentido foi quebrado), conduz a uma relação entre o sujeito e o mundo progressivamente doente, ao ponto de criar um isolamento da realidade e das partes saudáveis da personalidade, como se a pessoa se tornasse cada vez mais impermeável a qualquer atribuição de sentido por via deste ecran- β . Dito de outro modo: a acumulação de elementos- β forma uma barreira, um ecran, que impede α de funcionar correctamente e impede a nossa capacidade de representar de funcionar correctamente. Esta situação tende a inundar a mente do paciente com *coisas* sem sentido, em vez de sonhos e pensamentos.

Escreve Meltzer:

“Bion usa a designação elemento-beta para aquelas ‘impressões sensíveis da experiência emocional’ que não são trabalhadas pela função-alfa. Isto significa que Bion não considera a possibilidade de uma função-beta.” (Meltzer 1978b, p. 314)¹²⁰

Não existe uma “função-β”, precisamente porque, sendo o reverso e o que realmente impede a função-α de operar, β significa a destruição de α, como podemos ler em Bion:

“A inversão da função-alfa agride violentamente a estrutura associada com a função-alfa.” (Bion 1962a, p. 25)¹²¹

Creio que podemos identificar dois graves resultados desta violência: primeiro, como vimos, são perdidas as ligações com sentido entre coisas e palavras, essenciais na formação de pensamentos e sonhos; segundo, é igualmente perdida a diferenciação entre consciente e inconsciente, ou mais exactamente, a existência do inconsciente.

Tentemos pois, uma vez mais, oferecer um exemplo que, neste caso, tanto serve a observação clínica como a observação comum do dia-a-dia: a paranoia. Todos temos, mais ou menos, experiência do sentimento de ciúme. Também creio que estaremos mais ou menos de acordo com a ideia de que, sendo perfeitamente natural e saudável, se o ciúme for exagerado ou *patológico*, algo de errado se passa com a pessoa ou pessoas envolvidas. Nesse caso, encontramos o fenómeno clínico da paranoia, em que a pessoa se sente perseguida (por vezes, violentamente), de modo altamente exagerado, e com pouca ligação com a realidade.

¹²⁰ “Bion is going to use the label beta-element for those ‘sense impressions of emotional experience’ which are not worked upon by alpha-function. This means that he is not envisioning a beta-function in itself.” (Meltzer 1978b, p. 314)

¹²¹ “The reversal of alpha-function does violence to the structure associated with alpha-function.” (Bion 1962a, p. 25)

A este propósito, podemos ler a extraordinária passagem do *Otello*:

“Para o ciumento, um nada ligeiro como o ar é prova maior do que as escrituras.”¹²² (Shakespeare, *Otello*, III, 3, p. 161)

Algo que não existe na realidade, pode passar a existir como uma verdade absolutamente real e ter um sentido interior totalmente avassalador.

Por outro lado, quando a função- α opera correctamente, isto é, de modo saudável, os elementos- α daí resultantes formam o que Bion designa por ‘barreira de contacto’, distinguindo e criando o consciente e o inconsciente. Assim, se a função- α se encontra inoperante, não existe propriamente inconsciente – creio ser neste sentido que Bion escreve que os elementos- β “não podem ser tornados inconscientes”.

Estranhamente, ou talvez não, estamos de volta ao início deste capítulo e começamos a dirigir-nos para o último capítulo deste trabalho: qual a concepção de Bion do inconsciente? O inconsciente é algo que é *criado* pela barreira-de-contacto, que é por seu turno *criada* pela função- α , como podemos ler em *Learning From Experience* (1962):

“Deve notar-se que a função-alfa pode ser considerada como uma estrutura, uma peça do aparelho mental que produz a barreira-de-contacto.” (Bion 1962a, p. 26)¹²³

Na nossa tentativa de definir uma espécie de sequência interna de eventos, e as suas funções, poderíamos agora propor o seguinte modelo sequencial: ‘*awareness*’; função- α ; elementos- α ; barreira-de-contacto; consciência / inconsciência. Torna-se claro que não podemos isolar, e considerar seriamente, qualquer destes elementos como se fossem independentes e auto-suficientes.

¹²² “*Trifles light as air, are to the jealous confirmations strong as proofs of holy writ.*”

(Shakespeare, *Othello*, III, 3, 370-372)

¹²³ “*It is to be noted that the alpha-function may be regarded as a structure, a piece of mental apparatus producing the contact-barrier.*” (Bion 1962a, p. 26)

Assim, a conclusão de toda esta consideração acerca do pensamento de Bion sobre os elementos *básicos* da mente, isto é, sobre os primeiros aspectos da natureza da relação entre o sujeito e os seus objectos, tanto externos como internos, será apenas concluída no último capítulo deste trabalho, uma vez que, para Bion, a própria concepção de inconsciente se funda na noção de um processo criativo contínuo. Como vimos, o inconsciente não é um *lugar* nem uma *área* mental, nem tão pouco uma infeliz qualidade de que certos elementos mentais padecem e que necessitam de uma transformação, trazendo-os à consciência - pelo contrário, é uma preciosa e altamente valiosa função mental, que apenas existe pela criatividade de α , que continuamente produz a barreira-de-contacto, tornando assim possível a *criação do inconsciente*.

Por isso considero que o conceito de barreira-de-contacto é da maior importância, e tento deste modo contribuir para o trazer para o lugar central da observação e pensamento actuais, tentando assim ajudar a corrigir o que considero ser uma sub-valorização generalizada deste conceito e das suas consequências.

IV. Kant: Fenómenos e Númenos

4.1. A importância deste problema

Os problemas epistemológicos mais significativos nunca deixaram de estar presentes no longo percurso da história da filosofia. Várias escolas e pensadores, ao longo de séculos, ofereceram diferentes perspectivas e soluções face a um muito complexo problema que congrega a ciência, a epistemologia, a filosofia da ciência e a psicologia: como é que nos relacionamos com o mundo à nossa volta? Dentro deste quadro, encontra-se a muito cara questão filosófica: “como é possível ao homem conhecer?”

A questão dos limites do conhecimento ainda é, e provavelmente continuará a ser, de algum modo ainda não inteiramente respondida. No entanto, há algumas figuras na história da filosofia que se destacam eternamente, ao terem lidado com esta questão de um modo particularmente profundo e consequente – Immanuel Kant encontra-se certamente entre elas.

A distinção entre *fenómenos* e *númenos* ultrapassa largamente a esfera da discussão epistemológica, sendo precisamente nessa medida que ela aqui nos interessa particularmente. Esta distinção diz respeito ao modo como lidamos com o mundo; à nossa posição relativa neste complexo e intrincado tecido que constitui o mundo exterior e interior.

A questão dos limites do conhecimento como Kant a considera é, ao mesmo tempo, uma questão central para a epistemologia e para a antropologia filosófica, na medida em que a concepção de Kant, quer do sujeito quer do objecto, é intrinsecamente antropológica ao dizer respeito à própria posição do Homem no mundo. Os limites do conhecimento são duplamente determinados pelo sujeito: por um lado, pelo facto de a sua capacidade de conhecer os objectos se restringir ao plano fenoménico e, por outro lado, pelo facto de ser o próprio sujeito que determina os objectos enquanto tais. Dito de outro modo, se é verdade que, para Kant, os objectos só o são enquanto o são *para* um sujeito, é também verdade que os objectos só o são *porque* existe um sujeito.

A própria noção de *objecto* implica a ideia de *projectão* – é o sujeito que coloca o objecto no mundo, isto é, que o faz ser o que é.

Podemos ler a seguinte passagem de Irene Borges-Duarte, em que refere que Kant concentra:

“(...) a atenção não tanto ao que provém do objecto, mas sobretudo *ao que é posto no objecto*, no próprio acto de conhecimento, fazendo dele isso mesmo: *ob-jectum* – aquilo que apenas concebo se e só se o lanço para o horizonte do que está ante mim.” (Borges-Duarte 2013, p. 6-7)

Esta qualidade projectiva tem, em particular na investigação psicanalítica, enorme relevância. Para além do horizonte estritamente epistemológico, a ideia de projecção liga o sujeito ao seu objecto de um modo psicológico. Quer consideremos a concepção de projecção em Freud – como o movimento mental de *atribuição* ao objecto de qualidades do sujeito – quer o sentido que tem para Klein – como o movimento mental de *colocar dentro do objecto* qualidades do sujeito – o aspecto psicológico da projecção, genericamente considerado, aproxima intimamente a epistemologia e a antropologia filosófica da investigação psicanalítica.

As estruturas inconscientes subjacentes a tudo o que ocorre na vida mental convida ao questionamento das motivações inconscientes relativas à formulação de qualquer objecto enquanto fenómeno, e ao sentido que o sujeito atribui a cada manifestação do mundo exterior. Por outro lado, também o questionamento de até que ponto cada fenómeno é real, problematiza a própria realidade do mundo exterior para o sujeito, tornando possível observar e considerar clinicamente a alucinação e os estados psicóticos.

Assim, as intuições de Kant acerca da natureza da relação entre sujeito e objecto, contêm já a ideia de uma complexa estrutura *psicológica* do sujeito subjacente a toda a sua relação com o mundo.

No Prefácio à segunda edição da *Crítica da Razão Pura*, Kant escreve:

“(...) só conhecemos a priori das coisas o que nós mesmos nelas pomos.”
(Kant 1787, B XVIII, p. 21)

Por outro lado, podemos distinguir três dimensões diferentes na noção kantiana de objecto: o objecto enquanto fenómeno; o objecto transcendental e o númerico. O primeiro representa cada objecto particular do conhecimento

possível, limitado e delimitado pela nossa própria constituição subjectiva de agentes no processo do conhecimento.

O segundo, o objecto transcendental, refere-se à ideia de um objecto em geral (e que, em cada ocorrência particular constitui o fenómeno); que se distingue da noção de númeno – o terceiro - pois este significa o que as coisas poderão ser, concretamente e em si, perspectiva inalcançável pela referida constituição subjectiva que assiste ao sujeito do conhecimento. Kant distingue-os do seguinte modo:

“O objecto a que reporto o fenómeno em geral é o objecto transcendental, isto é, o pensamento completamente indeterminado de algo em geral. Este objecto não se pode chamar o *númeno*, pois dele não sei nada do que é em si e dele não possuo nenhum conceito, que não seja o de um objecto de uma intuição sensível em geral, que, portanto, é idêntico para todos os fenómenos.” (Kant 1781, A 253, p. 267)

Assim, ao instaurar toda esta nova noção de *objecto*, Kant transforma profundamente a noção de *sujeito*, investindo-o com a capacidade e a função estrutural de criar os objectos, abrindo um novo caminho de pensamento em que a nossa mente determina, de um modo activo, o que o mundo é para nós. Creio que Kant, a este respeito, estendeu os limites do pensamento para além das fronteiras assumidas pela discussão entre escolas genericamente racionalistas e empiristas, e é por isso que o seu pensamento ainda ecoa também fora do plano filosófico.

A filosofia crítica de Kant, no plano epistemológico, apresenta-se desde logo como uma tentativa de definir os limites da metafísica e as operações legítimas da *razão pura*. Mas, ao descobrir e definir as funções da sensibilidade e do entendimento, Kant instaura um caminho de investigação acerca da natureza do *sujeito*, com profundas consequências para todas as áreas da investigação humana, e certamente para a filosofia e a psicanálise.

Na segunda edição da *Crítica da Razão Pura* (1787), podemos ler:

“(…) não podemos nunca ultrapassar os limites da experiência possível, o que é precisamente a questão mais essencial desta ciência. Porém, a verdade do resultado que obtemos nesta primeira apreciação do nosso

conhecimento racional *a priori* é-nos dada pela contra-prova da experimentação, pelo facto desse conhecimento apenas se referir a fenómenos e não às coisas em si que, embora em si mesmas reais, se mantêm para nós incognoscíveis.” (Kant 1787, B XIX-XX, p. 21-22)

A importância do trabalho de Kant a respeito deste problema não reside, a meu ver, na ideia de que Kant nos oferece uma resposta final a uma tão complexa e crucial questão filosófica – reside antes no facto de o seu trabalho marcar um ponto de viragem no pensamento humano ao mudar a posição do observador face ao seu objecto. Kant convida-nos a *refocar* os elementos básicos deste problema, e fá-lo movendo-se na direcção oposta àquela geralmente ditada pelos nossos preconceitos.

Assim, não surpreende que tanto Freud como Bion, mesmo não se tendo dedicado a um estudo aprofundado dos textos filosóficos, se tenham sentido influenciados e inspirados com a profundidade deste problema kantiano e o modo como mudou o pensamento ocidental.

4.2. Como Kant apresenta o problema

Na *Dissertatio* (1770), Kant prepara o terreno para alguns problemas e descobertas epistemológicas fundamentais que ainda hoje nos acompanham¹²⁴. As definições de “sensibilidade” e “entendimento” e as suas correspondentes funções e limites, e em geral a re-problematização de algumas questões centrais da filosofia antiga (“quais as diferenças entre as aparências e os objectos que aparecem?”; “qual o significado de ‘sensibilidade’, ‘entendimento’, ‘razão’, e quais as suas funções?”, etc.) sofrem uma série de transformações na mente de Kant – como fica claro na famosa carta a Marcus Herz, dois anos após a publicação da *Dissertatio*, e nas extensas e profundas modificações levadas a cabo por Kant, durante os seis anos que separam as duas edições da sua *Crítica da Razão Pura* – e, de facto, nunca viriam a ser verdadeiramente um *trabalho terminado*.

Em 1781, com a primeira edição da *Crítica da Razão Pura*, Kant, de modo revolucionário e permanente, transforma a história da filosofia e do pensamento. Com o propósito explícito de determinar o modo como conhecemos e pensamos, Kant divide e tenta descrever as nossas faculdades mentais e os seus modos possíveis e legítimos de funcionamento.

Relativamente à aquisição de conhecimento através do entendimento, Kant apresenta-nos o que parece ser o principal problema neste contexto: não podemos conhecer nenhum objecto como é em si mesmo, mas apenas as nossas *representações* deste, isto é, a nossa faculdade de conhecer permite-nos apenas um conhecimento dos objectos como estes nos aparecem, como *fenómenos*, e nunca como estes poderiam ser em si mesmos independentemente de um qualquer sujeito, como *númenos*. Mas, uma vez que a história da filosofia contém uma série de outros ilustres exemplos de trabalho

¹²⁴ É aqui que Kant prepara o terreno para o denominado “período crítico”, e em que as reflexões acerca da natureza da *sensibilidade* e do *entendimento* são primeiramente lavradas. A possibilidade e os limites do conhecimento dos objectos, *no mundo fenoménico*, e a própria consideração do que esse mundo seja, começam aqui a desenvolver-se como um trabalho preparatório para a *Crítica da Razão Pura*.

realizado acerca da natureza limitada da nossa faculdade de conhecer e acerca do facto de o nosso contacto com os objectos acontecer unicamente através das suas manifestações – o que a palavra *fenómeno* significa – porque razão considero o trabalho de Kant a este respeito como uma “revolução”?

Creio que podemos considerar que o trabalho de Kant acerca da consciência representa uma viragem fundamental – é um passo em frente decisivo sobre o trabalho de Descartes e o pensamento filosófico ocidental. A questão já não é a de tentar encontrar um sustento argumentativo para a existência de uma consciência e como esta interage com o mundo, passando o problema central a ser como lidar com o facto de que é a consciência que gera o mundo.

Em 1772, na referida carta a Marcus Herz, Kant escreve a questão seguinte, que acreditava ser a “chave para a totalidade dos segredos da metafísica”:

“(…) sobre que fundamento [Grund] repousa a relação daquilo que se chama em nós representação [Vorstellung] com o objecto [Gegenstand]?”
(Kant 1985, p. 132)

No que respeita à nossa matéria sob observação, esta passagem liga o anterior pensamento kantiano, e a *Dissertatio*, com a *Crítica da Razão Pura* e o seu pensamento posterior, expondo-nos o germinar de três ideias fundamentais: em primeiro lugar, a função crucial da sensibilidade no processo de conhecimento, dando-nos um objecto com o qual nos podemos *relacionar*; em segundo lugar, o papel central desempenhado pelo entendimento, trabalhando sobre os dados providenciados pela sensibilidade, formando representações; e em terceiro lugar, a ideia de que o que obtemos do objecto é apenas a nossa representação deste, definindo assim a aquisição de conhecimento como a *relação* limitada entre a nossa capacidade de criar representações (entendimento) e a nossa capacidade de receber dados fenoménicos (sensibilidade).

Ao assumir uma posição destacada das tradicionalmente estabelecidas quer pelo empirismo quer pelo racionalismo (ao refutar a ideia de uma pura “intuição intelectual” que de algum modo pudesse *possuir* o objecto e conhecê-lo de uma forma absoluta), Kant, mais do que uma “viragem epistemológica”, oferece-nos uma *transformação de visão*, tal como podemos ler no Prefácio da segunda edição da *Crítica da Razão Pura* (1787):

“Trata-se aqui de uma semelhança com a primeira ideia de Copérnico (...) Se a intuição tivesse de se guiar pela natureza dos objectos, não vejo como deles se poderia conhecer algo *a priori*; se, pelo contrário, o objecto (enquanto objecto dos sentidos) se guiar pela natureza da nossa faculdade de intuição, posso perfeitamente representar essa possibilidade.” (B XVI-XVII, p. 20)

Kant refere essa *semelhança* com o trabalho de Copérnico, mas poderíamos considerar que os seus campos de trabalho não se relacionam, um sendo um astrónomo e o outro um filósofo. Bem, creio que os seus trabalhos se relacionam intimamente num ponto particular: ambos investigam os seus problemas na mais livre e despreconceituosa forma possível, chegando a problemáticas e inesperadas ideias. Por esta razão, ambos marcam um ponto de transformação radical quanto ao modo como o pensamento é pensado.

Copérnico, na primeira parte da sua obra *As Revoluções dos Orbes Celestes* (1543), cita Virgílio (*Eneida* III, 72) numa extraordinária e comovente passagem:

“*Nós saímos do porto e a Terra e as cidades recuam.*” (Copérnico 1543, p.40)

Contrariamente à assunção estabelecida, Copérnico mostrou que *era o barco que se movia*. Um movimento revolucionário semelhante levaria à sua classificação como a *revolução copernicana* de Kant – tal como Copérnico havia sido capaz de se libertar da assunção de que a terra se encontrava no centro do universo com o sol a ocupar uma posição periférica e, *através da observação*, concluiu o inverso, Kant conseguiu algo similar, ao libertar-se da assunção de que o nosso conhecimento era regulado pelos objectos, concluindo o inverso. Dito de modo simples, o sujeito perde o seu carácter passivo, limitado a receber dados directos e não-adulterados do objecto, permitindo-lhe conhecer o objecto exactamente como este é em si mesmo. Pelo contrário, ao ser dado ao sujeito pela intuição sensível, o objecto é sempre *moldado* pela própria natureza da capacidade de conhecer do sujeito – mais do que algo que aparece a alguém, o fenómeno é a criação de alguém a quem algo aparece.

Para além deste ponto no pensamento de Kant, e ainda dentro do domínio epistemológico, há que considerar aqui, não só a aplicação das categorias e a natureza e função dos juízos sintéticos, mas também a importância crucial da função sintética da imaginação, e ainda os limites e funções atribuídas à razão. A dinâmica entre condições gerais e caso particular é, aqui, da maior importância. Como vimos atrás (ver p. 35), acerca da necessidade de uma adequação entre teoria e prática, a investigação de Kant pretende encontrar as estruturas universais que regem o conhecimento; as condições de possibilidade em que, universalmente, um sujeito obtém conhecimento acerca de um objecto. A observação de cada caso particular deve confirmar e *adequar-se* a estas estruturas e condições universais.

Consideremos a seguinte passagem:

“Como será pois possível a *subsumção das intuições nos conceitos, portanto a aplicação* da categoria aos fenómenos, se ninguém poderá dizer que esta, por exemplo, a causalidade, possa também ser intuída através dos sentidos e esteja contida no fenómeno?” (Kant 1781-1787, A 137, B 176, p. 181)

A referida *adequação* confirma-se precisamente através do seu exercício, isto é, a conformidade da aplicação dos princípios formais universais, reguladores do conhecimento, e cada fenómeno particular observado por um sujeito, verifica-se através de uma síntese que se consubstancia no conhecimento efectivamente obtido em cada fenómeno particular. O conceito de “objecto transcendental”, como vimos, mas também os conceitos puros do entendimento – as “categorias” - e o conceito de “esquema” são exemplos destes elementos formais. A propósito deste último, Kant escreve:

“Daremos o nome de *esquema* a esta condição formal e pura da sensibilidade a que o conceito do entendimento está restringido no seu uso e o de *esquematismo* do entendimento puro ao processo pelo qual o entendimento opera com esses esquemas.” (Kant 1781-1787, A 140, B 179, p. 183)

De importância capital no plano do nosso presente estudo, o modo como Kant concebe a *imaginação* é, não só mais um exemplo dessa extraordinária

capacidade de delimitar e fazer adequar as condições formais e tendencialmente universais, e os aspectos materiais e individuais, mas também, mais uma vez, um exercício de clareza de pensamento quanto ao que são aspectos *externos* e *internos* – o que é dado através dos fenómenos, provindo da realidade exterior, e o que provém do interior do sujeito; os elementos do sujeito que determinam a sua relação com o mundo.

“A *imaginação* é a faculdade de representar um objecto, mesmo *sem a presença deste* na intuição. Mas, visto que toda a nossa intuição é sensível, a imaginação pertence à *sensibilidade*, porque a condição subjectiva é a única pela qual pode ser dada aos conceitos do entendimento uma intuição correspondente.” (Kant 1787, B 151, p. 151)

A capacidade da imaginação de sintetizar as impressões sensíveis, por um lado, e de representar um objecto “*mesmo sem a presença deste na intuição*”, por outro, é algo que Kant observa não ter ainda sido considerado pelos psicólogos do seu tempo, e, acrescentaria, por muitos outros do nosso tempo. Investir a imaginação apenas de uma capacidade reprodutiva, crendo ao mesmo tempo que os sentidos eram capazes de encadear as impressões que produziam e conceber imagens dos objectos, constituía para Kant uma pobre concepção das reais capacidades da imaginação.

“Que a imaginação seja um ingrediente necessário da própria percepção, certamente ainda nenhum psicólogo pensou. Isso acontece, em parte, porque se limitava essa faculdade apenas às reproduções, e em parte, porque se acreditava que os sentidos nos forneciam não só impressões, mas também as encadeavam e conseguiam formar imagens dos objectos, o que, sem dúvida, além da receptividade das impressões, ainda exige algo mais, a saber, uma função que as sintetize.” (Kant 1781, A 120, p. 162-3)

Assim, o pensamento de Kant acarreta importantes consequências também para os assuntos da vida mental, constituindo uma profunda mudança de perspectiva.

É nesta mudança de visão que reside o fundamento da distinção entre fenómenos e númenos. Na *Crítica da Razão Pura*, esta distinção e os

problemas que daí decorrem, surge após a “Estética Transcendental” (onde são definidas a função e operacionalidade da sensibilidade), no último capítulo da “Analítica Transcendental” (que se inicia com as definições da função e operacionalidade do entendimento) intitulado “Do Princípio da Distinção de Todos os Objectos em Geral em Fenómenos e Númenos”. Kant lança o problema do seguinte modo:

“Chamam-se fenómenos as manifestações sensíveis na medida em que são pensadas como objectos, segundo a unidade das categorias. Mas, se admitirmos coisas que sejam meros objectos do entendimento e, não obstante, como tais, possam ser dados a uma intuição, embora não intuição sensível (por conseguinte, *coram intuitu intellectuali*), teremos de as designar por númenos (intelligibilia).” (Kant 1781, A 249, p. 265)

Mesmo que, para Kant, uma intuição tenha sempre que ser sensível, isto é, a intuição é o modo pelo qual a sensibilidade (estruturada pelas formas *a priori* de espaço e tempo) recebe os dados da experiência permitindo a sua organização pelo entendimento (através dos seus conceitos *a priori*, as categorias). Esta “admissão” é muito importante para compreendermos o problema ao começarmos por considerar como teoricamente possível alguma forma de conhecimento dos númenos – o que Kant classifica como a consideração de númenos no *sentido positivo*. Contudo, dada a natureza da sensibilidade e do entendimento, e o facto de terem que operar em conjunto de modo a produzir conhecimento, estes limitam-se mutuamente e ambos impõem limites à nossa necessidade de conhecer:

“(…) a sensibilidade e o seu campo, a saber, o campo dos fenómenos, estão limitados pelo entendimento, de tal modo que não se estendem às coisas em si mesmas, mas apenas à maneira como nos aparecem as coisas, graças à nossa constituição subjectiva.” (Kant 1781, A 251, p. 266)

É precisamente a investigação desta “constituição subjectiva” que constitui o cerne do pensamento kantiano, levando à distinção dos seus vários elementos e correspondentes funções, que formam o modo como os seres humanos se relacionam com o mundo.

Mas, como fica agora o estatuto do *mundo*? Depois da *revolução copernicana* de Kant, com a sua transformação radical do modo de considerar o sujeito, o que podemos verdadeiramente dizer acerca dos objectos exteriores? Se, no processo de conhecimento, a importância central e valor de determinação é atribuído ao sujeito, poderíamos aceitar a ideia de que o objecto é totalmente criado pelo sujeito e que, portanto, as coisas-em-si não existem? Não de acordo com Kant. A sensibilidade tem basicamente uma função receptora, e estou certo de que podemos facilmente concordar com Kant assumindo que para que algo seja recebido, algo terá que ser dado. Assim, o fenómeno terá que ser a aparência de alguma coisa, mesmo que não possamos saber o que essa coisa é. Podemos ler o comentário de Kemp Smith:

“A prova de que o espaço e o tempo são formas subjectivas estabelece o carácter fenoménico de tudo o que pode ser apreendido por e através deles, e não teria qualquer sentido excepto assumindo que as coisas-em-si existem. Kant argumenta que esta assunção está já implicada na própria palavra ‘aparência’.” (Kemp Smith 1984, p. 406)¹²⁵

Por outro lado, se um objecto apenas nos pode ser dado através da sua aparência, isto é, se uma coisa só nos pode ser dada através da sensibilidade, como fenómeno, isso significa que o conhecimento que dela podemos obter é limitado pela nossa representação dessa mesma coisa. Será que, então, faria sentido admitir a ideia da existência de duas classes de objectos, por assim dizer, uma correspondendo ao fenómeno e outra ao númeno? Um tipo de objectos, os fenómenos, que existiriam dentro da fronteira da *constituição subjectiva* da nossa capacidade de conhecer, e o outro tipo, os númenos, que existiriam para além dessa fronteira? Novamente, não de acordo com Kant. Do ponto de vista ontológico, referimo-nos a um só objecto. Ambos os *tipos de objecto* estão necessariamente presentes na concepção kantiana de objecto – as coisas e as nossas representações delas referem-se a um e o mesmo

¹²⁵ “*The proof that space and time are subjective forms establishes the phenomenal character of everything which can be apprehended in and through them, and is meaningless except on the assumption that things in themselves exist. This assumption, Kant argues, is already involved in the very word ‘appearance’.*” (Kemp Smith 1984, p. 406)

objecto, com o qual, contudo, apenas nos podemos relacionar enquanto fenómenos. Vejamos, a este propósito, o comentário de Guyer:

“Kant não necessita de postular um segundo tipo de objectos para além daqueles a que habitualmente nos referimos, de modo a abolir a dimensão de espaço e tempo das coisas-em-si, e não apenas dos nossos conceitos delas (...).” (Guyer 1987, p. 335)¹²⁶

Mas, se a coisa-em-si não nos é acessível dada a nossa própria natureza, porquê considerá-la? Porque é que consideramos a natureza inatingível, *para além da fronteira*, intrínseca do objecto, e não apenas o que nos é possível apreender? A distinção entre fenómeno e númeno cumpre estas duas funções fundamentais: em primeiro lugar, mostra-nos o que os fenómenos na verdade são; em segundo lugar, através do próprio conceito de númeno, mostra-nos o que os fenómenos *não são*, e não podem ser, limitando e organizando desse modo o nosso desejo de conhecer.

“O conceito de um númeno é, pois, um conceito-limite para cercear a pretensão da sensibilidade e, portanto, para uso simplesmente negativo. Mas nem por isso é uma ficção arbitrária, pelo contrário, encadeia-se com a limitação da sensibilidade, sem todavia poder estabelecer algo de positivo fora do âmbito desta.” (Kant 1781, 1787, A 255, B 311, p. 270)

Penso que é esta noção de “conceito-limite” que é da maior relevância, quer para a epistemologia, quer para a psicanálise, porquanto a definição e delimitação de *espaços negativos*, isto é, áreas onde não é possível nem o conhecimento nem o entendimento, tornam mais claras as reais possibilidades do que se pode efectivamente conhecer, entender e pensar.

¹²⁶ “Kant does not need to postulate a second set of objects beyond the ones we ordinarily refer to in order to strip space and time from things as they are in themselves, and not just from our concepts of them (...).” (Guyer 1987, p. 335)

4.3. A leitura de Freud

Freud foi um interessado leitor de filosofia, mesmo que tenha deixado claro que nunca se devotou a um estudo sério de nenhum dos filósofos mais relevantes da história do pensamento, nem das suas obras. Não obstante o facto do interesse de Freud em Kant se ter manifestado relativamente a vários assuntos, como a moral e a ética, havendo a este propósito o registo de várias referências nos seus trabalhos escritos, a distinção de Kant entre fenómenos e númenos e as suas profundas consequências, terá produzido uma impressão no pensamento de Freud, tendo-o levado a trazer este assunto para o plano psicanalítico.

Freud estabelece uma comparação entre esta distinção de Kant e a sua própria distinção fundamental entre o que é consciente e o que é inconsciente, usando o problema kantiano para pensar acerca da natureza deste elemento fundamental da psicanálise, que é a estrutura inconsciente fundadora da realidade psíquica, e a sua natureza *quase inacessível*.

Creio que podemos identificar dois momentos diferentes no pensamento de Freud a este respeito.

Um primeiro, que podemos ler na segunda parte da *Interpretação dos Sonhos* (1900):

“(...) [o inconsciente] na sua mais profunda natureza, é-nos tão desconhecido como a realidade do mundo exterior, e é-nos tão incompletamente apresentado pelos dados da consciência como é o mundo exterior pelas comunicações dos nossos órgãos sensoriais.” (Freud 1900, p. 613)¹²⁷

Nesta passagem, Freud parece estabelecer uma correspondência entre o inconsciente e a coisa-em-si como “a realidade do mundo exterior”. O

¹²⁷ “(...) [the unconscious] *in its innermost nature it is as much unknown to us as the reality of the external world, and it is as incompletely presented by the data of consciousness as is the external world by the communications of our sense organs.*” (Freud 1900, p. 613)

inconsciente é apenas parcialmente acessível a nós, tal como o mundo exterior é apenas parcialmente acessível a nós através dos fenómenos. Apesar de este pensamento fazer sentido, e de transmitir de modo correcto e claro a função limitada atribuída por Kant ao entendimento, diria que Freud não havia ainda captado todo o sentido da distinção kantiana entre fenómeno e númeno. A meu ver, não faz sentido comparar o inconsciente com o númeno porque as suas naturezas são essencialmente diferentes. Existe uma diferença crucial entre algo *apenas parcialmente conhecível* ou *de muito difícil acesso* e algo essencialmente *incognoscível*.

As coisas-em-si são incognoscíveis; o inconsciente, para Freud, não é. Creio que esta linha de pensamento evoluiu na mente de Freud, levando a um segundo momento, cerca de quinze anos mais tarde, onde podemos ler:

“Tal como Kant nos avisou para não ignorarmos o facto de que as nossas percepções são subjectivamente condicionadas e não devem ser consideradas como idênticas ao que é percebido embora incognoscível, também a psicanálise nos avisa para não identificarmos as percepções da consciência com os processos mentais inconscientes que são o seu objecto. (...) Regozijamo-nos, contudo, com a noção de que a correcção da percepção interna não oferece tantas dificuldades como a correcção da percepção externa – isto é, os objectos internos são menos incognoscíveis do que o mundo exterior.” (Freud 1915, p. 171)¹²⁸

Ficamos, efectivamente, satisfeitos – não pelo facto de haver uma hipótese de se conhecer *alguma coisa* acerca dos “objectos internos” mas porque, assim, passa a ser identificada uma clara distinção entre elementos inconscientes e coisas-em-si; entre um objecto de pensamento e observação, mesmo que

¹²⁸ “Just as Kant warned us not to overlook the fact that our perceptions are subjectively conditioned and must not be regarded as identical with what is perceived though unknowable, so psycho-analysis warns us not to equate perceptions by means of consciousness with the unconscious mental processes which are their object. (...) We shall be glad to learn, however, that the correction of internal perception will turn out not to offer such great difficulties as the correction of external perception – that internal objects are less unknowable than the external world.” (Freud 1915, p. 171)

extremamente difícil de apreender – “menos incognoscível” – e um *conceito negativo* que marca os limites do cognoscível.

De certo modo, poderíamos considerar que o que Kant faz é postular a existência de uma tal *coisa-em-si*, uma vez que nada pode conhecer dela enquanto é em-si. Tal como vimos, sem essa existência – da *coisa-em-si* – não poderia haver fenómeno e, por outro lado, o fenómeno é *manifestação de algo*. Pensando por este ponto de vista, poderíamos também dizer que o inconsciente para Freud é postulado a partir da consciência.

Consideremos o comentário de P. Assoun:

“(…) tal como Kant postulou por detrás do fenómeno a existência da coisa em si, também ele [Freud] postulou por detrás do consciente, que é acessível à nossa experiência, o inconsciente, que não poderá ser nunca objecto de uma experiência directa.”¹²⁹

Contudo, se acompanharmos o pensamento de Kant – e, portanto, compreendermos que o problema intransponível é o conhecimento das coisas-em-si, enquanto elas são em-si, e não a sua existência – poderemos igualmente compreender o pensamento de Freud, quanto à comparação entre inconsciente e coisa-em-si e, desse modo, tentarmos contribuir para a superação do que P. Assoun chamou “diálogo de surdos”¹³⁰ A existência de aquilo a que Freud chamou *inconsciente* não está em questão, mas antes a possibilidade de o conhecer. É neste sentido que nos podemos “regozijar” pelo facto de o inconsciente ser “menos incognoscível” que a coisa-em-si.

¹²⁹ “(…) de même que Kant postulait derrière le phénomène la chose en soi, de même il postulait derrière le conscient, qui est accessible à notre expérience, l'inconscient, qui ne peut jamais être l'objet d'une expérience directe.” (Assoun, 1995 p.222)

¹³⁰ Assoun (1995 p. 74)

4.4. A leitura de Bion

O interesse de Bion na literatura clássica e na filosofia inicia-se na sua juventude, enriquecendo o seu pensamento e entendimento acerca da natureza humana. Podemos dizer que o caminho que o havia de conduzir à psicanálise foi muito pouco ortodoxo. Após uma dura carreira militar, tendo combatido na Primeira Guerra Mundial liderando uma divisão de tanques, Bion inicia os seus estudos académicos no departamento de humanidades, perseguindo os seus interesses em história e literatura. Posteriormente, os seus interesses sofreriam uma mudança na direção da medicina e da psiquiatria.

Mais tarde, transformado pela análise que fez com John Rickman e depois com Melanie Klein, viria a concentrar toda a sua energia e capacidade à observação dos fenómenos da vida mental através de uma lente não-médica, evoluindo a partir do exercício da terapia de grupo até à psicanálise.

Creio ser importante termos presente a noção de que Bion mantinha uma familiaridade e um interesse genuíno na literatura e na filosofia – ao longo dos seus trabalhos escritos, podemos encontrar várias referências interessantes a Platão, Aristóteles, Kant, entre outros.

No que respeita ao nosso problema presente, e à questão do conhecimento em geral, Bion escreve em *Learning From Experience* (1962):

“As dúvidas acerca da capacidade humana para conhecer alguma coisa pertencem às investigações do filósofo da ciência. (...) Não proponho dedicar-me aos problemas filosóficos aqui envolvidos, uma vez que essas investigações podem ser encontradas em Kant, Hume e os seus sucessores. Quero antes enfatizar que tudo o que tem sido dito acerca dos problemas do conhecimento se aplica com particular propriedade à

psicanálise, e que a psicanálise se aplica com particular propriedade a esses problemas.” (Bion 1962a, p. 48)¹³¹

Antes de mais, creio que existe aqui uma comparação que devemos obrigatoriamente estabelecer – o que estes dois homens observavam? O objecto de Kant, aqui, é: *Como pode o homem conhecer e quais os limites da sua faculdade de conhecer?* Por outro lado, o objecto de Bion é algo na linha de: *Como pode o homem processar as suas emoções e investi-las de sentido, tanto consciente como inconscientemente?* A observação de Bion não se fundamenta na intenção de determinar as regras e parâmetros de acordo com os quais podemos, universalmente, adquirir conhecimento verdadeiro dos objectos exteriores. A partir desta perspectiva, espero que comece a fazer sentido a comparação entre *coisas-em-si* e *elementos-β* – não podemos saber o que sejam; de facto, não são objectificáveis. São uma *não-coisa* no mundo fenoménico, e *algo sem sentido* no mundo interior.

Num trabalho não datado, Bion considera o problema em termos claramente mais próximos da formulação kantiana:

“‘Fenómeno’ e ‘coisa-em-si’ são termos usados no sentido kantiano para significar as coisas tais como aparecem a um observador, e as coisas como poderia supor-se que são na realidade sem um observador.” (Bion 1992, p. 157)¹³²

O plano epistemológico em que Kant pensou o problema é preservado, e Bion foca a sua atenção no carácter negativo que Kant atribui ao númeno, no sentido em que este não é um fenómeno – que constitui o único modo possível de conhecermos alguma coisa – sendo assim *incognoscível*.

¹³¹ “*Doubts about human capacity to know anything underlie the inquiries of the philosopher of science (...) I do not propose to spend time on the philosophical problems involved as they can be found dealt with in Kant, Hume and their successors. I wish to emphasize that all that has been said about the problems of knowledge applies with particular force to psycho-analysis and that psycho-analysis applies with particular force to those problems.*” (Bion 1962a, p. 48)

¹³² “*‘Phenomenon’ and ‘thing-in-itself’ are terms used in the kantian sense to mean things as they appear to the observer, and things as they might be supposed to be in reality without an observer.*” (Bion 1992, p. 157)

Esta característica elementar do númeno é o que parece realmente interessar Bion, não no plano epistemológico em si mesmo, mas quanto às consequências da descoberta de Kant na observação da mente humana e em particular para a sua teoria da *função-α*. Uma vez que os objectos centrais de Bion são as emoções, ele transpõe o sentido de “conhecimento objectivo” para a *awareness* do sujeito em cada experiência emocional e o funcionamento da *função-α*, isto é, a transformação das impressões sensíveis e as emoções de cada experiência, investindo-as de sentido, assim criando elementos- α .

Como vimos anteriormente, quando este processo falha, serão produzidos elementos- β em vez de α , interrompendo assim a relação criativa entre sujeito e objecto. Mais, se esta falha se torna frequente e persistente, conduzindo a uma situação em que a mente do sujeito se encontra dominada por elementos- β (o que Bion designa por “*ecrã-β*”), não há lugar ao pensamento.

“(…) [elementos- β] são objectos que podem ser evacuados ou usados num tipo de pensamento que assenta na manipulação do que é sentido como coisas-em-si, como que substituindo essa manipulação por palavras ou ideias.” (Bion 1962a, p. 6)¹³³

Deixa de existir a dinâmica sujeito/objecto e, assim, sujeito e objecto, e palavra e coisa, passam a formar uma massa indistinta. Esta situação implica principalmente duas consequências negativas: primeiro, ao sujeito não será possível conhecer, compreender ou aprender; segundo, causa o que Bion designa por *indigestão mental*, ao tornar-se impossível ao sujeito a transformação (ou *digestão*), através da *função-α*, dos produtos das suas experiências emocionais.

O que podemos então dizer acerca do modo como Bion considera este problema kantiano? Em primeiro lugar, ao contrário de Freud, Bion não compara *númeno* com *inconsciente* – como vimos no capítulo anterior, Bion não centra a sua investigação na natureza consciente ou inconsciente dos

¹³³ “(…) [β -elements] are objects that can be evacuated or used for a kind of thinking that depends on manipulation of what are felt to be things in themselves as if to substitute such manipulation for words or ideas.” (Bion 1962a, p. 6)

elementos mentais mas antes na possibilidade de transformação interior das experiências emocionais, dando-lhes sentido – mas antes com os elementos-β:

“Em contraste com os elementos-alfa, os elementos-beta não são sentidos como sendo fenómenos mas como coisas-em-si.” (Bion 1962a, p. 6)¹³⁴

E as palavras-chave, aqui, são “sentidos como” (*‘felt’*), uma vez que aqui lidamos fundamentalmente com os aspectos emocionais envolvidos na relação sujeito/objecto. Os elementos-β são sentidos como coisas-em-si, porque a capacidade de processar as emoções – isto é, a possibilidade de ser percebida uma mínima distância entre o sujeito e o objecto, suficiente para o sujeito considerar um objecto como distinto de si próprio; a capacidade de simbolização; a possibilidade tanto de introjecção como de projecção num ambiente mental com uma mantida relação com a realidade exterior; a capacidade de fantasiar; tudo isto ocorrendo a um nível inconsciente – se encontra limitada. Nesta situação, as representações dos objectos confundem-se com os próprios objectos, ou seja, os elementos-β são tomados com a concretude das coisas enquanto númenos.

Penso que é neste contexto, em que o foco central é colocado na transformação das emoções de tal modo que estas passem a ter um sentido (quer consciente, quer inconscientemente) para o sujeito, que a ideia geralmente aceite de que Bion construiu uma *teoria do pensamento* ganha alguma clareza. Com uma atenção e intensidade semelhantes àquelas com as quais Kant persegue a natureza e limites da nossa capacidade de conhecer *objectos exteriores*, Bion persegue a natureza e limites da nossa capacidade de nos relacionarmos com o mundo e com os nossos *objectos interiores*. O modo como pensamos, sonhamos, falamos e, em geral, comunicamos *para dentro* ou *para fora*, mostra as condições em que se encontra essa relação.

A necessidade de conhecer ganha, aqui, toda uma dimensão nova para além da epistemológica. Uma outra necessidade de conhecer que diz respeito, estritamente no plano emocional, à perplexidade, ao espanto e à curiosidade – e também à necessidade de controlar, de conhecer o interior, de invadir – e

¹³⁴ “*In contrast with the alpha-elements the beta-elements are not felt to be phenomena, but things in themselves.*” (Bion 1962a, p. 6)

que aparentemente se instala em todos nós ao nascermos e que, esperemos, estará conosco durante o resto das nossas vidas.

A necessidade de controlarmos os nossos objectos, de os possuímos, e de nos sentirmos no mundo como estando *em controlo* é, do meu ponto de vista, um aspecto determinante na tendência humana que leva à aquisição de conhecimento e à investigação filosófica. Este plano mais profundo, geralmente não observado, é precisamente onde Bion trabalha. E essa é a razão pela qual, para Bion, os problemas do conhecimento estão intimamente ligados a duas peças centrais do seu pensamento: o processamento interior das emoções e a actividade do pensamento. Não existe verdadeiramente pensamento se o produto das experiências emocionais não é transformado, ou seja, se a função- α é perturbada, não será possível verdadeiramente pensar uma vez que a distância crucial entre sujeito e objecto (dentro do sujeito) será inexistente, sendo impossível a atribuição de sentido.

Palavras e coisas representadas serão sentidas como sendo uma e a mesma coisa:

“O paciente usa uma palavra, mas a sua palavra não nomeia a mesma coisa que a mesma palavra usada pelo analista, ou até mesmo se usada pela parte não-psicótica da personalidade do paciente. O paciente parece sentir que a palavra não é um nome de um fenómeno, nem tão pouco da coisa-em-si, mas é *idêntica* à coisa-em-si.” (Bion 1992, p. 157)¹³⁵

Na sua abordagem clínica da psicose (quer lidando com pacientes psicóticos, quer com o que designa por “lado psicótico da personalidade”, que considerava ser mais ou menos possível observar em todos nós), Bion aproximou-se do acto de pensar e dos distúrbios do pensamento, e dos desequilíbrios de comunicação derivados de *sistemas emocionais congestionados*, isto é, derivados de uma função- α constantemente inoperante.

¹³⁵ “*The patient uses a word, but his word does not name the same thing as is named by the same word used by the analyst, or even as used by the non-psychotic part of the patient’s personality. He appears to feel that the word is not the name of a phenomenon nor yet the name of the thing-in-itself, but is identical with the thing-in-itself.*” (Bion 1992, p. 157)

Nestas circunstâncias, o significado das palavras parece ser, ou absolutamente incompreensível, ou não fazer qualquer sentido no contexto específico.

A comunicação é raramente eficiente dado que os códigos em uso de ambos os lados não aparentam ser os mesmos. Mesmo que cada palavra signifique *algo* para o paciente, a falta de distância interior entre o paciente e os seus objectos (que geralmente nem sequer o permite considerá-los como objectos); a sua incapacidade de transformar as suas emoções em algo útil; a sua incapacidade de produzir elementos- α , tudo isto parece conspirar contra si e contra a sua capacidade de comunicar interior e exteriormente.

À primeira vista, tudo isto colocaria Bion mais longe de Kant do que Freud, uma vez que Freud, como vimos, e independentemente da diferença fundamental entre o carácter incognoscível das coisas-em-si e o carácter *dificilmente cognoscível* do inconsciente, reteve algo do significado do númeno como um conceito de fronteira. Contudo, creio ser precisamente ao contrário – ao comparar as coisas-em-si com os elementos- β (produtos sem sentido de experiências emocionais, *não-digeridos* e incognoscíveis), Bion aproxima-se mais de Kant.

Mesmo que usando caminhos fundamentalmente diferentes, estão ambos a tentar encontrar os limites de funcionamento para a aquisição de conhecimento, por um lado, e para a transformação das experiências emocionais, por outro. Iria um pouco mais longe, afirmando que, tal como Kant distinguiu um uso *negativo* e *positivo* para o conceito de númeno, concluindo que o seu único uso legítimo é no sentido negativo, Bion estaria de acordo com a afirmação de que o único uso próprio para o conceito de elemento- β é no seu sentido negativo. Por outras palavras, poderíamos dizer que o númeno é um *não-fenómeno*, tal como o elemento- β é um *não-elemento- α* .

Podendo ser interessante ou inspirador olharmos a matéria em questão através desta perspectiva, temos igualmente que ter presente que o mais importante *sentido negativo*, e de resto o único atribuído por Bion aos elementos- β , é o facto de estes serem o produto de um deficiente funcionamento de uma peça crucial do nosso motor mental – *β significa dispneia*.

Não sabemos o que a coisa-em-si é e não lhe atribuímos qualquer valor qualitativo, quer seja bom ou mau – isso não faria qualquer sentido.

Por outro lado, mesmo não sabendo o que o elemento- β é, *atribuímos-lhe* um valor qualitativo: os elementos- β têm um valor negativo, na medida em que apenas existem quando a função- α não está a operar correctamente por qualquer razão; deveriam ser α .

Creio, contudo, que o mais importante a reter nesta aproximação é o facto de que, tanto os númenos como os elementos- β são conceitos limitadores; representam algo incognoscível; e servem ambos a função de tornar claro o *que não são*, isto é, fenómenos e elementos- α . Creio ser também através de um entendimento do que pode ser um elemento- β que o trabalho da função- α pode ganhar alguma clareza.

É, assim, mais fácil de compreender o interesse particular de Bion nesta função limitadora do númeno, evidenciado pelo uso do conceito kantiano em várias passagens das suas obras – a atenção de Bion esteve inegavelmente dedicada ao que se encontra na fronteira e para além desta.

4.5. A 5ª Revolução – Copérnico, Kant, Darwin, Freud, Bion

No capítulo II, mencionei uma *revolução freudiana* e tentei explicar porque considero o trabalho de Freud como revolucionário e de que modo entendo o conceito de “revolução” neste contexto – uma transformação que muda radicalmente um paradigma de importância central para a humanidade.

Freud propõe uma lista de revolucionários *golpes no narcisismo humano* – Copérnico, Darwin, Freud. A nossa história conta numerosos exemplos de trabalhos com profundas consequências, que mudaram o pensamento de modo permanente. Certamente que a filosofia, a ciência e a arte poderiam indicar outros nomes que *corrigiram* uma visão previamente estabelecida acerca da humanidade, no entanto, e com apenas dois acrescentos, sigo o ponto de vista de Freud. O seu objectivo, neste contexto, não é o de tentar identificar os maiores génios da humanidade, ou o de participar numa discussão intelectual acerca dos méritos de “A” sobre as falhas de “B”. Freud identifica aqueles que nos viraram a todos *de cabeça para baixo* – aqueles que destruíram importantes partes da estrutura narcísica que constitui o modo como o homem sempre tendeu a considerar o mundo.

Nas “Lições Introdutórias de Psicanálise” (1916-1917), Parte III, Lição XVIII, Freud escreve o seguinte, referindo-se aos trabalhos de Copérnico e Darwin:

“No decurso dos séculos, o ingénuo amor-próprio dos homens teve que se submeter a dois grandes golpes às mãos da ciência.” (Freud 1916-17, p. 284)¹³⁶

Em “Uma Dificuldade no Caminho da Psicanálise” (1917) , acerca das grandes resistências mostradas face à psicanálise, ao abordar o assunto mais extensamente, Freud identifica esses *dois golpes* no narcisismo humano que precederam o seu próprio:

¹³⁶ “*In the course of centuries the naïve self-love of men has had to submit to two major blows at the hands of science.*” (Freud 1916-17, p. 284)

“A destruição desta ilusão narcísica [a posição geocêntrica] associa-se nas nossas mentes com o nome e o trabalho de Copérnico no Séc. XVI. (...) Quando esta descoberta atingiu reconhecimento geral, o amor-próprio da humanidade sofreu o seu primeiro golpe, o *cosmológico*.” (Freud 1917, p. 140)¹³⁷

Neste contexto, não estamos concentrados na dimensão científica que a revolução de Copérnico representa – estamos antes absolutamente focados nas *consequências psicológicas* do seu pensamento.

Prosseguindo na *linhagem real* proposta por Freud, encontramos o *segundo golpe*, operado por Darwin:

“No decurso do desenvolvimento da civilização, o Homem adquiriu uma posição dominante sobre as outras criaturas no reino animal. Contudo, não satisfeito com essa supremacia, começou a criar um fosso entre a sua natureza e dos outros animais. (...) Todos sabemos que, há pouco mais de meio século, as investigações de Charles Darwin e dos seus colaboradores e antecessores colocou um ponto final a esta presunção do Homem. (...) Este foi o segundo, o golpe *biológico* no narcisismo humano.” (Freud 1917, p. 140-1)¹³⁸

De novo, diria que não é especificamente o trabalho científico de Darwin o que mais nos importa aqui. As diferenças observáveis entre Copérnico e Darwin nos campos científicos; nos momentos da história em que ambos viveram; nos contextos culturais, não são particularmente relevantes no âmbito deste trabalho – atingem ambos basicamente o mesmo ponto com os seus *golpes*, independentemente de chamarmos *cosmológico* a um e *biológico* a outro.

¹³⁷ “*The destruction of this narcissistic illusion [the geocentric position] is associated in our minds with the name and work of Copernicus in the sixteenth century. (...) When this discovery achieved general recognition, the self-love of mankind suffered its first blow, the cosmological one.*” (Freud 1917, p. 140)

¹³⁸ “*In the course of the development of civilization man acquired a dominating position over his fellow-creatures in the animal kingdom. Not content with this supremacy, however, he began to place a gulf between his nature and theirs. (...) We all know that little more than half a century ago the researches of Charles Darwin and his collaborators and forerunners put an end to this presumption on the part of man. (...) This was the second, the biological blow to human narcissism.*” (Freud 1917, p. 140-1)

Ambos viraram a humanidade de pernas para o ar, no sentido em que ambos ousaram pensar livremente acerca dos seus problemas centrais em investigação, e apresentaram ao mundo teorias, consideradas por uma grande parte das pessoas dos seus tempos como absolutamente inaceitáveis. Estavam igualmente ambos conscientes desta realidade, como fica evidente nas palavras de Copérnico:

“(...) o desprezo que eu deveria recear por causa da novidade e do absurdo da minha opinião tinha-me levado quase a interromper por completo o trabalho começado. (...) esta minha obra que estava escondida, retida em minha casa, não apenas há nove anos, mas há quatro vezes nove.” (Copérnico 1543, p. 6);

e igualmente nas de Darwin:

“Durante muitos anos recolhi notas acerca da origem do Homem sem qualquer intenção de publicação, antes com a determinação de não publicar pois sempre pensei que tal só aumentaria os preconceitos contra as minhas perspectivas.” (Darwin 1871, p. 1)¹³⁹

Acrescentaria, por outro lado, que devemos estar todos gratos pelas suas atitudes cuidadosas e sensatas – não obstante o tempo de Copérnico ter sido particularmente perigoso no que respeita à igreja e ao seu selvagem e perverso uso do poder, Darwin teve igualmente que se proteger e ao seu trabalho, mesmo que num contexto social muito diferente e melhorado – ao lidarem com a humanidade em geral e as suas perigosas associações em grupo. Voltarei a este ponto brevemente.

O *terceiro golpe*, segundo Freud, foi o que ele próprio operou com a criação da psicanálise:

“O terceiro golpe, de natureza psicológica, foi provavelmente o mais doloroso. (...) estas duas descobertas – que a vida dos nossos instintos

¹³⁹ *“During many years I collected, notes on the origin or descent of man, without any intention of publishing on the subject, but rather with the determination not to publish, as I thought that I should thus only add to the prejudices against my views.”* (Darwin 1871, p. 1)

sexuais não pode ser totalmente dominada, e que os processos mentais são em si mesmos inconscientes, e apenas atingem o ego e se submetem ao seu controlo através de percepções incompletas e duvidosas – estas duas descobertas resultam na afirmação de que *o ego não é o senhor na sua própria casa*. Juntas, representam o terceiro golpe ao amor-próprio do Homem, o que chamaria o golpe *psicológico*.” (Freud 1917, p. 141-143)¹⁴⁰

Poderemos concordar que o golpe da criação da psicanálise é “provavelmente o mais doloroso”, no sentido em que vai directamente à fonte, isto é, não causou raiva e perturbação generalizadas ao lidar com algo *externo*, como a posição relativa do planeta terra ou a posição relativa do homem no reino animal, mas antes lidando com o que é *interno* e não pode ser descartado como algo que apenas diz respeito a cientistas.

A revolução freudiana não deixou saída; a maior parte das pessoas sentiu-se encurralada e sem se sentir capaz de argumentar contra as descobertas de Freud ou simplesmente de as ignorar. Houve mesmo muitos homens cultos e pensadores que se limitaram a uma posição, de algum modo menos ilustre, de negação e fuga.

Por outro lado, mesmo não sendo o factor mais relevante, creio que o facto de a psicanálise não ser estritamente uma ciência, terá igualmente contribuído para um criticismo que ainda permanece, ao apresentar-se sem o escudo do poder protector da autoridade das ciências clássicas.

“Após cem anos de teoria copernicana e darwiniana, respectivamente, foi estabelecido um largo consenso quanto à sua credibilidade científica. Após cem anos de teoria freudiana, ainda existe um grande desacordo quanto à sua credibilidade científica.” (Weinert 2009, p. 187)¹⁴¹

¹⁴⁰ “*The third blow, which is psychological in nature, is probably the most wounding. (...) these two discoveries – that the life of our sexual instincts cannot be wholly tamed, and that mental processes are in themselves unconscious and only reach the ego and come under its control through incomplete and untrustworthy perceptions – these two discoveries amount to a statement that the ego is not master in its own house. Together they represent the third blow to man’s self-love, what I may call the psychological one.*” (Freud 1917, p. 141-143)

¹⁴¹ “*After a hundred years of Copernican and Darwinian theory, respectively, a major consensus on their scientific credibility was established. After a hundred years of Freudian theory there is still a major disagreement about his scientific credibility.*” (Weinert 2009, p. 187)

Gostaria ainda de sublinhar o facto de que os *golpes* mencionados – cosmológico, biológico e psicológico – são todos essencialmente psicológicos, no sentido em que a revolução mais importante que todos eles produziram foi uma revolução no pensamento e na capacidade de pensar em oposição a agir. Ao terem tido origem em mentes que foram capazes de pensar os seus problemas específicos, de modo livre e relativamente independente de preconceitos e ideias pré-concebidas largamente aceites nos seus tempos, estas revoluções evidenciaram uma coragem e maturidade de posições que tornaram possível suportar a dor mental associada ao crescimento interior.

Como referi no início desta secção, penso que podemos acrescentar dois nomes a esta lista de Freud: Kant e Bion.

A inclusão do nome de Kant surge naturalmente, tendo em conta a ideia generalizadamente aceite de que Kant operou uma segunda *revolução copernicana*. Diria que Freud, mesmo não tendo incluído Kant na sua lista, ao reconhecer

“(…) as correcções levadas a cabo por Kant no que respeita às nossas perspectivas sobre a percepção externa (…)” (Freud 1915, p. 171)¹⁴²,

coloca Kant entre os muito poucos que mudaram o foco do nosso *olho mental* para direcções mais esclarecidas, frutuosas e verdadeiras, mesmo que inesperadas e/ou contrárias às crenças estabelecidas.

Naturalmente, não seria possível a Freud incluir o nome de Bion – contudo, creio que, se lhe fosse possível *fazer-nos uma visita*, talvez fosse capaz de o fazer.

Melanie Klein foi responsável por avanços teóricos e clínicos absolutamente fundamentais para o desenvolvimento da psicanálise. No entanto, do meu ponto de vista, Bion é o responsável pelo que denomino a 5ª revolução – uma fundamental *adição ao golpe de Freud*, ao trabalhar, como vimos no capítulo anterior, em duas ideias completamente novas:

¹⁴² “(…) *the corrections undertaken by Kant of our views on external perception (…)*” (Freud 1915, p. 171)

1. As emoções, e o modo como afectam a nossa vida mental, são os elementos mais importantes na psicologia humana, e não os instintos sexuais e as fantasias.
2. O inconsciente perde o seu carácter negativo, como algo que ainda não é consciente e como um lugar onde, não apenas mas sobretudo, elementos reprimidos são depositados.

Poderíamos dizer que este é mais um *golpe cosmológico*, no sentido em que Bion coloca, pela primeira vez, *as emoções no centro do universo (mental)*. Como também vimos no capítulo anterior, a teoria da função- α é um aspecto central no pensamento de Bion, colocando desse modo o resultado das experiências emocionais no coração da observação e pensamento analíticos. O problema central já não é o de saber se algo é consciente ou inconsciente, é a *awareness* da experiência emocional e, como veremos, a mudança dinâmica de elementos entre o plano consciente e o inconsciente e a separação entre estes e a sua geração, que é a função da barreira de contacto. A tarefa mais importante da psicanálise já não é a de tentar conhecer o que está no inconsciente – que se nos apresenta como desconhecido e que provavelmente assim permanecerá – e tentar trazê-lo à consciência, é antes a de tentar encontrar um caminho que promova a transformação das emoções de modo a dar-lhes sentido.

Mas, poderíamos perguntar, o que para nós liga estas cinco pessoas na assunção de que merecem a *acusação* de serem revolucionários? Diria que, mais do que terem operado “um golpe no narcisismo humano”, estas cinco mentes mostraram que não só estávamos a olhar numa direcção errada, como nem sequer estávamos propriamente a olhar como pensadores independentes, inconscientemente agrilhoados a preconceitos e assunções enraizadas em estruturas grupais, que estamos tão prontos a abandonar como uma criança a crescer para além de uma posição narcísica.

É neste contexto que se torna mais claro que, não só a nossa observação quotidiana relativa a todos os assuntos em geral, mas também o nosso modo de comunicar, estão presos numa arena de preconceitos, conceitos, pensamentos e ideias que não são necessariamente dotados de sentido, reais

ou verdadeiros, mas que são geralmente reconhecidos e aceites pelo grupo ou grupos nos quais nos inserimos, independentemente da sua natureza. A este respeito, num artigo intitulado “Concerning the Distinction Between Conflicts of Desire and Paradoxes of Thought” (1987), Meltzer escreve:

“Este tipo de vazio conceptual está sempre connosco, vestido, se não com confabulação expressa, pelo menos com assunções tácitas, tão escondidas que é difícil descobri-las. Pertencem às assunções básicas [*basic assumptions*] que Bion sugeriu serem o ponto de origem do comportamento grupal (...).”(Meltzer 1987, p. 558)¹⁴³

Não é minha intenção a de também explorar aqui as interessantes ideias sugeridas nesta passagem em articulação com o conceito de Bion de “*basic assumption*”; pretendo aqui apenas sublinhar o facto de que, não obstante os avanços na ciência, na filosofia e na psicanálise que as suas obras representam, estes cinco pensadores ofereceram-nos exemplos extraordinários de observação, pensamento e comunicação *não-filiados*.

Diria ainda que, nas palavras de Thomas Kuhn, obras como *A Revolução dos Orbes Celestes*, *Crítica da Razão Pura* e as principais obras de Freud e Bion, são obras que não só:

“(...) mudam a direcção do desenvolvimento do pensamento científico; um trabalho revolucionário é, ao mesmo tempo, um culminar de uma tradição passada e a fonte de uma nova futura tradição.” (Kuhn 1957, p. 135)¹⁴⁴

¹⁴³ “*This type of conceptual emptiness is always with us, clothed, if not with expressed confabulation, then with tacit assumptions so unvoiced that it is difficult to discover them. They belong to the basic assumptions that Bion suggested that were the point of origin of group behaviour (...).*” (Meltzer 1987, p. 558)

¹⁴⁴ “*(...) shift the direction in which scientific thought develops; a revolution-making work is at once the culmination of a past tradition and the source of a novel future tradition.*” (Kuhn 1957, p. 135)

Contudo, creio fazer parte da nossa condição humana – como transparece na passagem citada de Meltzer – este aprisionamento peculiar em que mais ou menos todos nós nos achamos.

Nas suas formas mais subtis, em particular na sua natureza “silenciosa”, é realmente difícil de detectar, quer na observação dos outros quer em nós próprios.

V. Barreira de Contacto

5.1. Barreira de Contacto em Freud

O termo “barreira de contacto” (*Kontaktschranken*) foi primeiramente utilizado por Freud com o principal intuito de tentar compreender o modo como os neurónios são *afectados* pelo fluxo de energia no cérebro. Alguns parecem manter o seu estado e outros parecem ser alterados após cada excitação.

O problema central do consciente e do inconsciente e a problematização do *como* e *porquê* de certos elementos serem mantidos no inconsciente não surge ainda considerado neste contexto. O conceito de barreira de contacto surge na mente de Freud através da consideração do facto *físico* do fluxo de energia mental no cérebro; o comportamento orgânico dos neurónios que absorvem, impedem ou passam energia entre eles – esta observação levou-o a inquirir acerca das razões subjacentes ao facto de se verificarem alterações em alguns neurónios.

É verdade que o *Projecto Para uma Psicologia Científica* (1895), que foi apenas publicado postumamente em 1950 e objecto da auto-crítica de Freud, onde o conceito de “barreiras de contacto” nos é apresentado, é uma obra muito diferente do seu principal corpo de trabalho no sentido em que não é ainda uma obra psicanalítica e talvez ainda demasiado centrada numa observação da vida mental alicerçada na neurologia. Na Introdução do Editor a esta obra, podemos ler uma passagem clara a este respeito:

“O que é aqui enfatizado é o impacto do ambiente sobre o organismo e a reacção do organismo a esse ambiente. É verdade que, para além dos estímulos exteriores, existem excitações endógenas; mas a sua natureza é aqui apenas vagamente considerada.” (Strachey 1953-1974, vol.1, p. 291)¹⁴⁵

¹⁴⁵ “All the emphasis in the picture here is upon the environment’s impact upon the organism and the organism’s reaction to it. It is true that, in addition to external stimuli, there are endogenous excitations; but their nature is hardly considered.” (Strachey 1953-1974, vol.1, p. 291)

Por outro lado, mesmo quando a psicanálise começa a distanciar-se de uma relação mais directa com o mundo físico – facto que, igualmente, se deve a Freud – a necessidade de um pensamento que tenha uma familiaridade corpórea; algo que conheçamos *com as nossas próprias mãos* está constantemente presente.

“(…) é-nos difícil libertarmo-nos do modo de pensar familiar baseado em associações físicas. Esta tensão também está presente quando buscamos um entendimento das fronteiras psíquicas.” (Teising 2005, p. 1629)¹⁴⁶

No seu esforço para chegar a um entendimento das possíveis relações entre o fluxo da energia mental e os processos psicológicos, Freud encontra uma dificuldade particular respeitante aos fenómenos psicológicos – estes fenómenos não são determinados por quaisquer *leis naturais* conhecidas, o que torna muito limitado o uso de analogias com os fenómenos das ciências físicas. Muito mais tarde na sua vida, na obra não terminada *Uma Apresentação da Psicanálise* (1938), Freud escreve:

“Assumimos, como as outras ciências naturais nos fizeram crer, que existe um certo tipo de energia em funcionamento na vida mental; mas não temos nada em que nos apoiar, nem modo de aumentar o nosso conhecimento a este respeito através de analogias com outras formas de energia. Creio que reconhecemos, no entanto, que a energia nervosa ou psíquica ocorre em duas formas diferentes, uma livremente móvel e a outra, pelo contrário, presa (…).” (Freud 1938, p. 163-4)¹⁴⁷

Após a identificação destas “duas formas de energia” surge a questão de *porque* é que estas funcionam nesse modo particular. Segue-se ainda a

¹⁴⁶ “(…) *it is difficult for us to free ourselves of the familiar way of thinking based on bodily associations. This tension also applies when we are seeking an understanding of psychic boundaries*”. (Teising 2005, p. 1629)

¹⁴⁷ “*We assume, as other natural sciences have led us to expect, that in mental life some kind of energy is at work; but we have nothing to go upon which will enable us to come nearer to a knowledge of it by analogies with other forms of energy. We seem to recognize that nervous or psychical energy occurs in two forms, one freely mobile and another, by comparison, bound* (…).” (Freud 1938, p. 163-4)

questão acerca das possíveis consequências para a mente de cada indivíduo, de cada movimento mental particular.

O conceito de “barreira de contacto” no contexto do pensamento de Freud, surge neste ambiente particular e com um significado concreto:

“A teoria das barreiras-de-contacto, se adoptar esta solução, pode exprimir-se nos seguintes termos. Há duas classes de neurões: (1) aqueles que permitem $\Phi\eta$ passar através, como se não tivessem barreiras-de-contacto e que, assim, permaneceriam no mesmo estado em que se encontravam após cada passagem de excitação, e (2) aqueles cujas barreiras-de-contacto se fazem sentir, apenas permitindo a passagem de $\Phi\eta$ com dificuldade ou apenas parcialmente. A última classe pode, após cada excitação, encontrar-se num estado diferente daquele em que se encontrava e, assim, permitir a *possibilidade de representar a memória*.”
(Freud 1895, p. 299)¹⁴⁸

Estas “barreiras de contacto” são entidades orgânicas que, considerando estritamente o seu carácter neuro-fisiológico, seriam desenvolvidas (por Sherrington em 1897) no conceito de “sinapse”.

Para além do seu significado físico, a passagem e o bloqueio relativamente à excitação ou inibição de energia mental, constituiriam alguns dos principais *eventos mentais* em observação no decurso do desenvolvimento da psicanálise. Por outras palavras, o desenvolvimento da psicanálise haveria também de trazer esta questão da passagem e do bloqueio, primeiramente aplicada à energia neuronal seguindo a tradição médica, para a consideração do funcionamento do mundo interior, fazendo uso desta ferramenta de pensamento que é a oposição *barreira/contacto*.

No citado artigo de Teising podemos ler:

¹⁴⁸ “*The theory of contact-barriers, if it adopts this solution, can express it in the following terms. There are two classes of neurones: (1) those which allow $\Phi\eta$ to pass through as though they had no contact-barriers and which, accordingly, after each passage of excitation are in the same state as before, and (2) those whose contact-barriers make themselves felt, so that they only allow $\Phi\eta$ to pass through with difficulty or partially. The latter class may, after each excitation, be in a different state from before and they thus afford a possibility of representing memory.*” (Freud 1895, p. 299)

“O conceito de barreira de contacto formula a dialéctica de toda a fronteira, que distingue e separa diferentes materiais mas que, em primeiro lugar, permite a ocorrência do contacto, restringindo-o novamente.” (Teising 2005, p. 1630-1)¹⁴⁹

Como é sabido, este movimento foi em primeiro lugar operado por Freud, mesmo que já não fazendo uso deste mesmo conceito – de acordo com a pesquisa realizada neste trabalho, Freud não usou o conceito de barreira de contacto em nenhum outro contexto, não tendo voltado a usá-lo em qualquer outra obra.

Bion recupera o conceito de barreira de contacto, utilizando-o com uma função e um sentido absolutamente distintos. Como veremos em seguida, o conceito de barreira de contacto surge agora totalmente desprovido de quaisquer ligações à neurofisiologia.

¹⁴⁹ “*The concept of the contact-barrier formulates the dialectic of every boundary that distinguishes and separates different material but thereby first enables contacts to occur and also restricts them again*”. (Teising 2005, p. 1630-1)

5.2. Barreira de Contacto em Bion

“Transfiro agora tudo o que disse acerca do estabelecimento do consciente e do inconsciente e de uma barreira entre eles, para uma suposta entidade que designo como ‘barreira de contacto’ (...). O termo ‘barreira de contacto’ enfatiza o estabelecimento de contacto entre consciente e inconsciente e a passagem selectiva de elementos de um para o outro.” (Bion 1962a, p. 17)¹⁵⁰

Bion foi, tanto quanto esta investigação permitiu esclarecer, o único autor a usar este conceito para além de Freud, embora numa direcção completamente nova. Podemos ler, a este respeito, no artigo de Teising:

“Na minha perspectiva, Bion (1962) foi o único autor a considerar e desenvolver o conceito de Freud de barreira de contacto.” (Teising 2005, p. 1631)¹⁵¹

O que vem a ser, então, a barreira de contacto para Bion?

Em primeiro lugar, distancia-se de qualquer tipo de perspectiva fisiológica, pelo que se trata de uma *noção* e não de algo que podemos ver ou tocar. Contudo, o próprio Bion trata este conceito recorrendo a noções físicas, referindo-se à barreira de contacto como:

“(...) servindo a função de uma membrana (...)” (Bion 1962a, p. 22)¹⁵²,

¹⁵⁰ “I shall now transfer all that I have said about the establishment of conscious and unconscious and a barrier between them to a supposed entity, that I designate a “contact-barrier” (...). The term “contact-barrier” emphasizes the establishment of contact between conscious and unconscious and the selective passage of elements from one to the other.” (Bion 1962a, p. 17)

¹⁵¹ “In my view, Bion (1962) is the only author to have taken up and developed Freud’s concept of the contact-barrier.” (Teising 2005, p. 1631)

¹⁵² “(...) serving the function of a membrane (...)” (Bion 1962a, p. 22)

ou como uma estrutura:

“(…) a barreira de contacto pode ser considerada, como sugere o nome que lhe dei, como tendo as características de uma estrutura.” (Bion 1962a, p. 26)¹⁵³

Contudo, penso que não devemos fazer aqui uma leitura demasiado literal. As metáforas e analogias físicas são seguramente muito úteis na tentativa de obtenção de um quadro claro dos problemas envolvidos, em particular quando lidamos com ideias tão complexas e relativamente às quais não existe ainda qualquer trabalho realizado e estabelecido, contanto que se tomem estas imagens físicas apenas como o que creio serem apenas *ajudantes de pensamento*.

A barreira de contacto é a ‘entidade’ responsável por manter a distinção entre consciente e inconsciente e pela sua criação:

“A barreira de contacto é, assim, responsável pela preservação da distinção entre consciente e inconsciente e pelo seu nascimento.” (Bion 1962a, p. 27)¹⁵⁴

O conceito de barreira de contacto, ao ser um instrumento conceptual no pensamento acerca de fundamentais aspectos da vida mental, representa uma função da mente que, não só é responsável pela própria existência do inconsciente, mas também pela gestão da passagem de elementos entre o consciente e o inconsciente – é por este motivo, como veremos mais detalhadamente, que a barreira de contacto é crucial na preservação da saúde mental.

Quanto ao significado que o conceito tinha para Freud, haverá alguma semelhança entre ‘barreira de contacto’ em Freud e em Bion? Diria que, para além da *ideia* de contacto e demarcação, a problematização da memória surge no pensamento de ambos dentro deste contexto.

¹⁵³ “(...) *the contact-barrier may be regarded, as the name I have given it suggests, as having the characteristics of a structure.*” (Bion 1962a, p. 26)

¹⁵⁴ “*The contact-barrier is therefore responsible for the preservation of the distinction between conscious and unconscious and for its inception.*” (Bion 1962a, p. 27)

Freud atribui à operação das “barreiras de contacto” a possibilidade de estas *representarem* a memória – que assume uma importância central no pensamento geral da psicologia, como podemos ler no *Projecto Para uma Psicologia Científica* (1895):

“Uma teoria psicológica que mereça alguma consideração deve fornecer uma explicação da ‘memória’.” (Freud 1895, p. 299)¹⁵⁵

Neste aspecto singular, o modo como Freud e Bion pensam o conceito de “barreira de contacto” parece aproximar-se: para Bion, a “barreira de contacto” parece ser central na operação da memória. Como Bion escreve em *Learning From Experience* (1962):

“A natureza da transição do consciente para o inconsciente, e vice-versa, e portanto também a natureza da barreira de contacto e dos elementos-alfa que a compõem, afectam a memória e as características de toda e qualquer memória.” (Bion 1962a, p. 18)¹⁵⁶

É verdade, por outro lado, que Bion não se dedica a um estudo sério da memória, quer seguindo uma linha de pensamento mais tradicional, quer propondo uma perspectiva alternativa a este respeito. No entanto, a passagem acima citada é importante na medida em que enfatiza a natureza criativa da barreira de contacto – ‘afecta a memória e as características de toda e qualquer memória’.

Assim, é claro que o conceito de barreira de contacto apresenta significados profundamente diferentes em Freud e em Bion, porquanto ambos trilham percursos marcadamente diferentes e estruturados em singulares modelos da mente. Na introdução do artigo citado de Teising, podemos ler:

“Enquanto que para Freud, a barreira de contacto regula a quantidade de energia e funda uma estrutura topográfica, Bion considera a barreira de

¹⁵⁵ “A *psychological theory deserving any consideration must furnish an explanation of ‘memory’.*” (Freud 1895, p. 299)

¹⁵⁶ “*The nature of the transition from conscious to unconscious and vice versa, and therefore the nature of the contact-barrier and its component alpha-elements affect memory and the characteristics of any given memory.*” (Bion 1962a, p. 18)

contacto como sendo uma função psíquica, que simultaneamente regula a demarcação de fronteira e produz o contacto.” (Teising 2005, p. 1627)¹⁵⁷

De acordo com o que vimos no capítulo III, a possibilidade do inconsciente existe em virtude da produção de elementos- α pela função- α , isto é, os produtos com sentido das experiências emocionais transformados num estado de ‘*awareness*’ – a barreira de contacto é constituída por estes elementos- α . Bion acrescenta:

“A função-alfa, quer durante o sono quer no estado de vigília, transforma em elementos-alfa as impressões sensíveis relacionadas com uma experiência emocional. Esses elementos-alfa, agregam-se à medida que vão proliferando, formando a barreira de contacto.” (Bion 1962a, p. 17)¹⁵⁸

Assim, não só a origem do inconsciente, mas também a distinção entre consciente e inconsciente e a gestão dessa distinção dependem de uma bem sucedida operação da função- α e, mais precisamente, do seu resultado directo que é a barreira de contacto.

Este conceito de Bion aparece apenas brevemente em *Learning From Experience* (1962). Por conseguinte, poderíamos perguntar-nos porquê considerá-lo um tão importante conceito uma vez que o seu próprio autor não o explorou de modo mais extenso e aprofundado. A minha perspectiva pessoal é a de que Bion não chegou a dar-se conta do extraordinário progresso que o seu pensamento representa, nem, concretamente, das profundas consequências implicadas no conceito de barreira de contacto – esse foi um dos motivos subjacentes à escolha do tema deste trabalho. Num período de cerca de pouco mais de quinze anos, Bion prestou contributos preciosos ao desenvolvimento da psicanálise: o processo clínico em grupo e fundamentais descobertas acerca do funcionamento grupal; novos desenvolvimentos do

¹⁵⁷ “Whereas for Freud the contact-barrier regulates the quantity of energy and founds a topographical structure, Bion understands the contact-barrier as a psychic function that simultaneously regulates boundary demarcation and making contact.” (Teising 2005, p. 1627)

¹⁵⁸ “The man’s alpha-function whether in sleeping or waking transforms the sense-impressions related to an emotional experience, into alpha-elements, which cohere as they proliferate to form the contact-barrier.” (Bion 1962a, p. 17)

conceito de identificação projectiva; a descoberta do papel crucial das emoções na vida mental; o conceito de “função- α ”; novos desenvolvimentos acerca da natureza e do papel dos sonhos; o conceito de “barreira de contacto”. Vários destes pontos – ou se calhar todos eles – não foram elaborados e explorados exaustivamente por Bion, nem tão pouco, penso, ainda suficientemente apreendidos por todos nós.

Provavelmente, este facto terá contribuído para a situação que geralmente ainda permanece – independentemente da sua relevância, o conceito de barreira de contacto continua até hoje a não ter sido extensamente trabalhado por outros autores.

Realmente, esta investigação conduziu-me a este estranho facto: apesar da importância, quer para o desenvolvimento da psicanálise, quer para o pensamento filosófico, que a descoberta do que Bion denominou ‘barreira de contacto’ representa, são ainda muito poucos os trabalhos conhecidos acerca deste tema.

Para além do trabalho citado de Teising (2005), encontramos referências na obra publicada de Ferro (2005, 2006), em vários artigos de Grotstein (Cf, por exemplo, 2004 e 2009), de Kohon (2014), e de Sarsfield Cabral (1998). As obras citadas de Ferro e Grotstein, indicam o lugar do conceito de barreira de contacto no contexto da obra de Bion, sem no entanto explorarem o seu significado nem as suas possíveis consequências, nem para o pensamento clínico e, muito menos, para o pensamento filosófico. A obra referida de Sarsfield Cabral, e não obstante ter colocado este conceito no sub-título da sua obra, penso que não problematiza a natureza da barreira de contacto, nem o seu lugar na concepção da função- α . Penso, por outro lado, que o recente artigo de Kohon, com um título muito prometedor (“Making Contact With the Primitive Mind: The Contact-Barrier, Beta-Elements and the Drives”), não contribui de modo relevante, nem para a descrição do conceito, nem para uma reflexão acerca dele.

5.3. O trabalho da Barreira de Contacto: operações envolvidas

Após ter tentado responder à questão: ‘*o que é a barreira de contacto em Bion?*’, surge agora naturalmente a questão: ‘*como é que opera?*’ Esta questão leva-nos a uma outra importante questão: qual o uso da barreira de contacto?, isto é, que função e utilidade é que tem para nós, que nos leva a crer, seguindo Bion, que a barreira de contacto é uma peça central do funcionamento mental?

Quanto à questão de como é que funciona, poderemos dizer que a barreira de contacto é uma espécie de - fazendo aqui uso de uma analogia de tipo industrial – *supervisor* no departamento função- α . Sendo constituída por elementos- α , a barreira de contacto organiza-os continuamente, trazendo ou mantendo alguns no consciente e mantendo ou enviando outros para o inconsciente. Este movimento de gestão parece ser da maior importância, pelo que a organização e distribuição de elementos mentais onde estes são necessários e comportáveis em cada momento, e uma eficiente estratégia económica quanto à energia mental, é essencial na manutenção de uma mente saudável e equilibrada.

Podemos ler nas próprias palavras de Bion acerca das diferenças entre ‘saudável’ e ‘psicótico’:

“A diferença entre estes dois estados [estados ou partes saudáveis e psicóticas da personalidade] deriva das diferenças entre uma barreira de contacto composta por elementos-alfa e outra composta por, se essa é a palavra certa, elementos-beta.” (Bion 1962a, p. 22)¹⁵⁹

Assim, se não fosse constituída por elementos- α , a barreira de contacto não

¹⁵⁹ “*The difference in the two states derives from the differences between a contact-barrier composed of alpha-elements and one composed, if that is the right word, of beta-elements.*” (Bion 1962a, p. 22)

poderia existir enquanto tal e a sua função essencial não seria possível, abrindo desse modo o caminho à desorganização dos elementos mentais, à supressão da distinção entre consciente e inconsciente e, na verdade, à supressão do próprio inconsciente. Tal levaria à situação que observámos antes, que Bion chama 'ecran-β'.

Bion afirma que:

“A substituição de uma barreira de contacto por um ecran-beta é um processo vivo.” (Bion 1962a, p. 24)¹⁶⁰

E, poderíamos dizer, vice-versa. A barreira de contacto é ininterruptamente criada e remodelada, contanto que novos elementos-α estejam constantemente a ser produzidos. Creio que esta perspectiva nos pode dar uma ideia da importância tremenda do conceito com o qual aqui lidamos.

Sem a barreira de contacto, sendo a materialização das transformações conseguidas pela função-α, todo o edifício da função-α colapsaria. É a barreira de contacto, assim apresentada por Bion, que torna possível uma utilização contínua de elementos-α.

É possível, como referi, que nem o próprio Bion estivesse totalmente ciente da importância desta sua descoberta – esta constante e marcadamente dinâmica troca de posição de elementos mentais entre consciente e inconsciente é pensada pela primeira vez, e trazida até nós através da ideia da barreira de contacto; não apenas no plano da repressão, nem apenas no plano da natureza da fantasia inconsciente, mas igualmente no plano profundamente incognoscível das experiências emocionais.

É deste modo que creio que a criação deste conceito tem infundáveis consequências no modo de considerar a mente humana.

Ainda acerca da natureza dinâmica da barreira de contacto, Bion afirma que:

“(...) os '*pensamentos-sonho*' e o pensamento inconsciente em vigília (...)

¹⁶⁰ “*The replacement of a contact-barrier by a beta-screen is a living process.*” (Bion 1962a, p. 24)

são a textura da barreira de contacto.” (Bion 1962a, p. 25)¹⁶¹,

o que creio significar que a qualidade da barreira de contacto é dada através da natureza destes elementos e que, ao mesmo tempo, sendo a barreira de contacto o que permite a própria existência do “*pensamento inconsciente acordado*”, estes mesmos elementos dependem da barreira de contacto.

Este assunto recupera a questão do inconsciente, mesmo que agora numa perspectiva particular.

No capítulo III afirmei que, o facto de algo *ser inconsciente* não era particularmente relevante para Bion por duas razões principais: em primeiro lugar, porque o *ser consciente ou inconsciente* é sempre olhado por Bion como um estado transitório, dada a natureza dinâmica da vida mental; em segundo lugar, e mais importante, porque o foco principal do pensamento de Bion neste contexto é colocado na possibilidade de uma constante mudança, de uma *troca* de elementos entre o consciente e o inconsciente, possível através da condição de ‘*awareness*’ e da criação do inconsciente através do produto trabalho da função- α .

A barreira de contacto, assim considerada, parece de facto ser responsável pela manutenção da sanidade. Ainda citando Teising, que creio que aborda esta questão de um modo interessante e esclarecedor:

“Só quando a barreira de contacto permanece suficientemente segura, é que a regulação do ‘tráfego de fronteira’ interpessoal pode existir, tanto com os objectos como com elementos inconscientes. Com barreiras de contacto excessivamente permeáveis, as relações com o mundo exterior são perigosas, falhando igualmente na importante tarefa de proteger o

¹⁶¹ “(...) *dream thoughts and unconscious waking thinking* (...) *are the texture of the contact-barrier.*” (Bion 1962a, p. 25)

espaço de pensamento de ser inundado pelo inconsciente.” (Teising 2005, p. 1632)¹⁶²

Poderemos dizer que, tanto o consciente como o inconsciente dependem da barreira de contacto para a sua manutenção saudável, pois esta é responsável pelo equilíbrio deste movimento dinâmico entre ambos – considerando um funcionamento mental saudável e suficientemente equilibrado, é a barreira de contacto que permite manter um *status quo mental* relativamente aproximado de uma permeabilidade ideal.

Movimentos mentais, como a “relegação do pensamento para o inconsciente” para ganhar espaço consciente de modo a aprender uma nova tarefa, ou simplesmente para pensar conscientemente; o envio para o inconsciente, por meio de repressão, de pensamentos ou sentimentos difíceis de suportar na consciência; ou, de resto, todo um sem número de operações realizadas pela barreira de contacto, evidenciam um mundo interno saudável e contido.

Parece ser o *insuportável* que nos faz perder o equilíbrio, e perder a capacidade de atribuir sentido aos dados de cada experiência emocional, isto é, perder a função- α e com esta a barreira de contacto. Nessa situação, encontrar-nos-íamos *sem fronteiras*, com uma omnipresente e devoradora consciência. A incapacidade em lidar com a frustração associada a esperar, à ausência de um objecto precioso ou, em geral associada ao crescimento interior capaz de manter a função- α operacional, pode conduzir a esta situação, como podemos ler em Bion:

“A intolerância à frustração pode ser tão pronunciada, ao ponto da função- α ficar bloqueada por uma evacuação imediata de elementos- β .”
(Bion 1962a, p. 35)¹⁶³

¹⁶² “It is only when the contact-barrier exists in a secure enough way that interpersonally regulated ‘border traffic’ can take place with the objects as well as with unconscious derivatives. With excessively permeable contact-barriers, relationships with the external world are dangerous. They also fail to safeguard the thinking space against flooding from the unconscious.” (Teising 2005, p. 1632)

¹⁶³ “Intolerance of frustration could be so pronounced that alpha-function would be forestalled by immediate evacuation of beta-elements.” (Bion 1962a, p. 35)

Assim, tornam-se porventura mais claros os fundamentos da minha posição a este respeito – considero que a criação e manutenção contínuas da barreira de contacto constituem uma fundamental *questão de saúde*. Independentemente de como consideremos o conceito de barreira de contacto, recorrendo a imagens físicas (como identificá-la com uma “membrana”) ou qualquer outra ferramenta para pensá-la, creio que o que é mais fundamental é o reconhecimento da importância nevrálgica desta frágil e delicada instância mental, de modo a podermos obter uma imagem mais clara do funcionamento do nosso mundo interno e, idealmente, de ser possível fazer-se algum uso clínico dela.

5.4. O Pensamento e o Sonho

Tendo em conta tudo o que considere até aqui, e da relevância do conceito e do modo como funciona a barreira de contacto, gostaria agora de observar o que parecem ser para Bion as duas principais operações mentais – pensar e sonhar – intimamente relacionadas quer com a noção, quer com o funcionamento, da barreira de contacto.

O que poderemos então dizer acerca da concepção de Bion do pensamento? Podendo ser uma ideia algo desconcertante numa primeira leitura, é fundamentalmente uma actividade que existe para dar conta dos pensamentos, como podemos ler em “A Theory of Thinking” (1962):

“Repito – o pensamento tem que ser chamado para lidar com os pensamentos. É de notar que isto é diferente de qualquer teoria do pensamento como produto da actividade de pensar, uma vez que a actividade de pensar é um desenvolvimento imposto à mente pela pressão dos pensamentos, e não ao contrário.” (Bion 1962b, p. 111)¹⁶⁴

Bion distingue duas “fases” do pensamento: uma é o desenvolvimento dos pensamentos e a outra é a instância que lida com os pensamentos, sendo esta segunda o que Bion considera primariamente ser o pensamento.

Se algo corre mal, isto é, se ocorre uma qualquer desordem do pensamento, tal pode dever-se a uma deficiência numa destas “fases” ou em ambas:

“Os desenvolvimentos psicopatológicos podem estar (...) relacionados com uma quebra no desenvolvimento de pensamentos, ou uma quebra no

¹⁶⁴ “I repeat – thinking has to be called into existence to cope with thoughts. It will be noted that this differs from any theory of thought as a product of thinking, in that thinking is a development forced on the psyche by the pressure of thoughts and not the other way round.” (Bion 1962b, p. 111)

desenvolvimento do aparelho para ‘pensar’ ou lidar com os pensamentos, ou ambas.” (Bion 1962b, p. 111)¹⁶⁵

Quanto ao que um *pensamento* poderá ser, Bion indica uma distinção entre três tipos ou classes diferentes, correspondendo ao ponto de desenvolvimento interior específico de cada sujeito pensante: pré-concepções; concepções e conceitos, explicando deste modo as suas diferenças –

“Os ‘pensamentos’ podem ser classificados, de acordo com a natureza da sua história de desenvolvimento, como pré-concepções, concepções ou pensamentos, e finalmente conceitos; os conceitos são concepções ou pensamentos que foram nomeados e, assim, fixados.” (Bion 1962b, p. 111)¹⁶⁶

Uma vez que os “conceitos” são aqui considerados como “concepções” que vieram a ficar fixadas, temos na verdade dois tipos de “pensamento”, que diria estarem intimamente ligados às duas “fases” de pensamento que observámos. Assim, creio que a primeira “fase” do pensamento, isto é, o desenvolvimento dos pensamentos, corresponde à “pré-concepção” como o momento inicial da evolução do pensamento. Esta situação traz consigo, de certo modo forçando, a actividade do pensamento propriamente dita, como sendo a referida instância que lida com os pensamentos, correspondendo esta à “concepção”.

Mas, o que Bion designa por “pré-concepção”, sendo algo inato, algo que pre-existe à actividade de pensamento, é algo que aguarda e necessita de uma *injecção de sentido*, através do que Bion designa por “realização”. Esta *injecção de sentido* brota das experiências emocionais, transformadas pela função- α que permite essa realização. Creio que neste sentido ficará porventura mais clara a ideia de que a “instância que lida com os pensamentos” é chamada a agir de modo a organizar e a atribuir um sentido sustentado aos pensamentos.

¹⁶⁵ “*Psychopathological developments may be (...) related to a breakdown in the development of thoughts, or a breakdown in the development of the apparatus for ‘thinking’ or dealing with thoughts, or both.*” (Bion 1962b, p. 111)

¹⁶⁶ “*‘Thoughts’ may be classified, according to the nature of their developmental history, as pre-conceptions, conceptions or thoughts, and finally concepts; concepts are named and therefore fixed conceptions or thoughts.*” (Bion 1962b, p. 111)

Mesmo identificando “concepções” com “pensamentos”, Bion afirma claramente que considera a “concepção” como sendo uma combinação de uma “pré-concepção” (“*a expectativa inata de um seio*”) e uma realização emocionalmente satisfatória (“*o próprio contacto com o seio*”), como verificamos nas próprias palavras de Bion:

“Assim, assume-se que as concepções estão sempre associadas a uma experiência emocional de satisfação.” (Bion 1962b, p. 111)¹⁶⁷

Por outro lado, o “pensamento” é fundamentalmente associado à realização trazida por uma experiência de frustração:

“Limitarei aqui o termo ‘pensamento’, à junção de uma pré-concepção com uma frustração.” (Bion 1962b, p. 111)¹⁶⁸

Podemos considerar, assim, que um *verdadeiro pensamento* nasce da associação de uma expectativa inata do seio com a frustração derivada da sua ausência, ou de uma experiência emocional frustrante derivada do facto do seio não produzir os efeitos supostos de acordo com a sua pré-concepção.

Em consequência de este ponto de vista, creio que devemos sublinhar a ideia de que a operação da actividade de pensamento é dotada de uma crucial natureza *dinâmica*, intimamente relacionada com o progresso e crescimento interiores. O desenvolvimento da capacidade de pensar mostra o seu próprio progresso através da prevalência de “concepções” e “conceitos” que – sendo concepções tornadas *fixas* – indicam uma boa capacidade geral de tolerar a frustração, permitindo um crescimento interior e a *aprendizagem com a experiência*:

“Se a frustração puder ser tolerada, então a junção da concepção com a realização, quer positiva quer negativa, inicia o processo necessário à

¹⁶⁷ “*Conceptions therefore will be expected to be constantly conjoined with an emotional experience of satisfaction.*” (Bion 1962b, p. 111)

¹⁶⁸ “*I shall limit the term ‘thought’ to the mating of a pre-conception with a frustration.*” (Bion 1962b, p. 111)

aprendizagem com a experiência.” (Bion 1962b, p. 113-114)¹⁶⁹

Deste modo, o que parece realmente ser essencial para Bion não é o que podemos alcançar e positivamente compreender e explicar, nomeadamente acerca das questões “como pensamos?” ou “o que é um pensamento?” mas, pelo contrário, é o que *não podemos alcançar* mas que, não obstante, constitui a verdadeira estrutura subjacente da nossa vida mental. Bion não parece colocar estas questões de modo a poder fornecer algum tipo de demonstração ou explicação acerca do modo como pensamos; parece estar mais interessado no que se passa *antes* (no sentido de se relacionar profundamente com a estrutura básica da mente) do que quer que seja passível de ser demonstrável ou explicável, particularmente nos seus aspectos mais difíceis e nas possíveis desordens daí decorrentes. É neste sentido que creio que, no que respeita à actividade de pensamento e à natureza dos pensamentos, Bion coloca uma importância especial na capacidade de uma integração emocional da frustração:

“O ponto vital reside na decisão entre a modificação ou a fuga da frustração.” (Bion 1962b, p. 113)¹⁷⁰

Nesta frase, a palavra “decisão” tem importantes implicações. É claro não se tratar de uma questão de decidir, no sentido usual da palavra – a modificação da frustração implica um crescimento interno que promove um distanciamento de um domínio mental onipotente e mecanismos de “excessiva” identificação projectiva. Assim, quando o que acontece é uma reacção de evasão face à frustração, é a própria actividade de pensamento que fica comprometida:

“O que deveria ser um pensamento, um produto da justaposição de pré-concepção e realização negativa, torna-se um objecto mau, indistinguível

¹⁶⁹ “*If frustration can be tolerated the mating of conception and realization whether negative or positive initiates procedures necessary to learning by experience.*” (Bion 1962b, p. 113-114)

¹⁷⁰ “*The crux lies in the decision between modification or evasion of frustration.*” (Bion 1962b, p. 113)

de uma coisa-em-si, próprio apenas para ser evacuado.” (Bion 1962b, p. 112)¹⁷¹

Pelo que vimos até aqui, creio que a ênfase colocada na natureza “negativa” da realização, neste contexto, é para ser tomada seriamente – uma realização positiva, isto é, uma satisfação confirmada que, como citei acima nas palavras de Bion, é “constantemente esperada”, não nos obriga a lidar com qualquer tipo de demora (e a espera a esta associada) entre um desejo e a sua realização; não nos convida a usar e a desenvolver a nossa capacidade de pensar, de modo a ser possível transformar algo difícil ou doloroso em algo com sentido.

Prossigamos na leitura de Bion:

“A incapacidade em tolerar a frustração pode obstruir o desenvolvimento de pensamentos e a capacidade de pensar, embora a capacidade de pensar pudesse diminuir o sentimento de frustração que advém da noção do fosso que separa um desejo da sua realização.” (Bion 1962b, p. 113)¹⁷²

Assim fica representada a diferença entre, digamos, um sentimento de tristeza que permanece como algo não digerido, não transformado e sem sentido, necessitando desesperadamente de ser posto para fora da pessoa que o sente (ou “evacuado”), e um mesmo sentimento de tristeza que é trabalhado internamente, dando-lhe sentido de modo a poder ser *pensado* e *sonhado*. De novo, o que estamos aqui a considerar é o trabalho da função- α e da possível atribuição de sentido ao resultado das experiências emocionais (do qual creio que a “realização” é um bom exemplo), e o papel central exercido pela barreira de contacto, ao permitir-nos manter a actividade de pensamento como uma actividade sobretudo inconsciente.

¹⁷¹ “*What should be a thought, a product of the juxtaposition of pre-conception and negative realization, becomes a bad object, indistinguishable from a thing-in-itself, fit only for evacuation.*” (Bion 1962b, p. 112)

¹⁷² “*Inability to tolerate frustration can obstruct the development of thoughts and a capacity to think, though a capacity to think would diminish the sense of frustration intrinsic to appreciation of the gap between a wish and its fulfilment.*” (Bion 1962b, p. 113)

No que respeita aos sonhos e à actividade de sonhar, Bion realiza uma profunda e radical mudança face ao pensamento revolucionário de Freud. Como podemos ler em *A Interpretação dos Sonhos* (1900), as geniais intuições de Freud oferecem-nos uma perspectiva absolutamente nova acerca da importância crucial da leitura de movimentos inconscientes na actividade do sonho e uma fundamental noção de verdade inconsciente associada aos sonhos:

“(...) nos sonhos (...) parece que não *pensamos* mas antes que *experienciamos*; isto é, acreditamos inteiramente nas halucinações. Só quando acordamos é que surge o comentário crítico que afirma que, na verdade, não experienciámos nada mas estivemos apenas a pensar num modo peculiar, por outras palavras, estivemos a sonhar. É esta característica que distingue verdadeiros sonhos dos ‘sonhos’ que temos acordados, que nunca se confundem com a realidade.” (Freud 1900, p. 50)¹⁷³

Os sonhos, de acordo com o pensamento de Freud, tinham esta característica particularmente importante: aparentam ser conjuntos de sequências de imagens produzidas no inconsciente, formando histórias (à semelhança de guiões de cinema), que não respeitam regras lógicas ou a realidade consciente.

O seu *valor facial*, isto é, o que de facto aparece representado neles, não parece corresponder aos pensamentos e sentido de realidade das pessoas que os sonham, uma vez conscientemente acordados. Esta diferença entre este *valor facial* e o que poderia ser o seu *valor real* ou *interno* é representado na diferença que Freud estabelece entre os conteúdos “latente” e “manifesto” dos sonhos:

“Introduzimos uma nova classe de material psíquico entre o conteúdo manifesto dos sonhos e as conclusões da nossa investigação: a saber, o

¹⁷³ “(...) *in dreams (...) we appear not to think but to experience; that is to say, we attach complete belief to the hallucinations. Not until we wake up does the critical comment arise that we have not experienced anything but have merely been thinking in a peculiar way, or in other words dreaming. It is this characteristic that distinguishes true dreams from day-dreaming, which is never confused with reality.*” (Freud 1900, p. 50)

seu conteúdo *latente*, ou (como dizemos) os '*pensamentos-sonho*', aos quais chegamos através do nosso procedimento. É a partir destes '*pensamentos-sonho*', e não a partir do conteúdo manifesto dos sonhos, que conseguimos desenredar o seu sentido." (Freud 1900, p. 277)¹⁷⁴

Poderíamos dizer que, para Freud, este "*desenredamento*" deverá ser o ponto crucial do nosso pensamento quando investigamos os sonhos e a actividade do sonho, uma vez que nos encontramos sobretudo a perseguir, através da interpretação, o(s) sentido(s) escondidos de cada sonho.

Desta distinção entre o conteúdo latente e manifesto dos sonhos provém o conceito central de "trabalho do sonho" (*'dream-work'*), que representa a transformação do primeiro no segundo. Numa tentativa de atrair alguma popularidade ao seu livro *A Interpretação dos Sonhos* (1900), Freud publica uma versão resumida no ano seguinte, *Acerca dos Sonhos* (1901), onde podemos ler:

"Se mantivermos a definição de 'trabalho do sonho' como o processo de transformação dos *pensamentos-sonho* no conteúdo dos sonhos, segue-se que o trabalho do sonho não é criativo, não desenvolve fantasias próprias, não faz juízos nem chega a quaisquer conclusões; não tem quaisquer outras funções para além da condensação e deslocamento do material, e da sua modificação em forma pictórica, ao que devemos acrescentar como um factor variável a parte final de revisão interpretativa." (Freud 1901, p. 667)¹⁷⁵

Bion, por outro lado, não parece estar particularmente interessado no referido "*desenredamento*", isto é, na interpretação e explicação do conteúdo dos

¹⁷⁴ "We have introduced a new class of psychical material between the manifest content of dreams and the conclusions of our enquiry: namely, their latent content, or (as we say) the '*dream-thoughts*', arrived at by means of our procedure. It is from these dream-thoughts and not from a dream's manifest content that we disentangle its meaning." (Freud 1900, p. 277)

¹⁷⁵ "If we keep the definition of '*dream-work*' as the process of transforming the dream-thoughts into the dream-content, it follows that the dream-work is not creative, that it develops no phantasies of its own, that it makes no judgements and draw no conclusions; it has no functions whatever other than condensation and displacement of the material and its modification into pictorial form, to which must be added as a variable factor the final bit of interpretative revision." (Freud 1901, p. 667)

sonhos. Penso que a enorme mudança verificada de Freud para Bion quanto à concepção do sonho é semelhante àquela observada quanto ao modo como ambos consideram a questão da consciência. Passamos de uma concepção da actividade de sonhar como sendo constituída por um conjunto de funções mentais que escondem elementos inconscientes da consciência – como o deslocamento e a condensação acima mencionados – aliviando a mente de uma pressão excessiva causada por estes, para uma concepção da actividade de sonhar como a transformação de experiências emocionais de modo a permitir que os elementos provindos dessas experiências se tornem disponíveis para uso consciente e inconsciente.

Podemos ler num artigo de Schneider a este propósito:

“A reconceptualização de Bion da teoria do sonho é, talvez, uma das grandes mudanças de paradigma na história da psicanálise. (...) Bion concebe a actividade de sonhar como o processar inconsciente da experiência emocional, que ocorre continuamente e em simultâneo com o pensamento consciente.” (Schneider 2010, p. 523)¹⁷⁶

O que aqui observamos não é simplesmente uma discórdia de Bion face a Freud, porquanto Bion não questiona o facto de que cada sonho contém algum significado passível de poder ser interpretado, nem nos oferece um modo alternativo de proceder a essa interpretação. O que parece ser o caso é que Bion *não está interessado* em investigar a questão sob esse ponto de vista:

“A teoria da função-alfa quanto ao ‘sonho’ tem os elementos da perspectiva representada pela teoria do sonho da psicanálise clássica, isto é, tanto a censura como a resistência estão aí representados. No entanto, na teoria da função-alfa, os poderes da censura e da resistência são

¹⁷⁶ “*Bion’s reconceptualization of the theory of dreaming is perhaps one of the great paradigm shifts in psychoanalytic history. (...) He construes dreaming as the unconscious processing of emotional experience, which occurs continuously and simultaneously with conscious thinking*”. (Schneider 2010, p.523)

essenciais na diferenciação entre consciente e inconscientes, e na manutenção da discriminação entre os dois.” (Bion 1962a, p. 16)¹⁷⁷

Assim, quando Bion usa a palavra “sonho”, não parece referir-se a algo que possamos naturalmente supor como associado a essa palavra. Penso que está simplesmente a considerar o trabalho inconsciente que o sonho representa e que pode constituir o conjunto de condições prévias para que nos seja possível pensar, agir e nos relacionarmos connosco próprios e com os outros de um modo saudável. Por isso, creio que o ponto de partida de Bion é o de tentar entender os mecanismos mentais elementares e em particular a patologia, e não o de tentar descartar os elementos patológicos transformando-os em algo saudável.

A actividade de sonhar assim considerada é, também, já não confinada ao tempo do sono:

“*Freud* diz que *Aristóteles* afirma que o sonho é o modo em que a mente trabalha durante o sono: *Eu* digo que é o modo em que trabalha quando estamos acordados.” (Bion 1992, p. 43)¹⁷⁸

Sonhar deixa de ser apenas um segmento da actividade mental – está sempre presente, desde que a função- α esteja operacional. Iria um pouco mais longe, afirmando que os estados do sono e vigília são irrelevantes para Bion, uma vez que a mais crucial actividade mental, a função- α , ou está continuamente operacional ou não, independentemente do estado específico de consciência. Podemos ler, num artigo de Ogden:

“A actividade de sonhar ocorre continuamente, dia e noite, apesar de, no estado de vigília, só nos darmos conta desse facto de um modo derivado,

¹⁷⁷ “*Alpha-function theory of the “dream” has the elements of the view represented by classical psycho-analytic dream theory, that is to say, censorship and resistance are represented in it. But in alpha-function theory the powers of censorship and resistance are essential to differentiation of conscious and unconscious and help maintain the discrimination between the two.*” (Bion 1962a, p. 16)

¹⁷⁸ “*Freud says Aristotle states that a dream is the way the mind works in sleep: I say it is the way it works when awake.*” (Bion 1992, p. 43)

por exemplo, nos estados de *reverie* que ocorrem durante uma sessão analítica.” (Ogden 2003, p. 19)¹⁷⁹

E estes essenciais estados de “*reverie*” existem através de uma transformação contínua dos produtos das experiências emocionais em elementos- α que permitem, não apenas a nossa própria organização interna, crescimento e um progresso da nossa relação com os nossos próprios objectos internos, mas também de “*sonhar*” as emoções das outras pessoas, possivelmente melhorando a nossa relação com estas.

Por tudo isto, penso que, para Bion, *sonhar é a actividade da função- α* .

Acrescentaria ainda que, ao interpretar os sonhos, isto é, ao apresentar o que supõe ser o conteúdo latente dos sonhos, o analista está na verdade a apresentar uma *produção* sua:

“Freud assumiu que a interpretação, o conteúdo latente, era a origem dos sonhos, e que teria sido elaborado pelo trabalho do sonho para produzir o sonho. Eu digo que a origem é uma experiência emocional (...) e que esta é trabalhada (...) para produzir o sonho, o conteúdo manifesto tal como o conhecemos, e que é o *analista* que, ao fazer a *interpretação*, produz o chamado conteúdo latente. Assim sendo, que validade ou significado deveremos atribuir a este produto, o conteúdo latente?” (Bion 1992, p. 135)¹⁸⁰

Na sequência de toda esta profunda mudança de ponto de vista, o conceito de “trabalho do sonho” (“*dream-work*”), tal como o conhecemos em Freud, é também totalmente reconfigurado.

¹⁷⁹ “*Dreaming occurs continuously day and night, though we are aware of it in waking states only in derivative form, for example, in reverie states occurring in an analytic session.*” (Ogden 2003, p. 19)

¹⁸⁰ “*Freud assumed that the interpretation, the latent content, was the origin of dreams, and that it had been worked on by the dream-work to produce the dream. I say that the origin is an emotional experience (...) and that this is worked on (...) to produce the dream, the manifest content as we know it, and that it is the analyst who then does the interpretation to produce the so-called latent content. Then what validity or significance is to be attached to this product, the latent content?*” (Bion 1992, p. 135)

Como temos observado, Bion foca o seu olhar em direcções completamente novas – o que é agora central é a *transformação* que o sonho representa e não o seu possível significado, e esta depende do “trabalho do sonho”.

Novamente nas palavras de Bion:

“(…) Freud entendia por trabalho do sonho que, o material inconsciente que de outro modo seria perfeitamente compreensível, havia sido transformado num sonho, e que o trabalho do sonho precisava de ser desfeito para transformar o agora incompreensível sonho, em compreensível.” (Bion 1992, p. 43)¹⁸¹

Mas, para Bion, o “trabalho do sonho” (“*dream-work*”) não diz respeito à nossa usual concepção de sonho - dizendo respeito aos grupos de imagens que a nossa mente produz enquanto dormimos - o “trabalho do sonho” opera em cada momento da nossa existência, de modo a que possamos usar, *criativamente*, os produtos das nossas experiências emocionais, isto é, de modo a que possamos pensar tanto inconscientemente como conscientemente:

“Chegámos agora a esta posição: o centro do sonho não é o conteúdo manifesto, mas a experiência emocional; os dados sensíveis desta experiência emocional são trabalhado pela função- α , de modo a serem transformados em material utilizável em pensamentos inconscientes em estado de vigília, *pensamentos-sonho*, e igualmente para submissão consciente ao senso comum.” (Bion 1992, p. 233)¹⁸²

Aproximando esta frase da diferenciação feita por Freud entre sonhar e pensar, torna-se porventura ainda mais claro que Bion ‘*virou do avesso*’ a concepção de Freud acerca do sonho, em particular no que respeita à natureza e função da actividade de sonhar.

¹⁸¹ “(…) Freud meant by dream-work that unconscious material, which would otherwise be perfectly comprehensible, was transformed into a dream, and that the dream-work needed to be undone to make the now incomprehensible dream comprehensible.” (Bion 1992, p. 43)

¹⁸² “We have now arrived at this position: the core of the dream is not the manifest content, but the emotional experience; the sense data pertaining to this emotional experience are worked on by α -function, so that they are transformed into material suitable for unconscious waking thought, the dream-thoughts, and equally suitable for conscious submission to common sense.” (Bion 1992, p. 233)

Em *Acerca dos Sonhos* (1901) Freud escreve:

“Sou levado a considerar o sonho como uma espécie de substituto dos processos de pensamento.” (Freud 1901, p. 640)¹⁸³

Pelo contrário, para Bion, diria que sonhar é uma muito especial e profunda forma de pensar, um modo de *pré-pensar*, no sentido em que não havendo sonho, não haverá pensamento.

Ogden observa esta questão de um modo particularmente interessante:

“(…) nem todos os acontecimentos psíquicos que ocorrem durante o sono (mesmo aqueles expressos em imagens visuais, que recordamos quando acordamos) merecem o nome de ‘sonho’. (...) Apesar de destes fenómenos que ocorrem durante o sono parecerem ser sonhos, não envolvem qualquer trabalho psicológico inconsciente – o trabalho do sonho – que resulta em crescimento psicológico. Podemos alucinar durante toda a vida, sem que o mais leve trabalho psicológico tenha alguma vez sido feito.” (Ogden 2003, p. 19)¹⁸⁴

E é este “trabalho”, e o que pode dizer acerca do nosso funcionamento interno, o que aqui realmente merece toda a nossa atenta observação.

No mesmo artigo, Ogden acrescenta que:

“Sonhar, como é agora concebido, cria o consciente e o inconsciente, e mantém a diferença entre os dois.” (Ogden 2003, p. 20)¹⁸⁵

¹⁸³ “*I am led to regard the dream as a sort of substitute for the thought-processes (...).*” (Freud 1901, p. 640)

¹⁸⁴ “*(...) not all psychic events occurring in sleep (even those events in visual imagistic form that we remember on waking) merit the name ‘dream’. (...) Though these phenomena occurring in sleep may appear to be dreams, they involve no unconscious psychological work—the work of dreaming—which results in psychological growth. One can hallucinate for a lifetime without the slightest bit of psychological work being done.*” (Ogden 2003, p. 19)

¹⁸⁵ “*Dreaming, as it is being newly conceived, creates consciousness and unconsciousness and maintains the difference between the two.*” (Ogden 2003, p. 20)

Poderia substituir, nesta frase, a palavra “sonhar” por “barreira de contacto” de acordo com o que foi dito acima, em que afirmei que sonhar é a actividade da função- α .

É por essa razão que aqui considero em particular as actividades do pensamento e do sonho – Bion concentra o seu pensamento no modo como a mente funciona relativamente às emoções, tornando absolutamente essencial nesta discussão considerarmos as actividades de sonhar (como a fonte dos pensamentos) e de pensar (como a capacidade em lidar com pensamentos) ao lidarmos com a noção de Bion de barreira de contacto como a fundamental guardiã da saúde mental.

Coloca-se agora uma questão da maior importância: que uso, quer filosófico quer clínico podemos fazer deste conceito? Quanto ao plano clínico, podemos ler a seguinte observação de Bion:

“A barreira de contacto manifestar-se-à clinicamente – se, de facto, ela se manifesta de todo – como algo semelhante aos sonhos.” (Bion 1962a, p. 26)¹⁸⁶

Tentemos pois, agora, tornar toda esta questão mais clara, recorrendo a exemplos, tanto da clínica como da nossa experiência do dia-a-dia. Começemos por considerar novamente elementos do caso ‘Dick’, pois penso que será mais claro se usarmos uma referência já aqui conhecida. Relembremos alguns aspectos clínicos: Dick era um rapaz com quatro anos de idade, severamente perturbado e com um diagnóstico de autismo. O seu desenvolvimento intelectual e de vocabulário seriam considerados normais para uma criança com menos de dois anos. Mostrava uma total incapacidade na comunicação verbal, limitando-se a produzir frases ininteligíveis e sons sem sentido. Ao fim de pouco tempo de trabalho de análise, começou a ser possível transformar esta situação e, não obstante ainda exibir uma deficiente capacidade de simbolização e de contacto com a realidade, Dick oferece-nos este extraordinário exemplo de riqueza interior já anteriormente citado:

¹⁸⁶ “*The contact-barrier may be expected to manifest itself clinically – if indeed it is manifest at all – as something that resembles dreams.*” (Bion 1962a, p. 26)

“(…) um dia em que Dick viu algumas aparas de lápis no meu colo disse ‘Pobre Sr^a Klein’.” (Klein 1930, p. 227)¹⁸⁷

Mas, porquê citar novamente esta passagem? Precisamente para que seja visível que, todos estes complexos aspectos da vida mental que temos aqui considerado estão intimamente relacionados e, num mesmo pequeno exemplo clínico, é possível vê-los de forma viva – as fragilidades; as lacunas; os progressos; as perturbações; o surgimento da *awareness*; o funcionamento da função- α ; a operação da barreira de contacto; e em geral os elementos transversais e observáveis em cada um de nós. O plano que presentemente nos interessa é a barreira de contacto – de que modo é que este exemplo lhe serve de ilustração?

Ao invés do pensamento e das palavras de Dick serem de uma natureza absolutamente *concreta*, isto é, sem qualquer distinção entre fantasia e realidade – como tipicamente se observa em pacientes psicóticos – precisamente por uma dificuldade em fantasiar, ou, de acordo com o pensamento de Bion, por uma dificuldade em tornar inconscientes certas ideias, Dick revela agora uma capacidade na criação de fantasias inconscientes e na distinção entre estas e a realidade. Dick mostra claramente ter noção de que não é *verdadeiramente* o corpo de Klein que havia sido torturado pelo afia lápis, ao mesmo tempo que é capaz de exprimir em palavras claras a sua fantasia. Portanto, Dick começa a ser capaz de *criar o seu inconsciente e de o usar*, isto é, começa a ter uma barreira de contacto funcional.

Assim, a barreira de contacto, isto é, esse *algo* em nós que permite a existência e sobrevivência do consciente e do inconsciente, não está apenas presente em cada momento das nossas vidas – estou convicto de que se manifesta clinicamente, e essas manifestações poderão fornecer preciosas indicações ao analista acerca da qualidade da contenção e da gestão de emoções e possíveis dificuldades *digestivas* do analisando. A noção de barreira de contacto, estando presente na mente do analista, poderá ser uma ferramenta fundamental ao mostrar a realidade efectiva da “relegação” para o inconsciente de algum pensamento ou ideia, ou do facto de algum outro

¹⁸⁷ “(…) *once when Dick saw some pencil shavings on my lap he said ‘Poor Mrs. Klein’.*” (Klein 1930, p. 227)

elemento *passar* ao consciente e, em geral, do modo como este fluir ocorre na mente do analisando.

Por outro lado, no plano filosófico, como vimos, são potencialmente muito relevantes as consequências do pensamento de Bion a este respeito, tanto na observação epistemológica como antropológica. Neste sentido, tentemos ainda tornar esta questão mais clara, recorrendo a um exemplo comum a todos nós, já acima referido: o sonho. Esta é uma experiência que todos temos, e que poderemos agora observar à luz do conceito de barreira de contacto. Há dois pontos que dificilmente serão objecto de contestação: os sonhos são em geral constituídos por recordações, fantasias, desejos, medos, frustrações e anseios; e a actividade onírica é inconsciente. Se tivermos em conta o que reflectimos até aqui, chegaremos facilmente à noção de que é a barreira de contacto que gere a nossa actividade onírica, e que também gere a possibilidade de nos recordarmos dos sonhos, isto é, do conteúdo de alguns sonhos ser trazido à consciência.

Concluo esta sequência de reflexões, sublinhando um aspecto que penso ser da maior importância: relativamente a todas estas questões que temos visto, não se trata de *acreditar* que as coisas se passam deste modo; trata-se, antes, de nos deixarmos mudar interiormente de modo a que possamos *vê-las* como elas, de facto, se mostram.

É neste sentido que penso que o conceito de barreira de contacto deveria passar a ser seriamente considerado, tanto no plano clínico – em que o conceito de barreira de contacto poderia constituir-se como uma importante ferramenta interpretativa – como no plano filosófico, em que o conceito de barreira de contacto poderia igualmente constituir-se como uma importante ferramenta conceptual no modo de (re)pensar o homem, as suas relações com os objectos e as suas manifestações.

Conclusão

Em conclusão, gostaria agora de rever e sublinhar os quatro grandes tópicos que compõem este trabalho.

O primeiro tópico refere-se à natureza fundamental desta tese. Espero ter contribuído para uma leitura do conceito de barreira de contacto de Bion, tanto como um conceito muito importante para o pensamento e prática clínica da psicanálise, como também contribuindo para uma perspectiva enriquecida do pensamento filosófico quanto aos fenómenos mentais – a dinâmica entre consciente e inconsciente, exposta através deste conceito, poderá talvez ser considerada através de uma perspectiva filosófica, com importantes consequências, quer no plano epistemológico, quer no plano hermenêutico.

O segundo tópico representa um olhar e um pensamento mais abrangentes acerca da questão da nossa relação com os mundos interno e externo, e em que medida o conceito de barreira de contacto de Bion aí se insere. Este foi, seguramente, um dos temas a suscitar maior discussão nas investigações acerca da natureza humana, desde há muitos séculos. Como vimos, o trabalho de Kant acerca da natureza do sujeito do conhecimento é observado neste trabalho como tendo sido particularmente inspirador, considerando que o objecto é *verdadeiramente dependente* do sujeito – a estrutura da intuição e a própria concepção de objecto, transformaram indelevelmente qualquer posterior investigação acerca do Homem.

Como mencionei no capítulo IV - onde reflecti acerca do seu trabalho sobre a natureza do númeno e a distinção entre fenómeno e númeno – o modo como Kant observa a natureza *incognoscível* do objecto pelo sujeito, ou antes, o modo limitado pelo qual o sujeito é capaz de obter conhecimento do objecto, representa não apenas um passo crucial no progresso da epistemologia, mas também um ponto de viragem decisivo no pensamento humano no que respeita à posição individual de cada homem no mundo - do que sente e não sente, do que compreende e não compreende, e do que conhece e não conhece.

Diria que este assunto nos aparece, de um modo concentrado, na frase citada anteriormente¹⁸⁸ que Kant escreve na famosa carta a Marcus Herzz em 1772. Mesmo considerando que a noção de *realidade psíquica* foi uma descoberta de

¹⁸⁸ Cf. referência na p. 131

Freud que nos foi apresentada mais de cem anos depois, o trabalho de Kant realiza esta decisiva mudança de direcção interior, ao considerar como central a *criatividade* do sujeito na sua relação com o mundo. Relativamente ao que Kant considera ser o seu “*novo método de pensamento*”, podemos aqui reler no Prefácio á segunda edição da *Crítica da Razão Pura*:

“(…) só conhecemos *a priori* das coisas o que nós mesmos nelas pomos.”(Kant 1787, BXVIII, p. 21)

Esta passagem mostra-nos uma extraordinariamente lúcida intuição acerca da natureza da estrutura intrínseca do sujeito na sua relação com o objecto – podemos conceber conceitos e ideias revolucionárias como *projecção; objecto interno; narcisismo*; etc. sem um tal primordial passo de gigante? Diria mais, as próprias investigações da psicanálise, desde o seu início, exprimem constantemente essa ideia de que o que é mais fundamental de tentar conhecer acerca das coisas, é exactamente “*o que nós mesmos pomos nelas*”. Não se trata, contudo, de considerar que o trabalho de Kant *antecipa* as descobertas de Freud – tal seria, creio, um engano – constituindo, de qualquer modo, um contributo crucial para o progresso do pensamento humano em sentido lato, sem o qual, dificilmente se teriam reunido as condições que conduziram Freud às suas descobertas revolucionárias e ao nascimento da psicanálise. O trabalho psicanalítico, desde Freud, relaciona-se de certo modo com este mesmo problema fundamental, se bem que com uma direcção e alcance muito diferentes – o problema que advém da identificação desta aparentemente dupla verdade: por um lado, a maior e mais importante *área mental* em todos nós é inconsciente; por outro lado, estamos constantemente a projectar e a introjectar elementos e objectos. Este quadro tem constituído, desde Freud, um convite a focarmos a nossa atenção, quer no sentido de sermos capazes de um reconhecimento desta verdade, como também no sentido de prosseguir a sua investigação. Todo este problema que, tal como o considero, também contém o referido problema kantiano, está também presente na obra de Bion, que o observa de um modo peculiar:

“(…) em qualquer ponto da análise, a proporção do que é conhecido em relação ao que é desconhecido para nós, é muito pequena. Assim, o

aspecto dominante de uma sessão é a personalidade desconhecida, e não o que o analisando ou analista acham que sabem. Todo o progresso analítico expõe a necessidade de investigação posterior. Há uma 'coisa-em-si', que nunca poderá ser conhecida (...)."(Bion 1970, p. 87)¹⁸⁹

O meu objectivo, considerando este largo tópico, foi o de expor o conceito de inconsciente, tal como Freud o descobriu e pensou, e igualmente o pensamento de Bion a este respeito, de modo a integrar melhor o modo como surge o conceito de Bion de barreira de contacto.

O terceiro tópico refere-se à apresentação do conceito de barreira de contacto. Aqui, o meu objectivo foi o de apresentar uma leitura do pensamento e palavras de Bion acerca deste conceito, e igualmente o de apresentar uma perspectiva pessoal. Tentei exprimir porque considero ser este conceito da maior importância para um entendimento desta impressionante dinâmica da inter-relação entre o consciente e o inconsciente, tal como Bion o vê.

A minha tese representa uma tentativa de passagem deste terceiro para o quarto tópico, a saber: a novidade introduzida pelo conceito de barreira de contacto no que respeita ao entendimento da consciência, e da importância clínica e possível uso deste conceito, bem como as consequências a retirar desta novidade no que respeita ao modo de conceber o acto de pensar, e da consciência enquanto agente de atribuição de sentido.

Como vimos através de variados exemplos clínicos, a barreira de contacto, sendo uma abstracção realizada a partir da experiência de observação clínica, pode ser um importante aliado na compreensão dos processos mentais, conscientes e inconscientes, e do papel central das emoções na vida mental.

Para além dos exemplos aqui mostrados, e da sua interpretação mais formal e reflexiva, podemos também verificar, na clínica de todos os dias, uma série de exemplos do funcionamento da barreira de contacto. A qualidade da dinâmica que cada paciente exhibe na passagem de elementos inconscientes à

¹⁸⁹ "(...) at any point in the analysis the proportion of what is known to what is unknown is small. Therefore the dominant feature of a session is the unknown personality and not what the analysand or analyst thinks he knows. All psycho-analytic progress exposes a need for further investigation. There is a 'thing-in-itself', which can never be known (...)." (Bion 1970, p. 87)

consciência, e vice-versa, fornecem-nos elementos preciosos para irmos podendo aferir da maior ou menor saúde do seu processamento emocional, isto é, da qualidade de funcionamento da sua função- α .

Se é verdade que a psicanálise, no seu início, reconhecia como sendo a sua principal função clínica o trazer à consciência elementos que, em virtude da sua natureza traumática, teriam sido reprimidos e *encarcerados* no inconsciente, é também verdade que, se bem que elaborada de outro modo, esta noção ainda subsiste. O que gostaria de sublinhar é o facto de que as descobertas de Bion, em particular o funcionamento da função- α e o conceito de barreira de contacto, abrem consideravelmente o leque de observação. O movimento de *trazer à consciência* elementos inconscientes, para que possam ser pensados e elaborados de modo criativo, continua a ter para Bion uma importância determinante, mas ainda mais determinante para o trabalho psicanalítico é o de **observar a dinâmica do funcionamento emocional de cada paciente e do analista**. Deste modo, diria que é igualmente importante a observação do movimento de *levar à inconsciência* elementos conscientes quando o equilíbrio emocional assim o exige – e essa exigência é constantemente observável em cada um de nós.

Neste sentido, podemos dizer que o conceito de barreira de contacto nos mostra, não apenas o que possivelmente poderão ser novas abordagens clínicas, mas também novos e férteis elementos para o pensamento filosófico. De entre estas novas possibilidades, destacaria algumas propostas de investigação futura: no plano psicanalítico, aprofundar a recolha de dados clínicos que mostram o funcionamento da barreira de contacto e, tentando *seguir o trilho emocional* do paciente, acrescentar assim o que poderá constituir um importante reforço da estrutura interpretativa da psicanálise. Por outro lado, no plano filosófico, o desenvolvimento de um pensamento hermenêutico tendo em conta o que Bion pensa, e mostra, quanto ao funcionamento da função- α e, em particular, da barreira de contacto – de que modo é que podem ser repensados a concepção de consciência; a atribuição de sentido a cada objecto de experiência; e a possibilidade de auto-determinação do Homem no mundo.

BIBLIOGRAFIA

A Bibliografia deste trabalho divide-se em três partes:

1. A primeira parte – **Referências Primárias** – compreende as principais obras utilizadas do autor central desta tese, Wilfred Bion, e da obra mais relevante neste âmbito da principal referência filosófica aqui considerada, Immanuel Kant. Estão indicadas as edições canónicas das obras completas, bem como de outras edições utilizadas no presente trabalho.
2. A segunda parte – **Referências Secundárias** – compreende as obras utilizadas neste trabalho que foram consideradas essenciais para a compreensão dos problemas aqui trabalhados. Estão aqui incluídas as principais obras do âmbito da psicanálise, quer na forma de livro quer na de artigo, que abordam os assuntos centrais em discussão neste trabalho. Inclui igualmente as referências do âmbito da filosofia, consideradas mais relevantes no decurso desta investigação.
3. A terceira parte – **Referências Complementares** – compreende um conjunto de obras que considero serem elementos importantes para ajudar a uma compreensão dos pontos de vista e da argumentação desta tese. Estão aqui incluídas referências a obras de ambos os domínios, psicanálise e filosofia, bem como de ainda outras áreas de investigação, cujo estudo contribuiu para aclarar os pontos de demarcação e de contacto entre psicanálise e filosofia e, por outro lado, para uma reflexão mais unívoca acerca de um tema que diz respeito a ambas.

Referências Primárias

BION, W; (2014) *The Complete Works of Wilfred Bion*, Ed. C. Mawson & F. Bion, Karnac Books, Londres, 2014

BION, W; (1959) "Attacks on Linking" in *Second Thoughts*, Karnac Books, Londres, 2007, p. 93-109

BION, W; (1962a) *Learning From Experience*; Karnac Books, Londres, 2007

BION, W; (1962b) "A Theory of Thinking" in *Second Thoughts*, Karnac Books, Londres, 2007

BION, W; (1963) *Elements of Psychoanalysis*, Karnac Books, Londres, 2005

BION, W; (1965) *Transformations*, Karnac Books, Londres, 1984

BION, W; (1970) *Attention and Interpretation*, Karnac Books, Londres, 2007

BION, W; (1975) "Brasilia 1975" in *Clinical Seminars and Other Works*, Karnac Books, Londres, 1994, p. 312-320

BION, W; (1976) "Evidence" in *Clinical Seminars and Other Works*, Karnac Books, Londres, 1994, p. 312-320

BION, W; (1992) *Cogitations*; Karnac Books, Londres, 1992

BION, W; (2005) *The Tavistock Seminars*; Karnac Books, Londres, 2005

BION, W; (2013) *Los Angeles Seminars and Supervision*, Karnac Books, Londres, 2013

KANT, I; (1770-1787) *Kant's gesammelte Schriften*, herausgegeben von der Königlich Preussischen Akademie der Wissenschaften. Berlin, Walter de Gruyter, 1968

KANT, I; (1781), (1787) *Crítica da Razão Pura*; Trad. M. Pinto dos Santos e A. Fradique Morujão, Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa, 1994

Referências Secundárias

BREUER, J; (1893-1895) *Studies on Hysteria in The Standard Edition of the Complete Works of Sigmund Freud*, ed. James Strachey et al. The Hogart Press, Londres, 1966, Vol.2

DE MASI, F; (2003) “On the Nature of Intuitive and Delusional Thought: Its Implications in Clinical Work with Psychotic Patients” *in International Journal of Psycho-Analysis*, 2003, Vol. 84, p. 1149-1169

DE MASI, F; (2009) *Vulnerability to Psychosis*, Karnac Books, Londres, 2009

DE MASI, F; (2015) *Working With Difficult Patients*, Karnac Books, Londres, 2015

FREUD, S; (1886) “Report on my Studies in Paris and Berlin” *in The Standard Edition of the Complete Works of Sigmund Freud*, ed. James Strachey et al. The Hogart Press, Londres, 1966, Vol. 1, p. 3-15

FREUD, S; (1886) “Preface to the Translation of Charcot’s *Lectures on the Diseases of the Nervous System*” *in The Standard Edition of the Complete Works of Sigmund Freud*, ed. James Strachey et al. The Hogart Press, Londres, 1966, Vol. 1, p. 19-22

FREUD, S; (1893) “Charcot” *in The Standard Edition of the Complete Works of Sigmund Freud*, ed. James Strachey et al. The Hogart Press, Londres, 1962, Vol.3, p. 9-23

FREUD, S; (1893) “On the Psychical Mechanism of Hysterical Phenomena: A Lecture” in *The Standard Edition of the Complete Works of Sigmund Freud*, ed. James Strachey et al. The Hogart Press, Londres, 1962, Vol. 3, p. 26-39

FREUD, S; (1893-1895) *Studies on Hysteria* in *The Standard Edition of the Complete Works of Sigmund Freud*, ed. James Strachey et al. The Hogart Press, Londres, 1955, Vol. 2

FREUD, S; (1895) *Project For a Scientific Psychology* in *The Standard Edition of the Complete Works of Sigmund Freud*, ed. James Strachey et al. The Hogart Press, Londres, 1966, Vol. 1, p. 283-430

FREUD, S; (1900) *The Interpretation of Dreams* in *The Standard Edition of the Complete Works of Sigmund Freud*, ed. James Strachey et al. The Hogart Press, Londres, 1953, Vols. 4, 5, p. 339-627

FREUD, S; (1901a) “On Dreams” in *The Standard Edition of the Complete Works of Sigmund Freud*, ed. by James Strachey et al. The Hogart Press, Londres, 1953, Vol. 5, p. 631-751

FREUD, S; (1901b) “Fragment of an Analysis of a Case of Hysteria” in *The Standard Edition of the Complete Works of Sigmund Freud*, ed. James Strachey et al. The Hogart Press, Londres, 1953, Vol. 7, p. 3-122

FREUD, S; (1911a) “Formulations on the two Principles of Mental Functioning” in *The Standard Edition of the Complete Works of Sigmund Freud*, ed. James Strachey et al. The Hogart Press, Londres, 1958, Vol. 12, p. 215-226

FREUD, S; (1911b) “On Psycho-Analysis” in *The Standard Edition of the Complete Works of Sigmund Freud*, ed. James Strachey et al. The Hogart Press, Londres, 1958, Vol. 12, p. 206-211

FREUD, S; (1912a) “The Dynamics of Transference” in *The Standard Edition of the Complete Works of Sigmund Freud*, ed. James Strachey et al. The Hogart Press, Londres, 1958, Vol. 12, p. 98-108

FREUD, S; (1912b) “A Note on the Unconscious in Psycho-Analysis” in *The Standard Edition of the Complete Works of Sigmund Freud*, ed. James Strachey et al. The Hogart Press, Londres, 1958, Vol. 12, p. 257-266

FREUD, S; (1914) “On the History of the Psycho-Analytic Movement” in *The Standard Edition of the Complete Works of Sigmund Freud*, ed. James Strachey et al. The Hogart Press, Londres, 1957, Vol.14, p. 3-66

FREUD, S; (1915a) “The Unconscious” in *The Standard Edition of the Complete Works of Sigmund Freud*, ed. James Strachey et al. The Hogart Press, Londres, 1957, Vol.14, p. 161-215

FREUD, S; (1915b) “Repression” in *The Standard Edition of the Complete Works of Sigmund Freud*, ed. James Strachey et al. The Hogart Press, Londres, 1957, Vol.14, p. 143-158

FREUD, S; (1916-1917) “Introductory Lectures on Psycho-Analysis – Part III” in *The Standard Edition of the Complete Works of Sigmund Freud*, ed. James Strachey et al. The Hogart Press, Londres, 1963, Vol.16

FREUD, S; (1917) "A Difficulty in the Path of Psycho-Analysis" in *The Standard Edition of the Complete Works of Sigmund Freud*, ed. James Strachey et al. The Hogart Press, Londres, 1955, Vol.17, p. 136-144

FREUD, S; (1923a) *The Ego And the Id* in *The Standard Edition of the Complete Works of Sigmund Freud*, ed. James Strachey et al. The Hogart Press, Londres, 1961, Vol. 19, p. 3-66

FREUD, S; (1923b) "A Short Account of Psycho-Analysis" in *The Standard Edition of the Complete Works of Sigmund Freud*, ed. James Strachey et al. The Hogart Press, Londres, 1961, Vol. 19, p. 190-209

FREUD, S; (1924) "The Resistances to Psycho-Analysis" in *The Standard Edition of the Complete Works of Sigmund Freud*, ed. James Strachey et al. The Hogart Press, Londres, 1961, Vol. 19, p. 212-224

FREUD, S; (1925) "Josef Breuer" in *The Standard Edition of the Complete Works of Sigmund Freud*, ed. James Strachey et al. The Hogart Press, Londres, 1961, Vol. 19, p. 278-280

FREUD, S; (1926) "The Question of Lay Analysis – Conversations with an Impartial Person" in *The Standard Edition of the Complete Works of Sigmund Freud*, ed. James Strachey et al. The Hogart Press, Londres, 1959, Vol. 20, p. 179-258

FREUD, S; (1932) "New Introductory Lectures on Psycho-Analysis" in *The Standard Edition of the Complete Works of Sigmund Freud*, ed. James Strachey et al. The Hogart Press, Londres, 1960, Vol. 22, p. 3-182

FREUD, S; (1938) “An Outline of Psycho-Analysis” in *The Standard Edition of the Complete Works of Sigmund Freud*, ed. James Strachey et al. The Hogart Press, Londres, 1964, Vol. 23, p. 140-207

FREUD, S; (1990) *Letters of Sigmund Freud*, ed. E. L. Freud, Dover Publications, Nova York, 1990

GROTSTEIN, J; (2004), “The Light Militia of the Lower Sky: The Deeper Nature of Dreaming and Phantasying” in *Psychoanalytic Dialogues*, 2004; Vol. 14, p. 99-118

GROTSTEIN, J; (2009), Dreaming as a ‘curtain of illusion’: Revisiting the ‘royal road’ with Bion as our Guide” in *International Journal of Psychoanalysis*, 2009; Vol. 90, p. 733-752

ISAACS, S; (1943) “The Nature and Function of Phantasy”, in *The Freud-Klein Controversies 1941-1945*, ed. King & R. Steiner, Tavistock/Routledge, Londres, 1991

KANT, I; (1985) *Dissertação de 1770 - Carta a Marcus Herz*, Trad. Leonel Ribeiro dos Santos, António Marques, INCM, Lisboa, 1985

KANT, I; (1999) *Correspondence*, Ed. e Trad. A. Zweig, Cambridge University Press, 1999

KANT, I; (1793) “Sobre a Expressão Corrente: Isto Pode Ser Correcto na Teoria, Mas Nada Vale na Prática”, in *A Paz Perpétua e Outros Opúsculos*, Trad. Artur Morão, Edições 70, Lisboa, 1992

KLEIN, M; (1930) “The Importance of Symbol-Formation in the Development of the Ego” in *Love, Guilt and Reparation*, Vintage, Londres, 1998

KLEIN, M; (1932) *The Psycho-Analysis of Children*, Vintage, Londres, 1998

KLEIN, M; (1952) "The Origins of Transference" in *Envy and Gratitude and Other Works*, Vintage, Londres, 1998

KOHON, S; (2014) "Making contact with the primitive mind: The Contact-Barrier, Beta-Elements and the Drives" in *International Journal of Psychoanalysis*, 2014, Vol. 95, p. 245-270

MELTZER, D; (1978a) *Freud's Clinical Development, in Kleinian Development*, Karnac Books, Londres, 1998

MELTZER, D; (1978b) *The Clinical Significance of the Work of Bion, in Kleinian Development*, Karnac Books, Londres, 1998

MELTZER, D; (1986) *Studies in Extended Metapsychology*, Karnac Books, Londres, 2009

MELTZER, D; (1987) "Concerning the Distinction Between Conflicts of Desire and Paradoxes of Thought" in *Sincerity and Other Works*, Karnac Books, Londres, 2005

MELTZER, D. & WILLIAMS, M; (1988) *The Apprehension of Beauty*, Karnac Books, Londres, 2008

OGDEN, T; (2003) "On Not Being Able to Dream" in *International Journal of Psycho-Analysis*, 2003, Vol. 84, p. 17-30

OGDEN, T; (2007) "Elements of Analytic Style: Bion's Clinical Seminars" in *International Journal of Psycho-Analysis*, 2007, Vol. 88, p. 1185-1201

O'SHAUGHNESSY, E; (1994) "What is a Clinical Fact?" in *International Journal of Psycho-Analysis*, 1994; Vol. 75, p.939-947

PROENÇA, N.M; (2008) *Qu'est-ce que l'objectivation en psychanalyse? – Sept lectures de Freud*, L'Harmattan, Paris, 2008

RICOEUR, P; (1965) *De L'Interprétation – Essai Sur Freud*, Le Seuil, Paris, 1965

RICOEUR, P; (1969) *O Conflito das Interpretações*, Trad. M.F. Sá Correia, Rés, Porto, 1989

RICOEUR, P; (1977) "The Question of Proof in Freud's Psychoanalytic Writings" in *Journal of the American Psychoanalytic Association*, 1977; Vol. 25, p.835-871

SARFIELD CABRAL, M; (1998) *Pensar a Emoção – O Processo Psicanalítico Como Reconstrução da "Barreira de Contacto"*, Fim de Século, Lisboa, 1998

SCHNEIDER, J; (2010) "From Freud's Dream-Work to Bion's Work of Dreaming: The Changing Conception of Dreaming in Psychoanalytic Theory" in *International Journal of Psychoanalysis*, 2010, Vol. 91, p. 521-540

SEGAL, H; (1957) "Notes on Symbol Formation" in *International Journal of Psycho-Analysis*, 1957, Vol. 38, p. 391-397

SPILLIUS, E; (2001) "Freud and Klein on the Concept of Phantasy" in *International Journal of Psycho-Analysis*, 2001, Vol. 82, p. 361-373

STRACHEY, J; (1953-1974) *The Standard Edition of the Complete Works of Sigmund Freud*, Tradução, Edição, Introduções e Comentários, The Hogart Press , Londres, 1953-1974

TEISING, M; (2005) “Permeability and Demarcation in the Psychoanalytic Process: Functions of the Contact-Barrier” *in International Journal of Psycho-Analysis*, 2005, Vol. 86, p. 1627-1644

Referências Complementares

ARISTÓTELES; *Sobre a Alma*, Trad. Ana Maria Lóio, Centro de Filosofia da Universidade de Lisboa, INCM, 2010

ASSOUN, P; (1995) *Freud, La Philosophie et les Philosophes*, Quadrige, PUF, Paris, 1995

BARATA, A; (2008) “O outro e a relação. O contributo das fenomenologias da intersubjectividade” in *Phainomenon – revista de fenomenologia*, n.º 16/17 (2008), p. 295-313

BOHR, N; (1958) *Atomic Physics and Human Knowledge*, John Wiley & Sons, Inc, Nova York, 1958

BORGES-DUARTE, I; (2010) “Realidade e Senso Comum em Kant” in L.R. dos Santos *et alii* (Org.): *Was ist der Mensch?/ O que é o Homem? Antropologia, Estética e Teleologia em Kant*, Lisboa C.F.U.L., 2010, p. 219-231

BORGES-DUARTE, I; (2013) “A filosofia fenomenológica ante o desafio clínico”. Manuscrito inédito da conferência pronunciada no contexto do *Seminário Permanente de Fenomenologia: Fenomenologia e Clínica*, Universidade de Évora, 15/02/2013

BORGES-DUARTE, I; (2014) “O Pai devorador de seus filhos. Do mito de Saturno à interpretação fenomenológica e analítica do tempo.” In Rosa, C.D

(Org.): *E o Pai? Uma abordagem winnicottiana*. São Paulo, DWWe, 2014, p. 191-213

COPÉRNICO, N; (1543) *As Revoluções dos Orbes Celestes*, Trad. A. Dias Gomes e G. Domingues, Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa, 1984

DARWIN, C; (1871) *The Descent of Man, and Selection in Relation to Sex*, John Murray, Londres, 1871

ELLENBERGER, H; (1970) *The Discovery of the Unconscious*, BasicBooks, Nova York, 1994

FERRO, A; (2005) “Bion: Theoretical and clinical observations” in *International Journal of Psychoanalysis*, Vol. 86, p. 1535-1542

FERRO, A; (2006) “Trauma, Reverie, and The Field” in *Psychoanalytic Quarterly*, 2006; Vol. 75, p. 1045-1056

FFYTCHÉ, M; (2012) *The Foundation of the Unconscious – Schelling, Freud and the birth of the modern psyche*, Cambridge University Press, 2012

GRUNBAUM, A; (1990) “The Psychoanalytic Enterprise in Scientific Perspective” in *Scientific Theories*, C. Wade Savage (ED.), Vol. 14, Minnesota Studies in the Philosophy of Science, University of Minnesota Press, 1990, p. 41-58

GUYER, P; (1987) *Kant and the Claims of Knowledge*, Cambridge University Press, 1987

KEMP SMITH, N; (1984) *A Commentary to Kant's 'Critique of Pure Reason'*;
The Macmillan Press Ltd., Londres, 1984

KUHN, T; (1957) *The Copernican Revolution*, Harvard University Press, 1985

KUHN, T; (1962) *The Structure of Scientific Revolutions*, The University of
Chicago Press, 1996

McGRATH, S.J; (2010) "Schelling on the Unconscious" *in Research in
Phenomenology*, 40, 2010

McGRATH, S.J; (2012) *The Dark Ground of Spirit – Schelling and the
Unconscious*, Routledge, Hove, 2012

NICHOLLS, A. & LIEBSCHER, M; (2010) *Thinking the Unconscious –
Nineteenth-Century German Thought*, Cambridge University Press, 2010

ROSENBAUM, M; (1984) "Anna O. (Berta Pappenheim): Her History *in Anna
O. Fourteen Contemporary Reinterpretations*, Rosenbaum, M & Muroff, M;
(ed.), The Free Press, Nova York, 1984

SHAKESPEARE, W; *A Tragédia de Otelo, O Mouro de Veneza*, Trad. M.
Resende, Relógio D'Água, Lisboa, 2010

WEINERT, F; (2009) *Copernicus, Darwin & Freud: Revolutions in the History
and Philosophy of Science*, Wiley-Blackwell, Oxford, 2009

YOUNG, C. & BROOK, A; (1994) "Schopenhauer and Freud" *in International
Journal of Psychoanalysis*, 1994, vol. 75, p. 101-118



UNIVERSIDADE DE ÉVORA
INSTITUTO DE INVESTIGAÇÃO
E FORMAÇÃO AVANÇADA

Contactos:

Universidade de Évora
Instituto de Investigação e Formação Avançada - IIFA
Palácio do Vimioso | Largo Marquês de Marialva, Apart. 94
7002-554 Évora | Portugal
Tel: (+351) 266 706 581
Fax: (+351) 266 744 677
email: iifa@uevora.pt